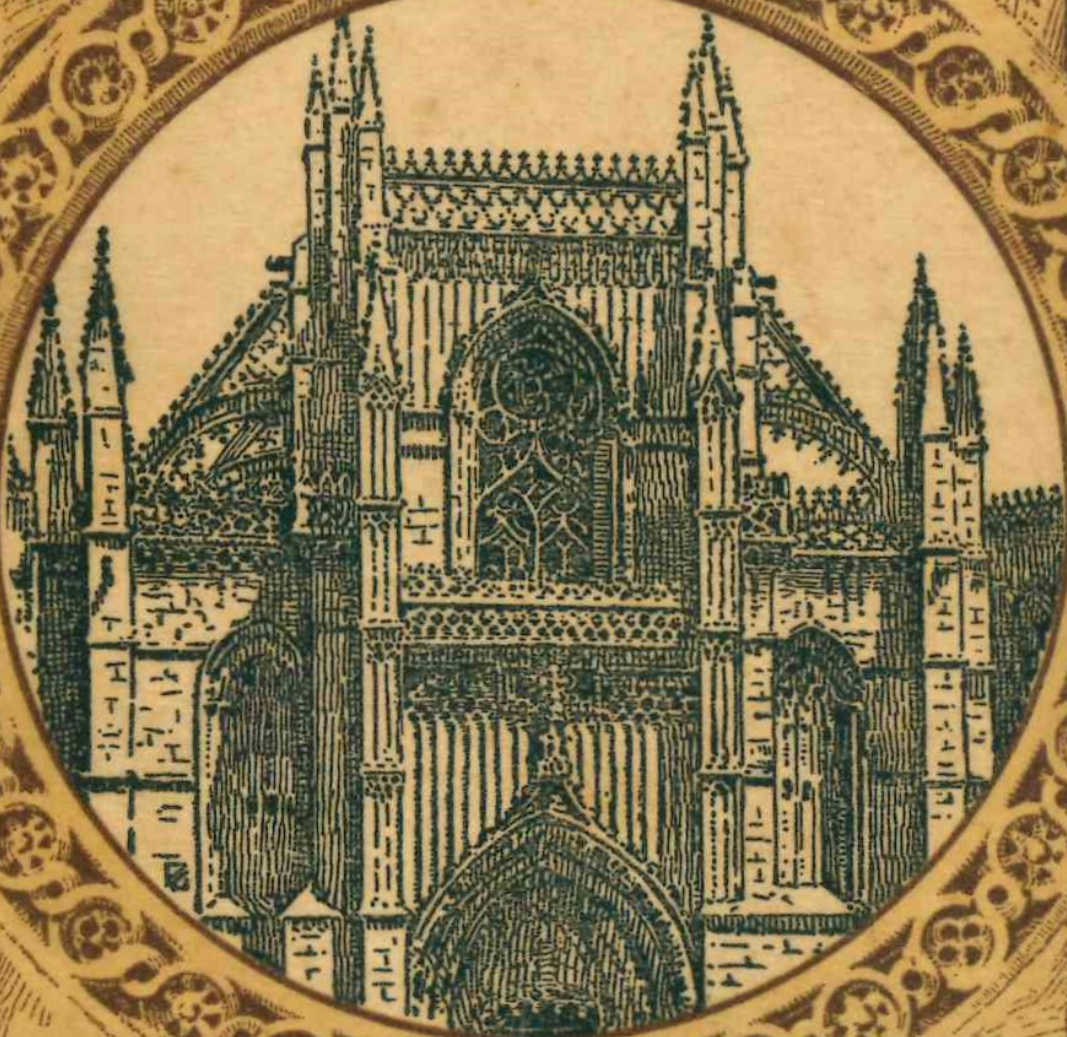


A ARTE EM PORTUGAL



MOSTEIRO DA BATALHA

N.º 12 — 15\$00

1233233

Edição — MARQUES ABREU — PORTO



MOSTEIRO DA BATALHA

DR. PEDRO VITORINO

MOSTEIRO DA BATALHA

TRABALHOS FOTOGRÁFICOS
DE MARQUES ABREU
E AUGUSTO SOUCASAU

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 72904

1950

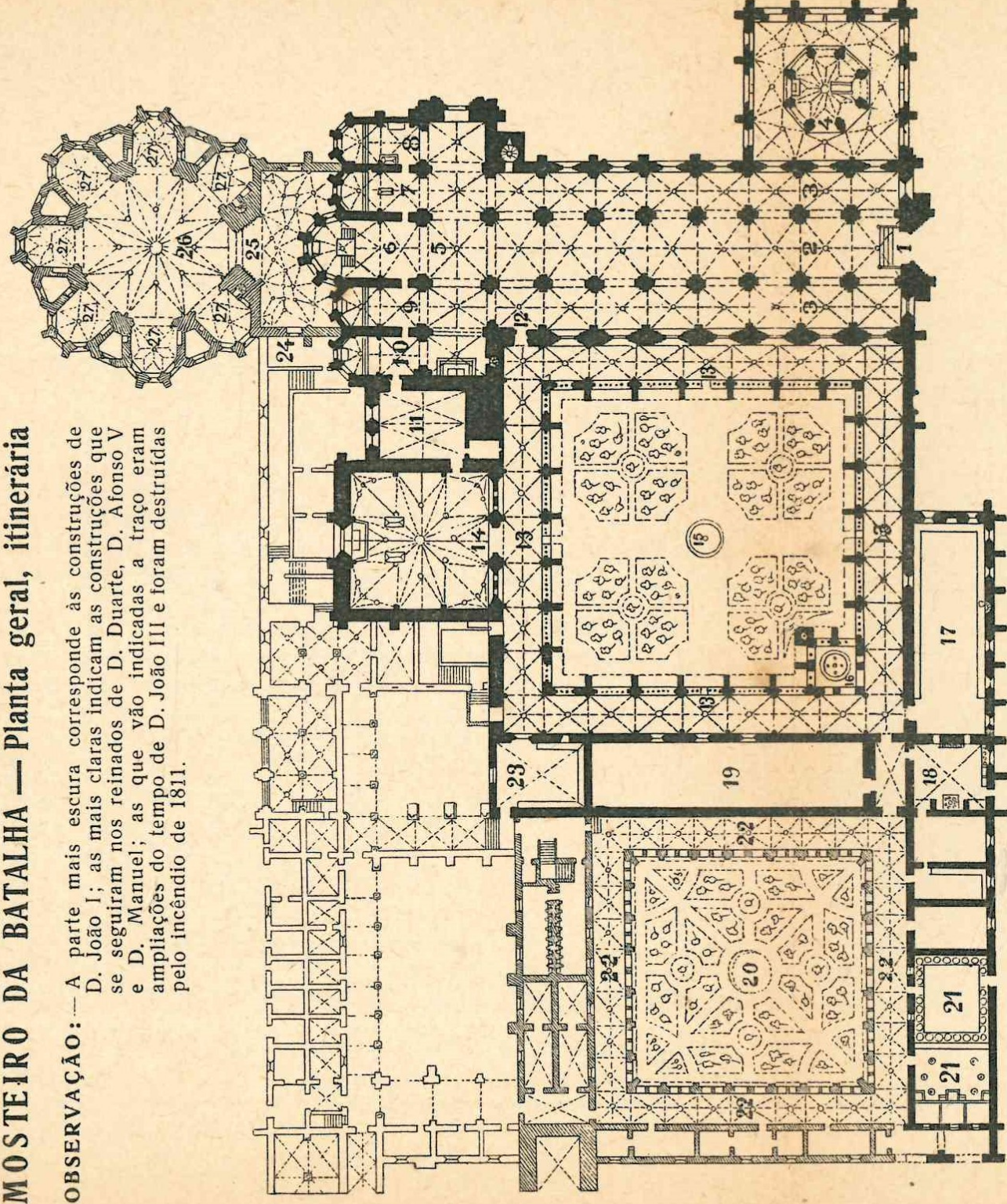
MARQUES ABREU—EDITOR
PORTO

Barcelianes

IMPrensa DAS OFICINAS DE FOTOGRAVURA DE MARQUES ABREU
AVENIDA RODRIGUES DE FREITAS, 310—PORTO

MOSTEIRO DA BATALHA — Planta geral, itinerária

OBSERVAÇÃO:— A parte mais escura corresponde ás construções de D. João I; as mais claras indicam as construções que se seguiram nos reinados de D. Duarte, D. Afonso V e D. Manuel; as que vão indicadas a traço eram ampliações do tempo de D. João III e foram destruídas pelo incêndio de 1811.



- 1 — Entrada principal.
- 2 — Nave central.
- 3 — Naves laterais.
- 4 — Capela do Fundador.
- 5 — Nave do Cruzeiro.
- 6 — Capela-mor.
- 7 — Capela de Nossa Senhora do Pranto.
- 8 — Capela de S. Miguel.
- 9 — Capela de Nossa Senhora do Rosário.
- 10 — Capela de Santa Bárbara.
- 11 — Capela da Sacristia.
- 12 — Entrada do Claustro Real.
- 13 — Claustro Real.
- 14 — Casa do Capitulo, Túmulo do Soldado Desconhecido.

- 15 — Jardim do Claustro Real.
- 16 — Fonte-lavatório.
- 17 — Refeitório — Museu de oferendas ao Soldado Desconhecido.
- 18 — Cosinha.
- 19 — Adega.
- 20 — Jardim do Claustro de D. Afonso V
- 21 — Celeiros.
- 22 — Claustro de D. Afonso V.
- 23 — Sala de D. Fernando.
- 24 — Entrada para as Capelas Imperfeitas.
- 25 — Porta das Capelas Imperfeitas.
- 26 — Nave das Capelas.
- 27 — Capelas funerárias.

O MOSTEIRO DA BATALHA

Origem e fundação. — O mosteiro de Santa Maria da Vitória, vulgarmente denominado da Batalha, é o mais importante monumento de Portugal e um dos mais notáveis da Europa.

Acha-se situado na província da Estremadura, numa pequena vila a que deu o nome, a cerca de doze quilómetros da cidade de Leiria, no recôncavo de um vale por onde corre um fio de água, o rio Lêna.

As próprias circunstâncias da sua origem lhe determinaram o local, sem horizontes que o denunciem a distância. Vê-o quem caminhar para ele; de longe não se mostra. Parece esquivar-se a que o contemplem; por isso a sua sedução é maior.

A Batalha tem um alto significado patriótico: sintetiza a independência nacional.

Foi de facto, num dos momentos mais decisivos do nosso destino como nação livre, que a fé o concebeu, e o braço português num arranco o formou.

Um voto e uma vitória lhe deram o ser.

A 14 de Agosto de 1385 feria-se a batalha de Aljubarrota, que, expulsando o invasor, assegurava o trono ao Mestre de Avis, já eleito pelo povo rei de Portugal. A desproporção das forças, um punhado de milicianos, ardentes de patriotismo,

opondo-se ao enxame castelhano e seus sequazes internos, e o resultado obtido em meia hora de combate, levaram à conta de milagre o sucesso desse dia memorável. D. João I e o Condestável D. Nuno, verdadeiro iluminado, dois jovens, aquele com vinte e sete anos, e este com vinte e quatro, vencendo comandantes experimentados, escreviam uma imorredoura página nos anais militares de todos os tempos e firmavam com acrisolado amor a independência do seu país.

Teve lugar a batalha na véspera da festa da Assunção da Virgem. D. João I houve por bem dedicar a Santa Maria da Vitória o templo que antes do combate prometeu erguer, se triunfasse dos seus inimigos.

Esse templo consagraria a vitória através das gerações.

Não se demorou o rei a dar cumprimento ao piedoso voto.

Embora se desconheça a data exacta em que foi iniciada a obra, sabe-se que estando D. João I no cerco do castelo de Melgaço foi solicitado pelo chanceler Dr. João das Regras e Fr. Lourenço Lampreia, dominicano e seu confessor, para ceder o mosteiro à Ordem de S. Domingos. Tomado o castelo, o rei, de regresso ao sul, estacionou na cidade do Porto, onde em Abril de 1388 passava a respectiva carta de doação.

Por esse tempo já a obra do mosteiro corria, principiada talvez um ano antes.

A escolha do local obedeceu a razões de comunidade, sobretudo à de possuir água corrente, em contraste com a terra circunvizinha de verdadeira charneca, em extremo seca.

Dista apenas três quilómetros de S. Jorge, onde há uma capela votiva, lugar em que se iniciou a batalha.

Era um pinhal pertencente a particulares, «a par da Canoeira», que para o efeito da edificação teve de ser adquirido.

Não foi de ânimo leve que se fez a construção; desejando D. João I levantar um edifício majestoso, digno do acto que memorava, «chamou de longes terras os mais célebres architectos», no dizer do cronista, para os ouvir e orientar-se antes de se resolver à entrega da obra. Todavia a escolha recaiu num português, Afonso Domingues, natural de Lisboa, nome que aparece à cabeça na cronologia dos architectos da Batalha.

A sua missão cumpriu-a tão bem este artista, que a fama lhe ficou imorredoura.

Diz-se que Afonso Domingues defendeu em Aljubarrota a integridade da pátria. É de crer que sim. O monumento, que eternizaria o feito portentoso, reflecte limpidamente a alma que o sentiu antes de o materializar na pedra viva.

Conspecto geral.— Destinando-se o edifício da Batalha a um mosteiro, tinha naturalmente de estar subordinado o seu plano às normas habituais desse género de edificações, estabelecidas pela regra monástica, que com rigor eram observadas. Numa das ilhargas do templo juntar-se-iam em íntima relação, o claustro, a sala do capítulo e o refeitório, além das habitações dos frades. Aqui, todo esse conjunto se dispõe da parte do norte.

Orientada a igreja segundo o costume medieval, isto é, com a capela-mor ao nascente, apresenta livre toda a face do meio-dia, menos numa pequena porção, disfrutando-se admiravelmente os seus diversos componentes.

A igreja projecta uma cruz latina, com a aste transversal pouco pronunciada. A planta, ainda de tradição românica, obedece ao tipo cisterciense, muito difundido na península. Se procurarmos um *simile*, quanto à disposição e número das capelas absidais, encontrámo-lo na catedral do Burgo de Osma, província de Soria, em Espanha, que foi começada em 1232. De estilo ogival, tem as suas cinco capelas de frente como a Batalha.

Estruturalmente, o mosteiro de Santa Maria da Vitória é um edifício ogival ou gótico, estilo de maravilhosa concepção que desde meados do século XII se manifestou como uma consequência lógica do românico.

Uma ligeira inspecção do monumento denuncia de pronto os seus elementos constitutivos: a abóbada de ogiva cruzada, o arcabotante, e a decoração quase exclusivamente vegetal.

Nos seus detalhes acentua as linhas já complicadas e caprichosas do período flamejante.

A Batalha é um produto tardio do estilo ogival: as suas grandes épocas tinham passado nos países onde ele com maior pujança e magnitude floriu.

É notável a unidade geral da fábrica dentro do plano do primitivo concebimento, igreja, Capela do Fundador, Claustro Real e Casa do Capítulo, apesar do tempo que todas estas

construções absorveram. Em todo o reinado de D. João I, que foi longo, trabalhou-se activamente na obra da Batalha. Três anos após a morte deste monarca, em 1436, já o claustro e a sua fonte se achavam concluídos. Dois anos antes tinha sido levado para a capela destinada à sua sepultura, o corpo de D. João I.

Ninguém hoje põe em dúvida que o edifício da Batalha é obra portuguesa, delineada por um mestre nacional. Tradições architectónicas não faltam no país para justificar o acerto, de resto já postas em relevo por eruditos arqueólogos, nacionais e estrangeiros. Bastará recordar Alcobaça. Reminiscências de escolas, semelhanças de motivos, não são para estranhar se nos lembrarmos das origens francesas do estilo, que até nós chegou através da Espanha, e da maneira como os architectos trabalhavam no tempo, enfeudados a sociedades, em geral compartilhando dos seus métodos correntes.

Autores franceses e ingleses de comprovada autoridade são concordes em conceder ao génio artístico português uma boa parte da glória da construção.

Não fomos só rudes guerreiros; soubemos também ser artistas primorosos. A Batalha, se revela influências francesas e inglesas, como tem sido notado, é por haver sucedido um mestre estrangeiro, Huguet, ao primitivo architecto.

Afonso Domingues não deveria ter dirigido a obra mais de quinze anos, porque em 1402 era falecido. Huguet trabalhou nela trinta e seis anos, pois a sua morte ocorreu em 1438.

Das rendas de Leiria e seu termo se fez a construção.

Os materiais empregados no monumento são os calcários ordinários do distrito de Leiria, pertencentes ao período oolítico. São de contextura muito pouco compacta, o que permite obter sem esforço um trabalho delicado, mas por isso mesmo pouco duradouro, como se tem verificado, a ponto de se tornar necessário refazer muitos dos seus labores. O calcário de côr branca adquire com o tempo uma pátina amarelada ou rósea que o protege, cores que dão ao edifício um tom geral admirável.

Quando o calcário salitra torna-se branco e desagrega-se pouco a pouco. Isto exige cuidados constantes de reparação. As pedras brancas, sobressaindo na côr alourada dos paramentos, indicam a sua origem moderna.

A vista do mosteiro em conjunto, de qualquer face que se tome no terreno alcantilado que o envolve, é de um surpreendente efeito que da memória visual jámais poderá desaparecer.

Exterior do templo. — A frontaria alça-se, como se notou já, ao poente, visto a igreja se achar orientada. As linhas exteriores dela denunciam perfeitamente a traça da sua elevação, repartida em três naves, com a meã dominante. A ausência de torres, tanto em uso nos grandes templos ogivais tem a justificá-la o próprio destino, casa de monjes domínicos, ordem mendicante, cuja regra não se compadecia com essa ostentação. Uma simples sineira, para convidar os fieis à oração, chegava. Torres e sinos múltiplos caberiam melhor às basílicas e às catedrais...

Pilastras salientes rematadas por pináculos cortam a fachada em três porções, das quais a central, mais elevada, sobressai pela pujança da ornamentação.

Toda a riqueza decorativa se concentrou nela, quer no corpo inferior onde se abre o portal, quer no superior, um pouco mais recuado, que dá lugar a uma ampla abertura, onde se inscreve uma rosácea, de requintado recorte. Cada um desses corpos, que pináculos sobrepujam, é coroado de uma platibanda rendilhada tendo por remate renques de flor de liz. Nascendo dos contrafortes, os primeiros arcobotantes de equilíbrio da fábrica tomam parte no adorno com os seus vasados e cogoiolos. As porções superiores dos referidos corpos apresentam uma bordadura ligada a estrias verticais, que à visão ampliam a força ascensional da fachada.

Nas porções laterais, duas altas janelas, simétricas, rasgam as paredes.

Aqui, como de resto em todo o edifício, os arcos fenestrais são de ogiva equilátera.

A fachada ocidental é notavelmente equilibrada nos seus sistemas perpendicular e horizontal, evidenciando uma discreta harmonia de linhas.

O portal, grandioso e de grande profundidade, condensa a maior opulência decorativa. Nele colaborou o imaginário em pleno acordo com o architecto. Por ser o principal do templo é consagrado a Cristo, representado entre os seus

apóstolos, no seio da corte celeste, presidindo ao Julgamento Final. No tímpano vê-se o Cristo de Majestade tendo em redor os evangelistas S. Mateus, S. Lucas, S. Marcos e S. João, com os respectivos símbolos, o homem, o boi, o leão e a águia, representativos de Cristo nos quatro momentos da sua vida: Encarnação, Paixão, Ressurreição e Ascensão.

Entre os colunelos alinham-se os apóstolos: à direita (segundo as regras iconográficas esta é considerada em relação ao personagem central), S. Pedro, S. Barnabé, S. Filipe, S. Bartolomeu, Santo André e S. João; à esquerda, S. Paulo, S. Marcos, S. Tiago, S. Simão, S. Lucas e S. Mateus.

Povoam as arquivoltas setenta e oito estatuetas com seus baldaquinos e mísulas, assim distribuídas de dentro para fora: anjos em oração, anjos músicos e cantores, profetas, reis, santos e santas, em tantos agrupamentos quantos os arcos do portal.

Nas mísulas dos apóstolos, todas com ornamentação figurada, há a notar uma do lado esquerdo, onde se vêem três religiosos com dois livros abertos.

O tímpano da porta do Sarmental da catedral de Burgos tem grande analogia com o da Batalha, sendo este porém mais rico.

O portal é de evidente molde francês, lembrando, na ornamentação e na ordenação das figuras das arquivoltas, os de algumas catedrais do século XIII.

No arco conopial que abraça superiormente a ogiva, inclui-se um grupo escultórico: o Senhor coroando a Virgem.

Junto do remate vêem-se os brasões de D. João I e de D. Filipa.

As esculturas aparentam uma época mais recuada do que aquela que na verdade são. Todas as estatuetas dos pés direitos são modernas, muito inferiores às primeiras que se achavam deterioradas.

Não deve deixar-se de lembrar que o pórtico tinha antigamente menor altura, devido ao alteamento do terreno exterior. Desciam-se uns degraus para penetrar no templo. Era disposição corrente na idade média, de que é um exemplo ainda a igreja de Santa Maria do Olival, em Tomar. A modificação foi infeliz, porque alterou as proporções primitivas do portal.

No seguimento da fachada ocidental da igreja, para o sul, vê-se uma das faces da Capela do Fundador, de altura menor do que a colateral a que encosta, com três janelas, das quais a central mais ampla, entre contrafortes. É uma capela quadrada, com uma lanterna ao centro, octógona, cingida por arcobotantes. Teve primitivamente um coruchéu piramidal que o terramoto de 1755 derrubou. Um vitral da capela-mor do templo ainda reproduz esse pormenor desaparecido.

A capela sepulcral do Fundador encobre apenas, e incompletamente, três das sete janelas da nave colateral do meio-dia. Toda a elevação do corpo da igreja deste lado se apresenta à vista com os seus dois andares coroados de platibandas corridas e seriação de contrafortes e arcobotantes, elementos fundamentais de estabilidade e adorno grandioso. A construção ogival tem a esplêndida qualidade de nada ocultar de si própria: a ossatura, razão única da sua existência como organismo, por neutralização de forças desagregadoras, encerra já muito de decorativo; os ornatos, pináculos, cogoilos e florões alindam-na, é certo, mas pouco mais acrescentam ao prodígio da sua beleza.

O braço do transepto, de pequena saliência, tem no seu tampo novo motivo ornamental, um janelão, rasgado na sua maior altura, sobranceiro à segunda porta de acesso ao templo.

No diedro formado com o corpo da igreja ajusta-se a caixa de uma escada de leque, com cento e vinte degraus, rematada por um elevado coruchéu, que conduz aos terraços desse lado.

O portal notabiliza-se pelo seu arcaísmo; de feição românica em si, tem elementos complementares góticos, como o trilóbulo que substitui o tímpano, o gablete que o sobrepuja e os pináculos que o ladeiam. No gablete, entre delicada decoração, destacam-se os brasões do rei e da rainha. Já foi notada a semelhança deste portal com o de S. Francisco, de Santarém. Com a mesma ornamentação de arcos de círculo e dentes de serra, pode indicar-se também a porta da igreja de S. Martinho (Lérida), e a porta do Palau da catedral de Valência.

A influência peninsular evidencia-se na obra do primeiro arquitecto, pois que este portal certamente lhe cabe, visto ser

costume iniciarem-se as construções pelas cabeceiras dos templos.

A abside, com a sua capela central mais elevada, remata a igreja pelo lado do levante. Tem também a coroa-la alinhamentos de ornatos recortados, nas suas diferentes porções.

Parte dela foi posteriormente oculta por uma construção nova, que o filho do fundador, D. Duarte, imaginou para sua capela sepulcral, conhecida hoje sob a denominação de Capela Imperfeita.

É um sistema construtivo independente do anterior, e verdadeiramente ilógico quanto ao local que tomou. Foi decerto inspirado no exemplo da catedral de Burgos, a cuja cabeceira também se acha aposta, como se sabe, uma construção, a capela do condestável de Castela.

A Capela Imperfeita ocupa o eixo da igreja e tem em projecção a forma octogonal. Exteriormente os braços da estrela que desenha, são bem visíveis nas partes altas das capelas radiantes, visto os espaços inferiores que as separam estarem obliterados pelas paredes das sacristias que lhes correspondem. Platibandas ornamentadas diferenciam os dois níveis referidos.

Estas capelas observam-se bem em todo o seu perímetro externo.

Entre os componentes dos dois sistemas de construção, abside joanina e capela de D. Duarte, há os panos de muro dum átrio onde o estilo ogival cedeu o lugar nas janelas (uma ao norte, outra ao sul) ao manuelino, visto datarem do tempo do rei venturoso.

Acima do conjunto das capelas, no novo sistema, sobressaiem as pesadas massas dos pilares, que suportariam a cobertura e rematariam por coruchéus, as quais ficaram por concluir. Três arcobotantes ligam o novo sistema à abside central.

Do lado do Claustro Real patenteia-se toda a parte norte do corpo da igreja, onde a cor dominante dos muros, em geral rosada e quente pela acção do sol, se torna fria, escura com estrias brancas, que as águas da chuva lambendo as paredes caprichosamente lhe têm dado.

Num dos muros da Casa do Capítulo, cujo exterior se vê ao norte da abside onde se rasga uma bem esculturada janela,

deitando para o jardim está o modesto campanário, com um único sino.

O edifício é coberto de terraços de pequeno ponto feitos de telhões de cantaria embricada, expedindo as águas por gárgulas com figuras de grotescos animais; por não ter telhados altos todo o seu coroamento ornamental de delicada renda se destaca amplamente no azul do firmamento.

Capela do Fundador. — Entrando na igreja, logo no começo da nave, da lado da epístola, um pórtico majestoso estabelece a comunicação com a Capela do Fundador.

É um vasto recinto abobadado, de planta quadrada, onde se elevam fortes pilares que suportam um corpo octogonal coberto por uma belíssima cúpula estrelada. Amplas janelas nas três paredes livres do quadrado e nas faces do octógono superior côam uma luz iriada por magníficos vitrais.

As cores destes casavam-se primitivamente com a cromia variada que ostentavam os ornatos architecturais de que alguns restos se topam.

Há indícios que põem em dúvida ter esta capela sido construída inicialmente de acordo com a nave a que se encosta, embora fosse erguida no tempo de D. João I e vasada nos moldes da primitiva traça.

Estava já concluída em 1434, pois nessa data aí foram sepultados o fundador, falecido um ano antes, e sua mulher, cujo corpo se encontrava na capela-mor da igreja desde 1416.

O túmulo real eleva-se ao centro, assente sobre oito leões. É uma arca enorme, na qual se alongam em belas esculturas as efígies dos sepultados. Os dois esposos, com as cabeças coroadas, sob dosséis, repousam ao lado um do outro, tendo as mãos direitas enlaçadas em sinal de amor conjugal.

D. João I mostra o seu traje de guerra, com arnês, sobre que assenta a sua cota de armas, solta, ornada com o escudo das quinas e a cruz de Aviz. D. Felipa está envolta numa capa abrochada no colo sobre uma túnica cingida por um cordão na cintura; vestes singelas, bem em harmonia com o espírito piedoso e devoto que em vida manifestou. Nos topos dos dosséis, os escudos respectivos, policromados. Aos lados da arca, extensos epitáfios latinos em letra alemã minúscula,

e na cabeceira da mesma as insígnias da Ordem da Jarreteira instituída por Eduardo III de Inglaterra, avô da rainha, e que o seu esposo foi um dos primeiros soberanos a receber.

Num friso que corre na tampa tumular repetem-se entre ramos de silva as divisas, *pour bien* do lado do rei, *il me plait* da banda da rainha.

Nesse tempo tinham sido introduzidos na côrte portuguesa, por intermédio dos ingleses, os costumes franceses que a côrte de Inglaterra adoptara a par da linguagem francesa. Contava-se entre eles o uso dos motos ou divisas, palavras avulsas ou acompanhadas de figuras simbólicas, ou só estas, destinadas a designar uma pessoa ou um grupo de indivíduos.

Todos os filhos do Príncipe da Boa Memória as adoptaram, achando-se nos seus túmulos expressas as legendas ou os símbolos correspondentes.

Muitas das chaves das abóbadas da Batalha também patenteiam figuras simbólicas.

A D. Pedro cabia o moto *désir* e o símbolo de umas balanças, por devoção a S. Miguel em cujo altar foi colocado muito doente em criança; a D. Henrique, *talant de bien faire*; a D. João, *j'ai bien raison*; a D. Fernando, *le bien me plait*. O primogénito, D. Duarte, tinha por divisa também uma frase francesa, *tant que serai*, sobreposta ou cercada de folhas de hera, cujo simbolismo cabia à lealdade e constância. D. Duarte encheu o pórtico da Capela Imperfeita, que destinava a seu sepulcro, dessas palavras, tanto tempo indecifráveis, as quais completam outras, também patentes no mesmo pórtico, a que na devida altura se fará referência.

Todo o lado fronteiro à entrada da capela é ocupado pelos quatro túmulos dos infantes, cada um abrigado no seu arco-sólio, de remate conupial com florão e adornos opulentos do flamejante.

Partindo da direita, na mesma linha contam-se as edículas de D. Pedro e sua mulher D. Isabel, D. Henrique, D. João e sua esposa D. Isabel, e D. Fernando. Destas, apenas a do infante navegador mostra o seu vulto, armado de cavaleiro, com uma espécie de fota na cabeça, abrigada por um dossel.

Os restantes túmulos são modernos, tendo sido feitos à imitação dos outros para receber as cinzas de D. Afonso V,

D. João II e D. Afonso, filho deste monarca, que se achavam em caixões de madeira. A trasladação teve lugar em 1901.

À entrada desta capela, no pavimento da igreja, vêem-se as sepulturas de Martim Gonçalves Maçada, soldado que na batalha de Aljubarrota salvou a vida a D. João I, e de Diogo Gonçalves de Travassos, regedor das terras do infante D. Pedro.

Interior do templo. — A arquitectura interna da igreja não obriga a grande descrição: pilares, arcadas e coberturas obedecem a uma simplicidade que é sem dúvida a razão maior da sua beleza.

A elevação das naves, acentuada para uma largura pequena, os colunelos subtis e a leveza das abóbadas, a par dos vidros policromados dos grandes rasgões ogivais, são de um efeito harmonioso e encantador.

Santa Maria da Vitória não possui em menor grau o poder dominador das mais esbeltas catedrais góticas; quem as tenha contemplado e sentido receberá aqui idêntica impressão. A mesma faísca de génio fulgura, a mesma espiritualidade a envolve.

As naves despidas de altares, como era costume serem na idade média, tornam-se mais vastas ainda; na colateral direita a porta que dá comunicação para os terraços prende o nosso olhar.

Das três naves em que se divide a igreja, a do meio tem 7^m,26 de largura e as laterais cada uma 4^m,73; adicionando a grossura dos pilares temos 22 metros de largura total. O comprimento tomado da porta principal ao extremo da abside é de 79^m,29. A altura até à chave da abóbada é de 32^m,46.

Cada um dos dezasseis pilares fasciculados que sustentam os arcos das abóbadas têm 2^m,64 de grossura.

Nos arcos e nas janelas, delicadamente trabalhadas com motivos geométricos, prevalece a ogiva equilátera. Os vitrais da igreja em número de cinquenta, têm 1^m,65 de largura por 4^m,84 de altura.

O transepto alcança o comprimento de 33^m,30 cabendo à largura 6^m,60. Sobre a porta que nele se rasga ao sul, vê-se uma escultura primitiva da padroeira. O púlpito é trabalho moderno.

A abside é formada por cinco capelas que comunicam entre si por pequenas portas.

A capela-mor, cujo arco triunfal se recorta num adorno lobulado, patenteia duas ordens de elegantes janelas, das quais nas superiores se vêem ainda alguns vitrais primitivos, de belas cores e de efeito esplendoroso. A meio da capela, e ao contrário da determinação do fundador, avulta o túmulo, falho de adornos, de D. Duarte e D. Leonor, com as suas figuras jacentes.

As outras capelas, a contar do lado da epístola, são:

A capela de S. Miguel, tendo ao fundo um altar de mármore negro com embutidos de muita magnificência, ostenta os mausoléus de Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda e 4.º Regedor da Relação do Porto, à direita, e de D. Lopo Dias de Sousa, mestre da Ordem de Cristo, à esquerda.

A capela da Senhora do Pranto, sem interesse de maior, abrigou o féretro de D. João II; em 1809, quando os soldados franceses o violaram, viu-se que o cadáver estava mumificado.

A capela da Senhora do Rosário encerra um túmulo de mármore que se supõe conter as cinzas do primogénito de D. Afonso V, morto em verdes anos.

A capela de Santa Bárbara apresenta de notável uma bela chave de abóbada formada por coroas de flores em cujo centro se destaca uma cabeça de mulher, de perfil, com coroa real, e que por certo representa D. Filipa de Lencastre. Os capitéis desta capela são historiados; um deles figura a Anunciação. A arca tumular aqui existente, com o brasão picado, não se sabe de quem seja. O altar é cópia moderna do que está na capela do extremo oposto.

Observa-se que a escultura decorativa na igreja é parca, pois se acha limitada aos capitéis, na maior parte vegetal, reproduzindo especialmente a folha de carvalho, e as abóbadas em geral são ornadas com escudos de armas e figuras emblemáticas.

Na sacristia, hoje despojada das suas valiosas alfaias, contígua à casa do capítulo, nota-se sobre a porta, que com ela comunica, uma varanda que por não ter ligação com qualquer parte do edifício é ainda um segredo a desvendar.

Claustro Real. — Ligado à parte norte da igreja, em toda a sua extensão desde a frontaria ao cruzeiro, fica o Claustro Real, constituído por um só pavimento.

É uma construção inicialmente gótica, com arcos em ogiva e abóbada cruzada composta, obra do tempo de D. João I, que D. Manuel transformou, introduzindo-lhe embelezamentos que embora de execução primorosa prejudicaram a harmónica singeleza originária. As bandeiras filigranadas assentes em colunelos do mais fino lavor manuelino, com cruces de Cristo e esferas armilares, se encantam os olhos, chegam, pela prolixidez dos adornos, a tornar-se fatigantes.

Num dos ângulos, junto à entrada do refeitório, ergue-se o lavabo, fonte monumental abrigada numa construção própria, de lavor semelhante à fábrica em que se integra, e com as alterações manuelinas.

Na ala que comunica com a igreja fica a passagem para a casa capitular.

Casa do Capítulo. — Ladeiam o pórtico de entrada, ogivado e com uma série de arquivoltas, duas esbeltas janelas, na forma tradicional, que tão gracioso torna o ádito dessa indispensável dependência monacal. No Capítulo se reuniam os religiosos para deliberar acerca dos negócios da colectividade: lugar nobre, portanto, digno dos primores da decoração. As janelas, de ogivas geminadas, são dos melhores exemplares do apogeu do estilo gótico. Os ornamentos, em geral flóricos, mostram por excepção na janela do lado direito duas graciosas figurinhas, uma das quais alada.

A Casa do Capítulo é um vasto recinto quadrado com 19^m,34 de lado, coberto com uma abóbada estrelada de arrojadíssima concepção. A chave central da abóbada ostenta o escudo de D. João I, vendo-se nalgumas das oito chaves circundantes também o escudo de D. Felipa.

Num dos ângulos da sala uma mísula de apoio das ogivas patenteia uma curiosa figura tendo uma régua na mão, que a tradição diz representar Afonso Domingues, o primeiro architecto da Batalha. Grande deveria ter sido a fama do artista para os contemporâneos lhe perpetuarem a efígie no mármore,

patente no próprio objecto da sua glória. Melhor homenagem não poderia ambicionar.

Na parede fronteira do pórtico abre-se uma ampla janela, tripartida, onde se vê um magnífico vitral gótico, o maior do monumento, com cenas da Paixão, e que data do século XVI.

Em singela campaa arrumada ao lado esquerdo da entrada, repousa o Soldado Desconhecido português da Grande Guerra, simbólica relíquia de sacrificado pela honra e integridade da sua terra. Alumia-o, num lampadário artístico de ferro forjado, «a chama da pátria» que o reconhecimento nacional lhe consagrou.

O antigo refeitório, todo construído de pedra, com abóbada, obra de D. Afonso V, é agora o Museu do Soldado Desconhecido, onde se recolhem as oferendas que lhe dedicam.

Claustro de D. Afonso V. — Contíguo ao primitivo claustro joanino, para o norte, fica o segundo claustro, de menor tamanho, denominado de D. Afonso V por ter sido levantado no tempo deste monarca. Fábrica singela de dois andares, tem abóbadas de cruzaria simples e arcos de ogiva com colunelos sem labores; nas chaves, a par dos brasões reais, os emblemas de D. Afonso V, um rodízio aspergindo gotas, e de D. Duarte. Foi construído quando era mestre da Batalha Fernão de Évora, isto é, de 1448 a 1477. Está em parte ocupado pelos fragmentos architectónicos e esculturas que as obras de restauração vão substituindo.

Numa sala abobadada que precede o Claustro Real no ângulo norte-nascente, vê-se o busto de D. Fernando II, o rei artista que salvou a Batalha da ruína, promovendo as primeiras obras de conservação do monumento.

Capela Imperfeita. — No terreno ajardinado da banda do levante existiram outras dependências do mosteiro, entre elas o claustro de D. João III, que foram destruídas por um incêndio na terceira invasão francesa. É por este lado, desviando para o sul, que se penetra no vasto e majestoso recinto da Capela Inacabada, vulgarmente conhecida por Capela Imperfeita, que em tempos se chamou Capela de el-rei D. Duarte.

Foi de facto este monarca que determinou a sua edificação, por desejar uma capela privativa para ser sepultado, visto o testamento de seu pai lhe impedir de ir repousar na capela-mor. Superior à vontade de ambos foi o destino. D. Duarte jazará na abside para sempre.

O traçado representa um polígono de oito faces, cada uma delas com a sua capela, ao todo sete, visto a outra face respeitar o pórtico da entrada.

O estilo inicial é o gótico.

Protelando-se a obra, coube a D. Manuel impulsioná-la notavelmente. Foi no estilo da sua época que a capela se vestiu de adornos tão magníficos que a tornaram perenemente célebre. A exuberância de ornatos e a perfeição da factura são inegualáveis.

As capelas abrem para uma rotunda que ficou a descoberto, onde o sol espalha os seus raios de ouro. As abóbadas que lhes respeitam, de dois tipos diferentes, mostram nas chaves o escudo real, as cruzes de Cristo e os emblemas simbólicos das personagens a quem elas eram destinadas.

O pórtico de entrada, verdadeiramente monumental pela grandiosidade e riqueza, é de dupla face e de arcarias polícêntricas. Assombra o lavor que o reveste, de alto abaixo num rendilhado opulento e delicadíssimo.

O moto figurado de D. Duarte, já referido, *tant que serai*, envolvido de folhas de hera, dentro de círculos enlaçados, repete-se nele, na sua parte exterior somente, umas duzentas vezes! A frase francesa ortografada à moda do tempo e talvez incorrecta, não se apresenta tal qual, mas é sem dúvida a mesma, perante documentos achados. No alto do pórtico, como coroamento, os mesmos obcecantes círculos, em grande formato, triplicam-se incluindo as palavras *leauté l faray*; o *l* está num pequeno espaço central que o enlaçamento dos círculos forma. É a primeira letra de uma palavra que tem passado despercebida aos observadores. A meu ver liga as palavras já conhecidas desta maneira: *leauté, l [a] faray*. As duas frases indicadas completam-se assim: *leauté, la ferai, tant que serai*: moto cujo sentido deverá ser — lealdade, guardá-la-ei enquanto existir.

Crê-se ter construído este portal o architecto Mateus Fernandes, falecido em 1515, segundo o epitáfio da sua campa, existente à entrada da igreja.

O átrio coberto, que precede a capela de D. Duarte e a liga à abside do templo, tem uma inscrição com o ano da obra, 1509. No remate dos arcos que se defrontam, sob as janelas manuelinas, um dos quais dá entrada no recinto, vêem-se duas letras sobrepostas, um E e uma outra (G ou C e Y?) que poderá ser um P, e então quereriam dizer *Primus Emanuel*.

Subindo ao terraço sobrepujante, acha-se um balcão com dois arcos plenos, de puro renascimento, onde se lê a data de 1533, correspondente ao reinado de D. João III. Daí é fácil observar alguns pormenores da parte alta da capela, entre outros, as iniciais de M. R. (Manuel Rei), com uma coroa no alto, que se destacam entre a ornamentação dos grossos pilares truncados.

Ascendendo um pouco mais aos terraços superiores, pode apreciar-se no seu conjunto a seriação dos arcobotantes, a multidão das gárgulas, a floresta dos pináculos, os coruchéus dos torreões de ascensão e particularmente a torre piramidal da Cegonha com o seu coruchéu rendilhado e vasado que emerge do lado norte do transepto e é a parte culminante da maravilhosa fábrica.

Merece referência o portal da antiga igreja matriz da Batalha, hoje ao abandono, datado de 1532.

LE MONASTÈRE DE "LA BATAILLE"

Origine et fondation. — La monastère de Ste Marie de la Victoire, vulgairement appelé de La Bataille, est le plus important monument du Portugal et l'un des plus remarquables de l'Europe.

Il est situé dans la province de l'Extremadura, dans un petit bourg auquel il a donné son nom, à douze kilomètres environ de la ville de Leiria, dans le creux d'une vallée où coule un petit ruisseau, de Lêna.

Le monastère de la Bataille a une haute signification patriotique, car il synthétise l'indépendance nationale et est l'expression d'un vœu et d'une victoire.

En effet, le 14 août 1385 Don João I^{er} et le Connétable Don Nuno réussissaient, malgré la disproportion des forces et en une demi-heure, à vaincre les Castellans à la bataille d'Aljubarrota, bataille décisive pour le destin du Portugal comme nation libre, car elle permit l'expulsion de l'envahisseur hors des frontières du pays et assura le trône au Maître d'Avis, déjà élu roi par le peuple de Portugal.

Or, le lendemain de la célèbre bataille étant la fête de l'Assomption de la Vierge, D. João I^{er} promit avant le combat à Ste Maria de la Victoire de lui dédier un temple s'il triomphait de ses ennemis. Il ne tarda pas, du reste, à donner suite à son vœu.

Quoiqu'on ne sache pas exactement à quelle date fut commencée cette œuvre, on sait que le roi D. João I^{er}, désirant élever un édifice majestueux qui consacrerait la victoire à travers les générations, fit venir de l'étranger de célèbres architectes afin de prendre leur avis et confia définitivement à un Portugais, Afonso Domingues, de Lisbonne, le soin d'édifier le monastère.

Afonso Domingues, dit-on, avait défendu à Aljubarrota l'intégrité de la Patrie. C'est pour cela, sans nul doute, qu'il remplit si bien sa mission; car le monument reflète clairement l'âme qui l'a conçu et l'a matérialisé dans la pierre.

Sa place aurait dû être à trois kilomètres de là, à St. Jorge, village où commença la bataille et où se trouve érigée une chapelle votive, mais le choix de l'emplacement a obéi à des raisons de commodité, surtout celle de posséder de l'eau courante, tandis que les terrains voisins, de véritables landes, sont extrêmement secs.

Aussi, sans horizons qui permettent de l'apercevoir, il semble se cacher, et ce n'est que de près qu'il se montre tout à coup dans toute sa splendeur aux yeux émerveillés qui le contemplent.

En avril 1388, environ deux ans après les premiers travaux, D. João I^{er} en fit don à l'Ordre de St Dominique.

Aspect général. — Sur le flanc nord sont réunis le *cloître*, la *Salle du Chapitre* et le *Refectoire*, en intime relation avec les appartements des moines.

L'église, qui a presque tout le côté sud libre et dont les diverses parties se détachent admirablement, est orientée selon la coutume médiévale, c'est-à-dire avec le sanctuaire au Levant. Une Croix latine, aux bras transversaux peu prononcés, s'y projette.

Le plan, de tradition romane, obéit au type cirtercien, très répandu dans la péninsule.

Par sa structure, le Monastère est un produit tardif ogival, style de merveilleuse conception qui, vers le milieu du XII^e siècle, se manifesta comme conséquence logique du roman.

Une légère inspection du monument en dénonce aussitôt les éléments constitutifs: une voûte en ogive croisée, un arc-boutant et une décoration presque exclusivement végétale.

Les lignes déjà compliquées et capricieuses de la période flamboyant sont accentuées dans les détails.

L'unité générale de la construction, dans le plan de la primitive conception, est remarquable; tels sont: *l'Église, la Chapelle du Fondateur, le Cloître Royal*, malgré le temps que l'on mit à les construire. Durant tout le règne de D. João I^{er}, et il fut long, on travailla activement à l'œuvre de «La Bataille».

Trois ans après la mort de ce monarque, en 1436, le cloître et sa fontaine étaient achevés. Deux ans auparavant le corps de D. João I^{er} avait été mis dans la chapelle qu'il s'était réservée pour sépulture.

Des auteurs français et anglais compétents sont d'accord pour concéder au génie artistique portugais une bonne partie de la gloire de l'édification du monument.

S'il s'y révèle des influences françaises et anglaises, c'est que le maître Huguet succéda à Afonso Domingues, mort en 1402 après en avoir dirigé les travaux pendant plus de quinze ans. Huguet y travailla jusqu' en 1438, année de sa mort.

C'est avec les revenus de Leiria et de ses environs que s'effectua la construction du monastère.

Les matériaux employés furent les calcaires ordinaires du district de Leiria.

Ces calcaires sont d'une contexture très peu compacte permettant d'obtenir sans effort un travail délicat mais peu durable, à tel point qu'il a fallu refaire un grand nombre de travaux. Le calcaire blanc, cependant, acquiert avec le temps une patine jaunâtre ou rosâtre qui le protège, couleurs qui donnent à l'édifice un ton général admirable.

La vue d'ensemble du monastère, de quelque côté qu'on se place sur le terrain escarpé qui l'entoure, est d'un effet surprenant qu'il est difficile d'oublier.

Extérieur du Temple. — La façade est tournée vers l'ouest et les lignes extérieures de l'église en montrent nettement le plan, réparti en trois nefs dont celle du milieu domine. Les tours, si en usage dans les grands temples ogivaux, y font défaut; mais cette absence se justifie du fait que la règle des moines dominicains s'opposait à cette ostentation.

Un simple clocheton, pour inviter les fidèles à la prière, suffisait.

Des pilastres saillants, terminés par des pinacles, divisent la façade en trois parties dont la centrale, plus élevée, l'emporte sur les autres par la vigueur de son ornementation. Toute la richesse décorative s'y est concentrée, soit dans le corps inférieur où s'ouvre un portail, soit dans le supérieur, un peu plus reculé, où se trouve une large ouverture dans laquelle est tracée une rosace d'une découpure délicate. Chacun de ces corps, surmontés de pinacles, est couronné d'une plate-bande en forme de dentelle terminant par des rangées de fleurs de lis. Prenant naissance dans les contreforts, les premiers arcs-boutants d'équilibre de l'édifice prennent part à l'ornementation avec leurs creux et leurs saillies. Les parties supérieures des trois corps présentent une bordure liée à des stries verticales qui, à la vue, amplifient la vigueur ascensionnelle de la façade.

Dans les parties latérales, les murs sont percés de deux hautes fenêtres symétriques dont les arcs sont en ogive équilatérale, comme du reste dans tout l'édifice.

La façade occidentale est remarquablement équilibrée dans ses systèmes perpendiculaire et horizontal, montrant une discrète harmonie dans les lignes.

Le portail de cette façade, grandiose et très profond, condense la plus grande opulence décorative. Le sculpteur et l'architecte collaborèrent en plein accord à cette œuvre. Comme c'est le principal portail du temple, il a été consacré au Christ, représenté entre ses apôtres, au sein de la Cour céleste, et présidant au Jugement Dernier. Dans le tympan on voit le Christ Roi, ayant autour de lui les évangélistes St Mathieu, St Lucas, St Marc et St Jean, avec leurs symboles respectifs, l'homme, le bœuf, le lion et l'aigle, représentant le Christ dans les quatre époques de sa vie : l'Incarnation, la Passion, la Résurrection et l'Ascension.

Entre les petites colonnes sont rangés les apôtres ; à droit, St Pierre, St Barnabé, St Philippe, St Barthélemy, St André et St Jean ; à gauche, St Paul, St Marc, St Jacques, St Simon, St Lucas et St Mathieu.

Soixante huit statuettes avec leurs baldaquins et leurs consoles remplissent les archivoltes et sont ainsi répartis de

l'intérieur à l'extérieur: anges en prière, anges musiciens et chanteurs, prophètes, rois, saints et saintes en groupements aussi nombreux que les arcs du portail.

Parmi les consoles des apôtres, toute avec ornementation figurée, il convient d'en noter une, du côté gauche, où l'on voit trois religieuses avec deux livres ouverts.

Ce portail est d'un type français évident et rappelle, par son ornementation et l'ordonnance des figures des archivoltes, ceux de quelques cathédrales du XIII^e siècle. Dans l'arc qui embrasse l'ogive dans sa partie supérieure se trouve un groupe sculpté: N. Seigneur couronnant la Vierge.

Auprès du cul-de-lampe on voit les blasons de D. João I^{er} et de D. Félipe.

Les sculptures affectent une époque plus reculée qu'elle n'est en réalité. Toutes les statuettes qui sont debout sont modernes, mais très inférieures aux premières qui avaient été détériorées par le temps.

On ne doit pas oublier que le portique était anciennement moins haut, à cause du surhaussement du terrain extérieur. On descendait quelques marches pour pénétrer dans le temple. C'était une disposition courante au moyen âge, dont l'église de Santa Maria do Olival, à Tomar, est encore un exemple. La modification ne fut pas heureuse, car elle a altéré les proportions primitives du portail.

En suivant la façade occidentale de l'église vers le sud, on voit une des faces de la *Chapelle du Fondateur*, moins élevée que la chapelle collatérale; elle possède, entre des contreforts, trois fenêtres dont celle du centre est la plus ample. C'est une chapelle carrée, avec une lanterne octogone au centre entourée d'arcs-boutants. Elle avait au début une flèche pyramidale, abattue par le tremblement de terre de 1755. Un vitrail du sanctuaire du temple reproduit encore cette circonstance.

La chapelle sépulchrale du Fondateur marque à peine, et incomplètement, trois des sept fenêtres de la nef collatérale sud. Tout l'exhaussement de ce côté du corps de l'église se montre aux regards avec ses deux étages couronnés de plates-bandes continues et d'une série de contreforts et d'arcs-boutants, éléments fondamentaux de stabilité et d'ornement grandiose.

Le bras du transept, de peu de saillie, possède à son sommet un motif ornemental: une grande fenêtre, élargie dans sa plus grande hauteur, domine la seconde porte d'accès dans le temple. Dans le dièdre formé avec le corps de l'église se trouve la cage d'un escalier en évantail de cent vingt marches, surmonté d'une haute flèche et qui conduit aux terrasses.

Le portail se signale par son archaïsme; de forme romane, il a des compléments gothiques, comme par exemple le trilobe qui a substitué le tympan, le petit gable qui le surmonte et les pinacles qui le flanquent. Dans le gable, parmi une décoration délicate, se détachent les blasons du roi et de la reine.

L'influence péninsulaire se détache dans l'œuvre du premier architecte.

L'abside, avec sa chapelle centrale plus élevée, termine l'église au Levant. Des alignements d'ornements découpés dans leurs différentes parties la couronnent. Une partie de l'abside fut postérieurement cachée par une nouvelle construction que le fils du fondateur, D. Duarte, destina pour sa chapelle sépulchrale, connue aujourd'hui avec d'autres sous la dénomination de chapelles Imparfaites.

C'est un système de construction indépendant de l'antérieur et vraiment illogique quant à l'emplacement qu'il occupe. Il a dû être inspiré par l'exemple de la chapelle du Connétable de Castela, dans la cathédrale de Burgos.

La *Chapelle Imparfaite* occupe l'axe de l'église et a en projection la forme octogonale. Extérieurement elle a la forme d'une étoile, dont les bras sont très visibles sur les parties hautes des deux *chapelles rayonnantes*, vu que les espaces inférieurs qui les séparent sont obstrués par les murs des sacristies de ces chapelles. Des plates-bandes ornementées différencient les deux niveaux.

On peut très bien observer ces deux chapelles sur tout leur périmètre extérieur.

Entre les parties qui composent les deux systèmes de construction, abside joanine (1) et *chapelle de D. Duarte*,

(1) De l'époque de D. João Ier.

il y a les pans de mur d'un atrium, dont les fenêtres (l'une au nord et l'autre au sud) sont du style manuelin, vu qu'elles datent de l'époque du roi D. Manuel I^{er}, l'Aventureux.

Au-dessus de l'ensemble des chapelles, dans le nouveau système, se détache la lourde masse des piliers qui devraient supporter la couverture et terminer par des flèches, mais dont l'achèvement a été remis à plus tard. Trois arcs-boutants relient le nouveau système à l'abside centrale.

Du côté du Cloître royal se montre toute la partie nord du corps de l'église où la couleur dominante des murs, en général rosée et chaude par l'action du soleil, devient froide et sombre, avec des stries blanches que les eaux de pluie lui ont faites.

A l'un des murs de la Salle du Chapitre, dont on voit l'extérieur au nord de l'abside où est ouverte une fenêtre sculptée, est un modeste clocher tourné vers le jardin, avec une seule cloche.

L'édifice est recouvert de petites terrasses en grosses tuiles de pierre de taille en forme de bec, expulsant les eaux par des gargouilles représentant des animaux grotesques. Comme il ne possède pas de toits élevés, tout son couronnement ornemental de délicate dentelle se détache amplement dans le bleu du firmament.

Chapelle du Fondateur.—Dans l'église, dès le commencement de la nef du côté de l'épître, un portique majestueux établit la communication avec la chapelle du Fondateur.

C'est une vaste enceinte voûtée, carrée, où s'élèvent de forts piliers qui soutiennent un corps octogonal surmonté d'une très belle coupole étoilée. Dans les trois murs libres du carré et sur les faces de l'octogone, de larges fenêtres d'où la lumière est irisée par de magnifiques vitraux. Les couleurs de ces vitraux s'harmonisaient primitivement avec les ornements polychromes d'architecture dont on rencontre quelques traces.

Il y a des indices qui mettent en doute que cette chapelle ait été construite au commencement en harmonie avec la nef à laquelle elle s'appuie, quoiqu'elle ait été édiflée à l'époque de D. João I^{er} et moulée sur le plan primitif. En 1434 elle était déjà terminée, car à cette date on y déposa le Fondateur, mort un an auparavant, et sa femme, dont le corps se trouvait dans le sanctuaire de l'église depuis 1416.

Le tombeau royal s'élève au centre, soutenu par huit lions. C'est une arche énorme sur laquelle se déploient en belles sculptures les effigies des inhumés. Les deux époux, avec leurs têtes couronnées sous des dais, reposent à côté l'un de l'autre, ayant leurs mains droites enlacées en signe d'amour conjugal.

D. João I^{er} exhibe son uniforme de guerre avec son armure sur laquelle est déposée sa cotte d'armes, ornée de l'écusson des quines portugaises et de la croix d'Aviz. Dona Felipa est entourée d'un manteau, agrafé au col d'une tunique ceinte d'un cordon: vêtements simples et bien en harmonie avec l'esprit pieux de son vivant. Au faite des dais, les écussons respectifs, polychromes. Sur les côtés du tombeau de longues épitaphes latines en écriture allemande minuscule, et à la tête les insignes de l'Ordre de la Jarretière, institué par Edouard III d'Angleterre, grand-père de la reine, et que D. João I^{er} fut un des premiers souverains à recevoir.

Dans une frise qui s'étend sur le couvercle du tombeau on peut lire, entre des branches de ronce, les devises: *pour bien*, du côté du roi; *il me plaît*, du côté de la reine.

Il est à remarquer qu'à cette époque l'usage des devises françaises, avec ou sans figures symboliques, avait été introduit par l'intermédiaire des Anglais dans la cour portugaise.

Sur un grand nombre des clefs de voûte de La Bataille on peut voir également des figures symboliques.

Tout le côté qui fait face à l'entrée de la chapelle est occupé par les quatre tombeaux des infants, chacun d'eux abrité sous un arc avec fleuron et ornements opulents en style flamboyant.

Sur la même ligne, en partant du côté droit, se trouvent les édicules de D. Pedro et de sa femme D. Isabel, de D. Henrique, de D. João et de sa femme D. Isabel, et de D. Fernando. Un à peine montre un buste armé en chevalier, avec une espèce de turban sur la tête, abritée sous un dais; c'est celui de l'infant navigateur.

Les autres tombeaux sont modernes et ont été faits, à l'exemple des précédents, pour recevoir les cendres de D. Afonso V, de D. João II et de son fils D. Afonso, qui se trouvaient dans des cercueils en bois. La translation a eu lieu en 1901.

A l'entrée de cette chapelle, sur le carrelage de l'église, on voit la sépulture du soldat de Martim Gonçalves Manada, qui sauva la vie à D. João 1^{er} à la bataille d'Aljubarrota, et celle de Diogo Gonçalves de Travassos, régisseur des terres de l'infant D. Pedro.

Intérieur du temple. — L'architecture intérieure de l'église n'oblige pas à une grande description; piliers, arcades et revêtements obéissent à une simplicité qui est la raison même de sa beauté.

La hauteur des nefs, accentuée par leur étroitesse, les colonnettes subtiles et la légèreté des voûtes ainsi que les vitraux polychromes des grandes ouvertures ogivales, sont d'un effet harmonieux et enchanteur.

Ste Marie de la Victoire ne possède pas moins le degré dominateur des plus sveltes cathédrales gothiques. La même étincelle y éblouit, la même spiritualité l'entoure. *Les nefs* dépourvues d'autels, comme c'était l'usage au moyen âge, paraissent plus vastes encore. Dans la nef collatérale droite, la porte qui communique avec les terrasses retient notre regard.

Des trois nefs qui divisent l'église, celle du milieu a une largeur de 7^m,26 et les latérales 4^m,73 chacune; en y joignant l'épaisseur des piliers nous obtenons une largeur totale de 22 mètres.

La longueur, prise de la porte principale à l'extrémité de l'abside, est de 79^m,29. La hauteur jusqu'à la clef de voûte est de 32^m,46. Chacun des seize piliers fasciculés qui soutiennent les arcs des voûtes a 2^m,64 d'épaisseur.

Dans les arcs et aux fenêtres délicatement travaillées, avec motifs géométriques, prévaut l'ogive équilatérale. Les vitraux de l'église, au nombre de cinquante, ont 1^m,65 de long sur 4^m,84 de haut.

Le transept atteint la longueur de 35^m,30 sur 6^m,60 de large. Sur la porte qui y donne accès au sud on peut remarquer une sculpture primitive de la patronne. *La chaire* est d'un travail moderne.

L'abside contient cinq chapelles qui communiquent entre elles par de petites portes.

Le sanctuaire, dont l'arc triomphal se découpe dans une

décoration lobée, présente deux rangées d'élégantes fenêtres, dont les supérieures possèdent encore quelques vitraux primitifs, aux belles couleurs et d'un effet resplendissant. Au milieu de la chapelle, et contrairement à la détermination du fondateur, est placé le tombeau, dépourvu d'ornements, de D. Duarte et de D. Leonor avec leurs statues gisantes.

Les autres chapelles, à partir du côté de l'épître, sont :

La *chapelle de St Michel*, avec dans le fond un très bel autel en marbre noir incrusté, à droit les mausolées de Diogo Lopes de Sousa, conte de Miranda et 4^e Président de la Cour d'appel de Porto, à gauche celui de D. Lopo Dias de Sousa, maître de l'ordre du Christ.

La *Chapelle de N. D. des Lamentations*, sans grand intérêt, a abrité la bière de D. João II; en 1809, lorsque les soldats français la violèrent, on remarqua que le cadavre était momifié.

La *Chapelle de N. D. du Rosaire* renferme un tombeau en marbre que l'on suppose contenir les cendres du fils aîné de D. Afonso V, mort encore jeune.

La *Chapelle de Ste Barbe* présente une remarquable clef de voûte formée par des couronnes de fleurs au centre desquelles se détache une tête de femme, de profil, avec une couronne royale, et qui doit certainement représenter D. Felipa de Lencastre. Les chapiteaux sont historiés; l'un d'eux figure l'Annonciation. Il existe dans cette chapelle un tombeau, avec un blason piqué, mais on ne sait pas quel personnage il renferme. L'autel est une copie moderne de celui qui est à l'extrémité opposée.

La *Sacristie*, aujourd'hui dépouillée de ses effets précieux, est contiguë à la *Salle du Chapitre*. On remarque, au-dessus de la porte qui y donne accès, un balcon qui, par le fait qu'il n'est relié à aucune partie de l'édifice, est encore un secret à découvrir.

Cloître royal. — Relié à la partie nord de l'église dans toute son extension depuis la façade jusqu'à la croisée, ce cloître se compose d'un seul étage.

C'est une construction, au début gothique, comprenant des arcs en ogive et une voûte croisée composée, œuvre de l'époque de D. João I^{er} que D. Manuel transforme en y intro-

duisant des embellissements qui, quoique d'une exécution parfait, nuisirent à la simplicité des décorations.

Dans un des angles, près de l'entrée du réfectoire, se dresse un lavabo, fontaine monumentale de même style que le réfectoire mais avec des altérations manuelles.

De l'aile qui communique avec l'église on passe dans la salle du chapitre.

Salle du Chapitre. — Le portique, en ogive et avec une série d'archivoltes, est flanqué de deux élégantes fenêtres, dans leur forme traditionnelle qui rend si gracieuse l'entrée de cette dépendance monacale indispensable. Dans cette salle se réunissaient les religieux pour délibérer sur les affaires de la collectivité: lieu noble et digne de la perfection des décorations. Les fenêtres géminées, magnifiques exemplaires faits à l'apogée du style gothique, s'allient harmonieusement à l'ensemble. Les ornements sont généralement fleuris, à l'exception de la fenêtre de droite où l'on voit deux jolies figurines dont l'une est ailée.

C'est une vaste enceinte carrée dont les côtés ont 19^m,34; elle est surmontée d'une voûte étoilée d'une audacieuse conception. La clef de voûte centrale étale l'écusson de D. João I^{er}, et quelques-unes des autres celui de D. Felipa.

Dans l'un des angles de la salle, une console d'appui des ogives révèle une curieuse figure avec une règle à la main; ce serait, d'après la tradition, celle d'Afonso Domingues, le premier architecte de la Bataille.

Dans le mur faisant face au portique est une large fenêtre tripartite où l'on peut admirer un magnifique vitrail gothique du XVI^e siècle, (le plus grand du monument), représentant des scènes de la Passion.

Dans une simple tombe, disposée du côté gauche de l'entrée, repose le Soldat Inconnu portugais de la Grande Guerre, relique symbolique d'un héros mort pour l'honneur et l'intégrité de sa patrie.

Il est éclairé par un lampadaire artistique en fer forgé, « la flamme de la patrie », que la nation reconnaissante lui a consacré.

L'ancien réfectoire, entièrement construit en pierre, avec voûte, œuvre de D. Afonso V, est maintenant le Musée du

Soldat Inconnu où l'on recueille les offrandes qu'on lui consacre.

Cloître de D. Afonso V. — Contigu au premier cloître joanin, vers le nord, se trouve le second cloître, de moindres dimensions, dénommé cloître de D. Afonso V, pour avoir été édifié sous le règne de ce monarque. Cette construction sans apprêt, de deux étages, a des voûtes croisées simples et des arcs en ogive avec des petites colonnes sans sculptures; dans les clefs de voûte on remarque les blasons royaux, les emblèmes de D. Afonso V, (une roue à aubes faisant sauter des gouttes d'eau), et ceux de D. Duarte. Ce cloître fut construit de 1448 à 1477 par l'architecte Fernão de Evora. Il est en partie occupé par les sculptures et les fragments architectoniques que les travaux de restauration vont substituant.

Dans une salle voûtée qui précède le Cloître Royal à l'angle nord-est on aperçoit le buste de D. Fernando II, le roi artiste qui sauva La Bataille de la ruine en promouvant les premiers travaux de conservation du monument.

Chapelle Imparfaite. — Sur le terrain transformé en jardin du côté est existaient d'autres dépendances du monastère, parmi lesquelles le cloître de D. João III, et qui furent détruites par un incendie lors de la troisième invasion française. C'est par ce côté qu'on pénètre dans la vaste et majestueuse enceinte de la Chapelle Inachevée, vulgairement connue sous le nom de Chapelle Imparfait, et qui s'appelait autrefois Chapelle du roi D. Duarte. En effet, c'est ce monarque qui la fit construire pour y être inhumé, vu que le testament de son père l'empêchait de reposer dans le sanctuaire. Mais le destin fut supérieur à leur volonté, puisque D. Duarte repose pour toujours dans le sanctuaire.

Le plan de cette chapelle représente un polygone de huit faces, chacune avec sa chapelle, excepté une sur laquelle s'ouvre le portique de l'entrée. Le style initial est le gothique. Mais le roi D. Manuel y apporta une nouvelle impulsion, et c'est dans le style de son époque que la chapelle s'orna de décorations si magnifiques qu'elles la rendirent à jamais élèbre. L'exubérance des ornements et la perfection de l'exécution sont sans égales.

Les chapelles donnent accès à une rotonde découverte où le soleil répand ses rayons. Leurs voûtes, de deux types différents, montrent dans les clefs de voûte l'écusson royal, les croix de Christ et les emblèmes symboliques des personnages auxquels ils étaient destinés.

Le portique d'entrée, vraiment monumental par sa magnificence et sa richesse, a une double face et des arcades polycentriques. La ciselure qui le revêt de haut en bas en dentelures opulentes et extrêmement délicates est merveilleuse.

La devise de D. Duarte, *tant que serait*, entourée de feuilles de lierre dans des cercles entrelacés, s'y répète au moins deux cents fois, rien que dans la partie extérieure ! La phrase française, écrite selon l'orthographe de l'époque et peut-être incorrecte, ne se présente pas sous la forme actuelle, mais c'est certainement la même comme le prouvent certains documents. Au haut du portique, comme couronnement, les mêmes cercles obsédants, en grand format, apparaissent triplés avec l'inscription : *leanté l faray*. La lettre *l* se trouve dans un petit espace central que l'entrelacement des cercles laisse libre. C'est la première lettre d'un mot qui est passé inaperçu des observateurs. A notre avis, elle unit les mots déjà connus de la manière suivante ; *leanté l (a) faray*. Les deux phrases indiquées se complètent donc ainsi : leanté, la ferai, tant que serai ; devise dont le sens doit être : — la loyauté, je la conserverai tant que j'existerai.

On pense que se portail a été construit par l'architecte Mateu Fernandes, décédé en 1515 d'après l'épithaphe de sa tombe qui se trouve à l'entrée de l'église.

L'atrium couvert qui précède la chapelle de D. Duarte et la relie à l'abside du temple a une inscription datée de 1509, année de sa construction.

A l'extrémité des arcs qui se font face, sous les fenêtres manuélines, et dont l'un donne accès dans l'enceinte, on peut voir deux lettres superposées, un E et une autre (G, C ou Y ?) qui pourrait être un P et qui voudraient dire alors *Primus Emanuel*.

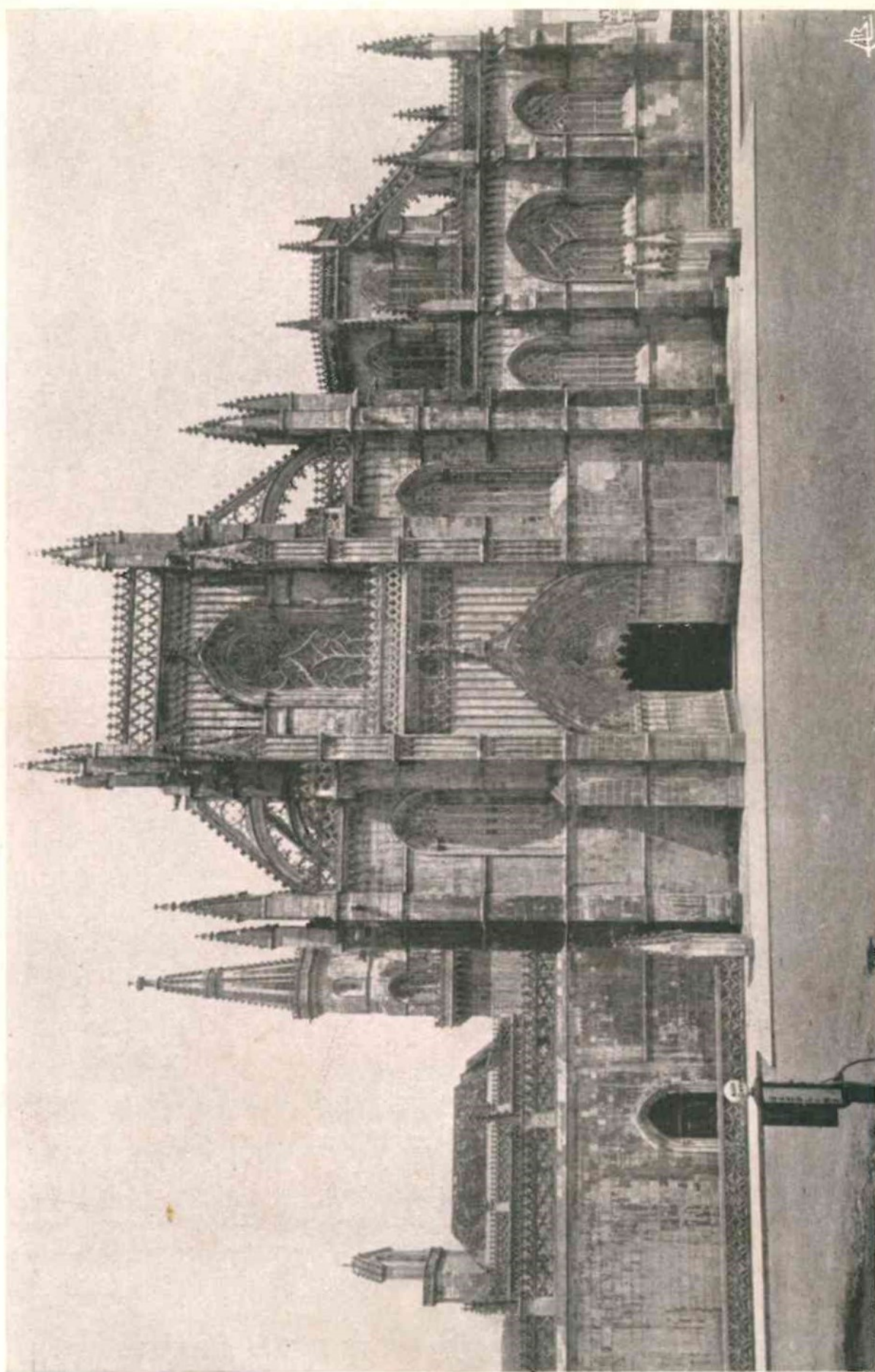
En montant sur la terrasse qui domine la chapelle on trouve un balcon formé de deux arcs pleins, du style renaissance le plus pur, où l'on peut lire la date de 1533 (sous le

règne de D. João III). De là, il est facile d'observer quelques détails de la partie haute de la chapelle, entre autres les initiales M. R. (Manuel Roi), surmontées d'une couronne, qui se détachent entre l'ornementation des gros piliers tronqués.

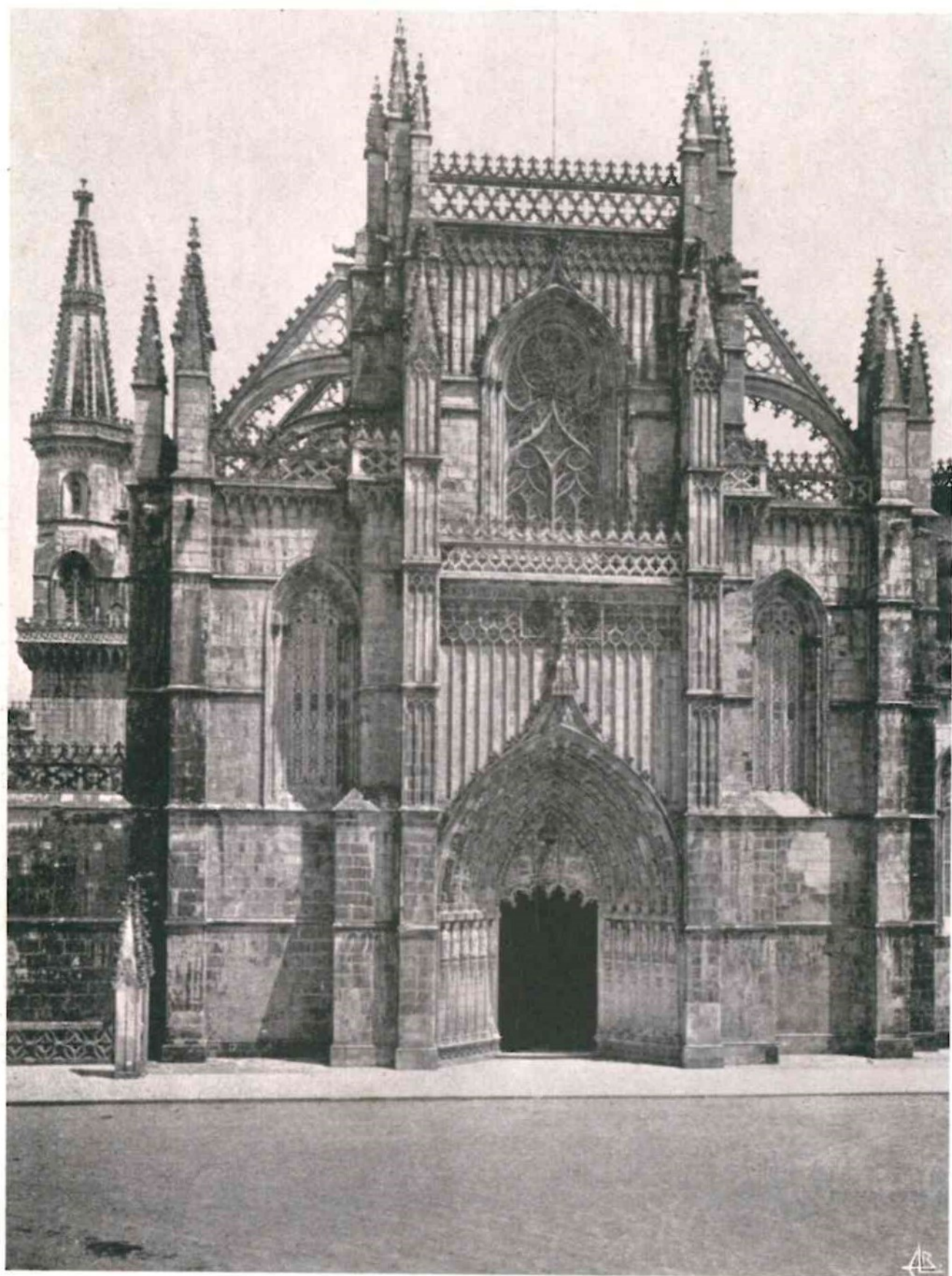
En montant un peu plus jusqu'aux terrasses supérieures, on peut apprécier dans leur ensemble une série d'arcs-boutants, une multitude de gargouilles, une forêt de pinacles, les flèches des grosses tours d'ascension et particulièrement la tour pyramidale de la Cigogne, avec sa flèche dentelée et creuse qui s'élève au dessus de la partie nord du transept et est le point culminant du merveilleux édifice.

Nous citerons également, comme étant digne de remarque, le *portail de l'ancienne église matrice de la Bataille*, (aujourd'hui à l'abandon), portant la date de 1532.

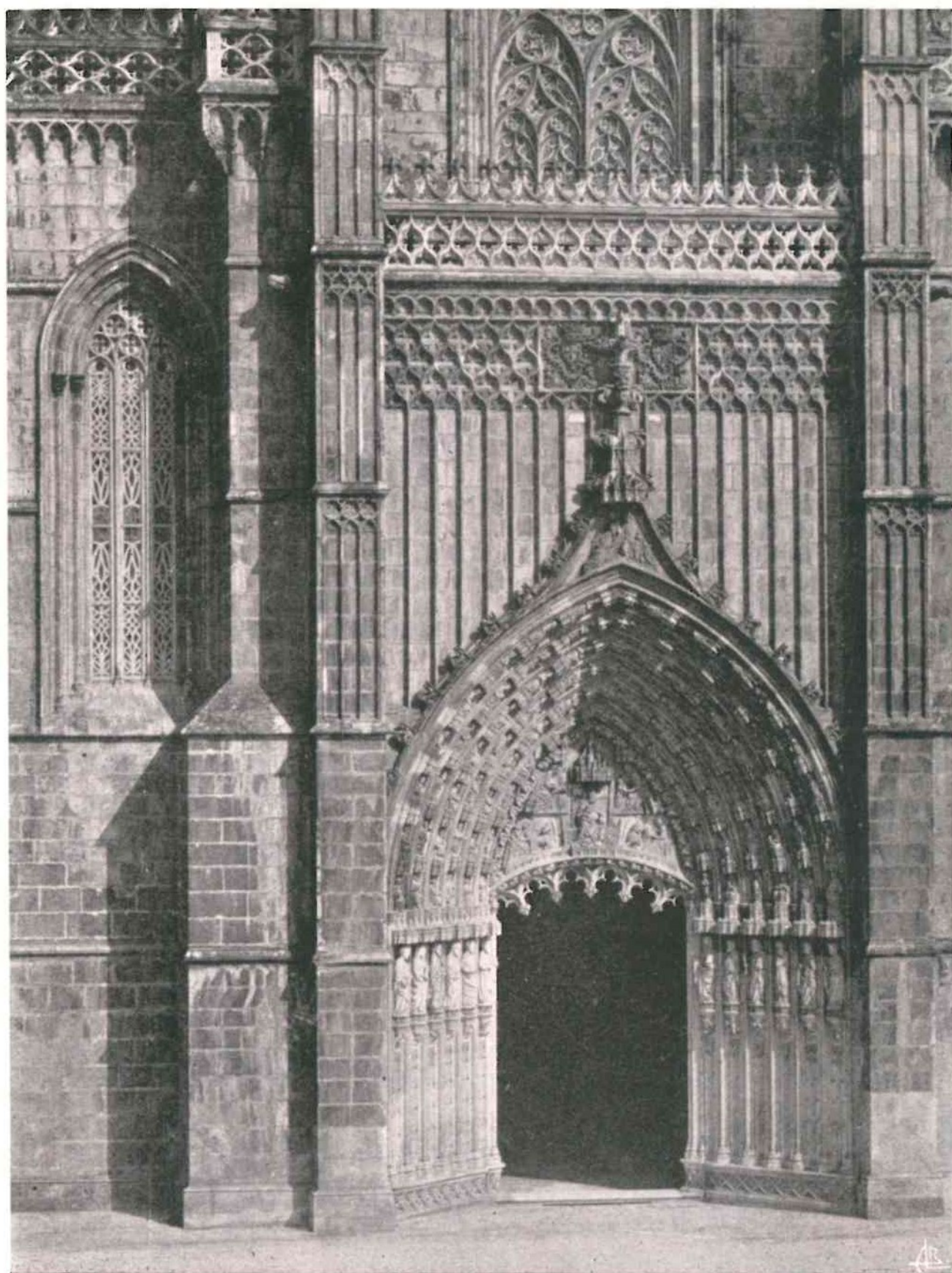
— 48 CLICHÉS —
FOTOGRAFICOS
—— DE ——
MARQUES ABREU
—— E ——
AUGUSTO SOUCASAU



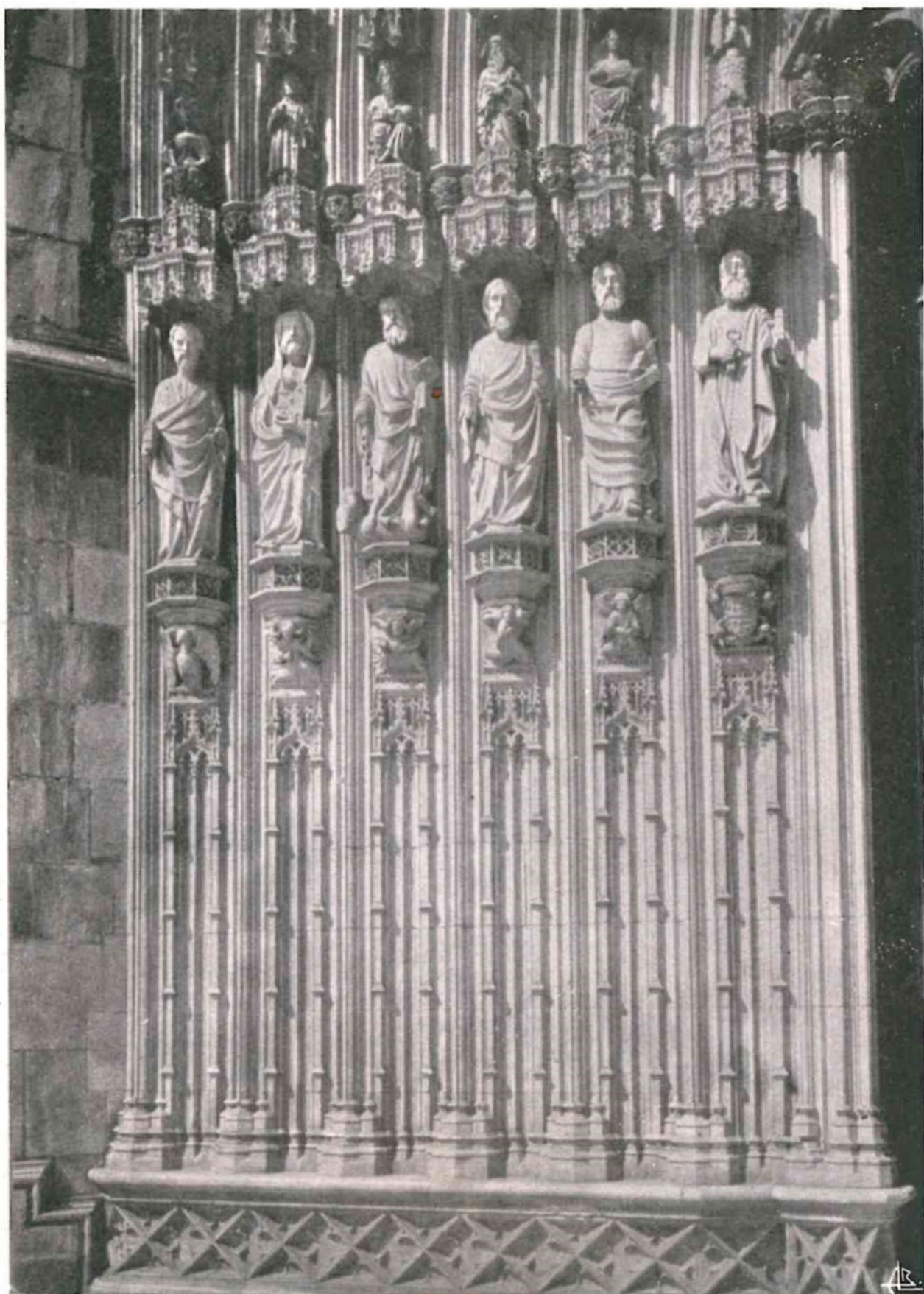
MOSTEIRO DA BATALHA — Fachada principal Poente
MONASTÈRE DE BATALHA — Façade principale Occidentale



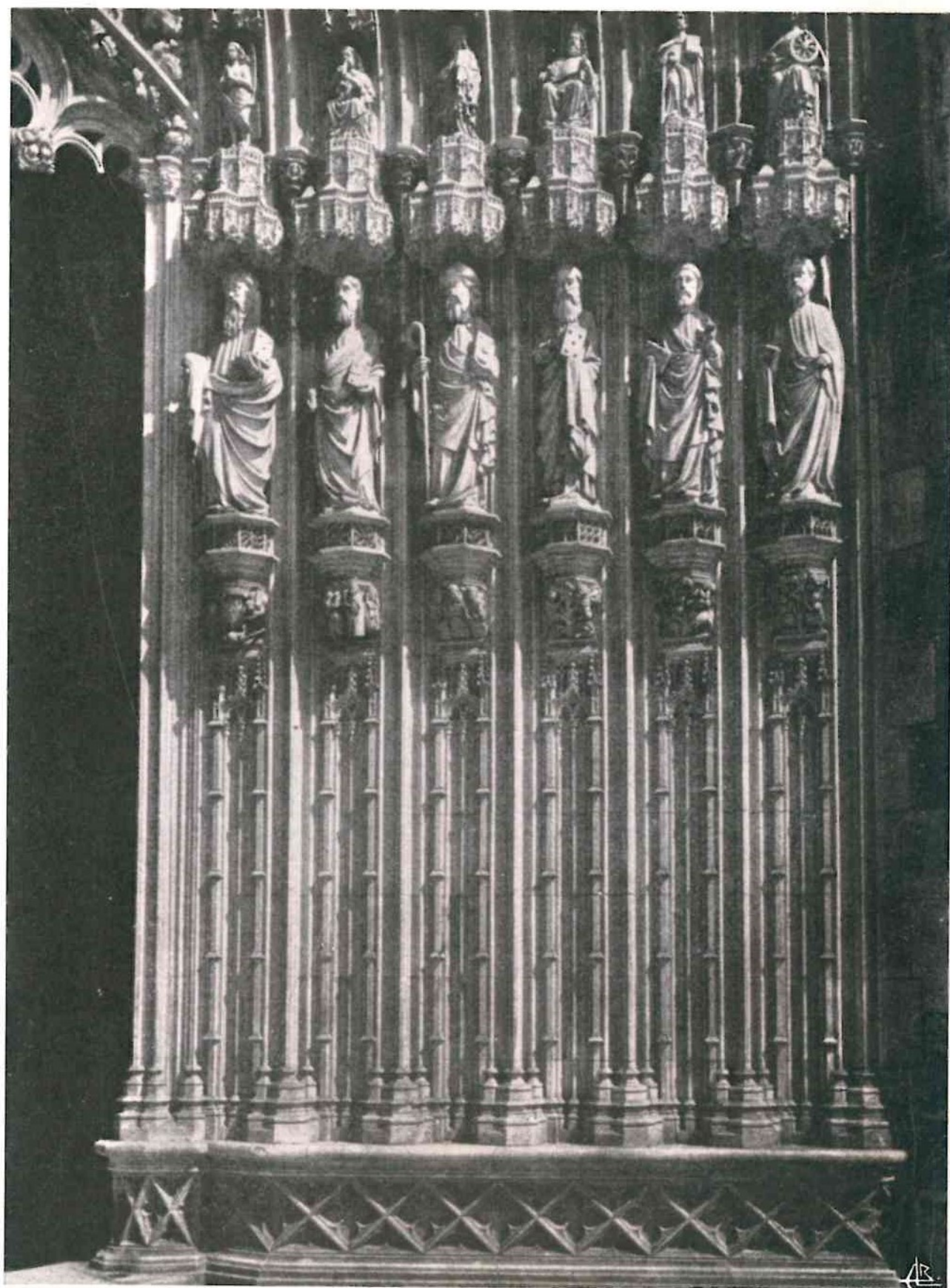
MOSTEIRO DA BATALHA — Pormenor da fachada principal
MONASTÈRE DE BATALHA — Détails de la façade principale



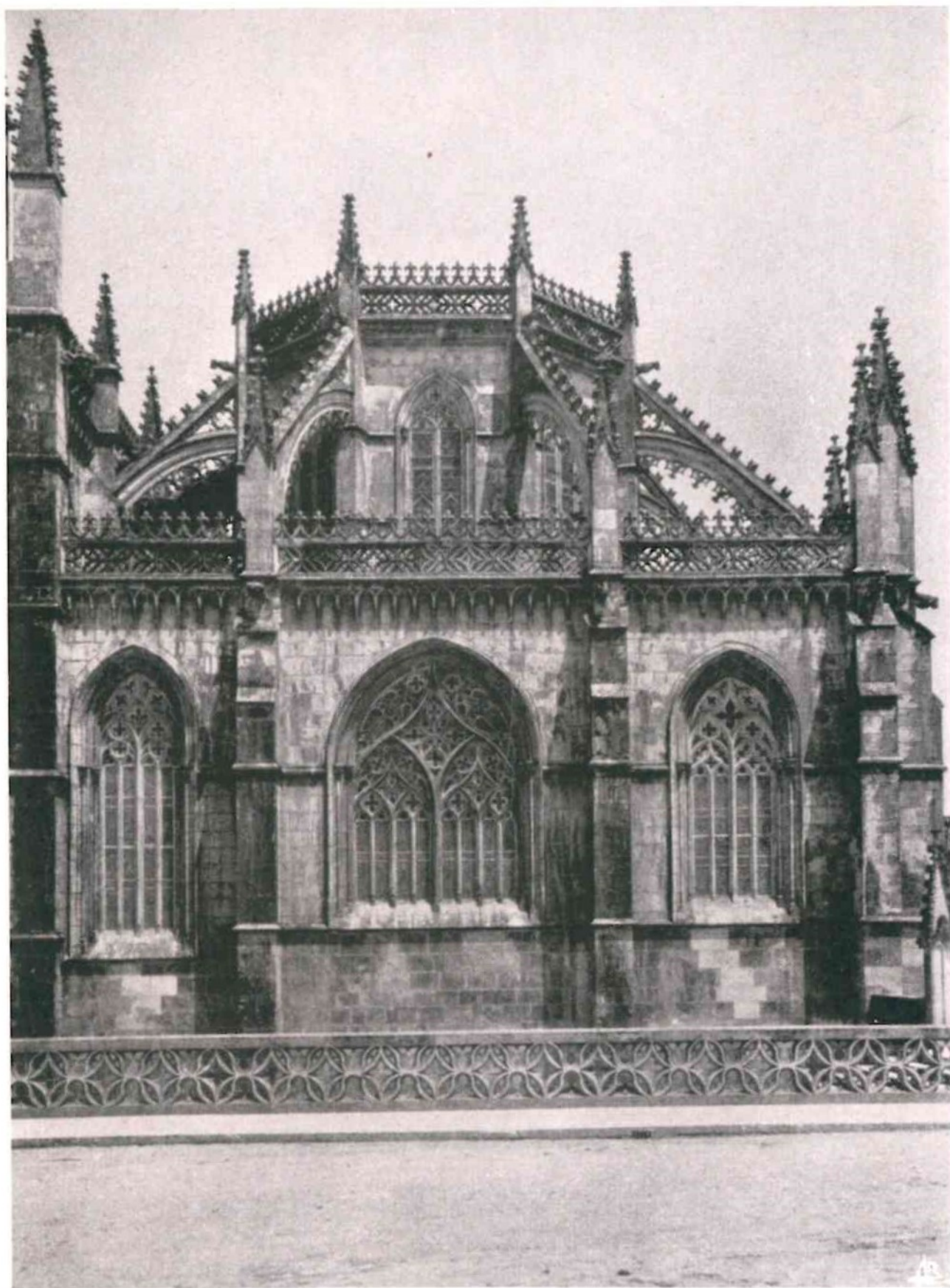
MOSTEIRO DA BATALHA — Pórtico da entrada principal
MONASTÈRE DE BATALHA — Porche de l'entrée principale



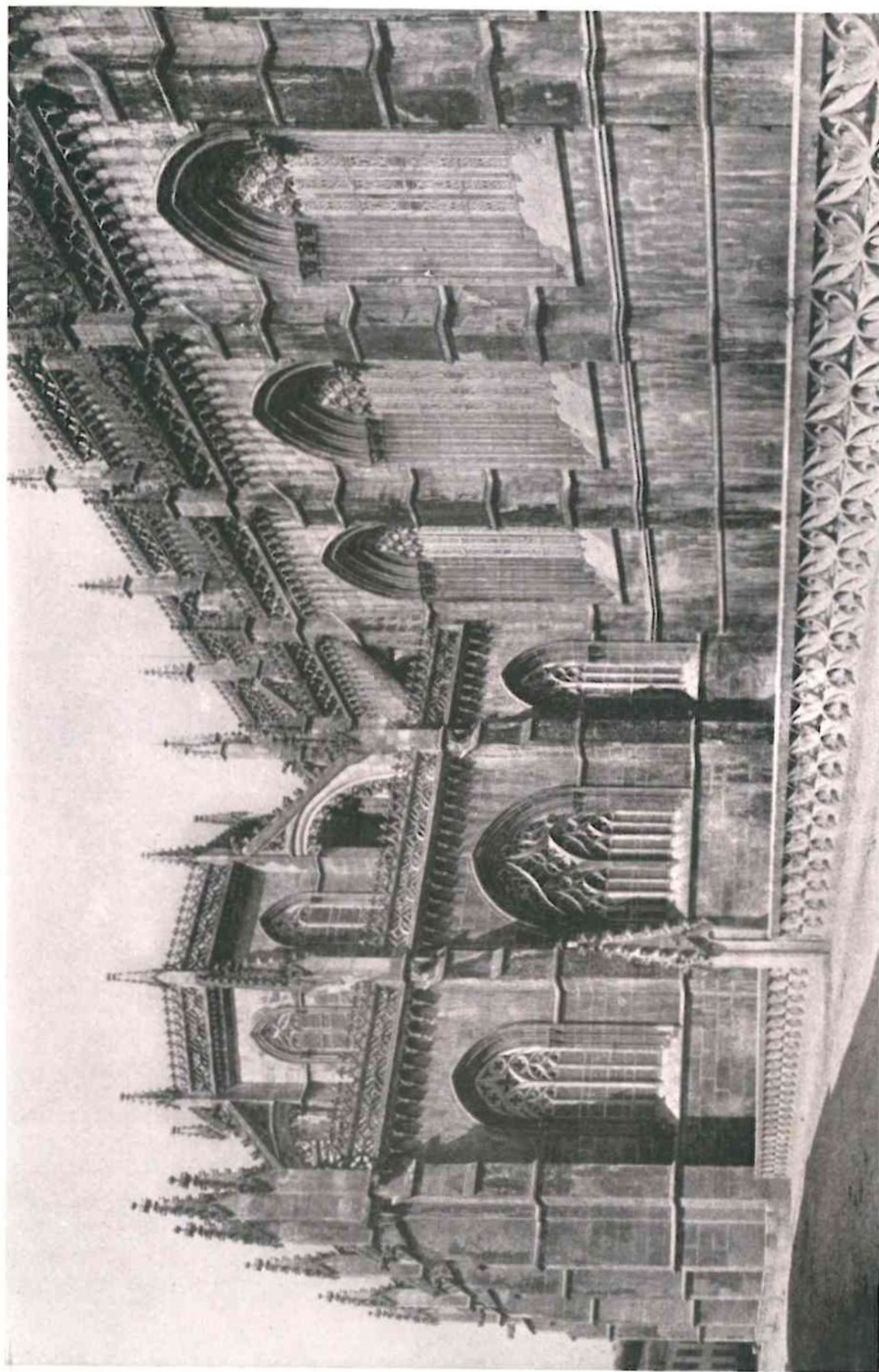
MOSTEIRO DA BATALHA — Pormenor da porta principal (esquerda)
MONASTÈRE DE BATALHA — Détails de la porte principale (côté gauche)



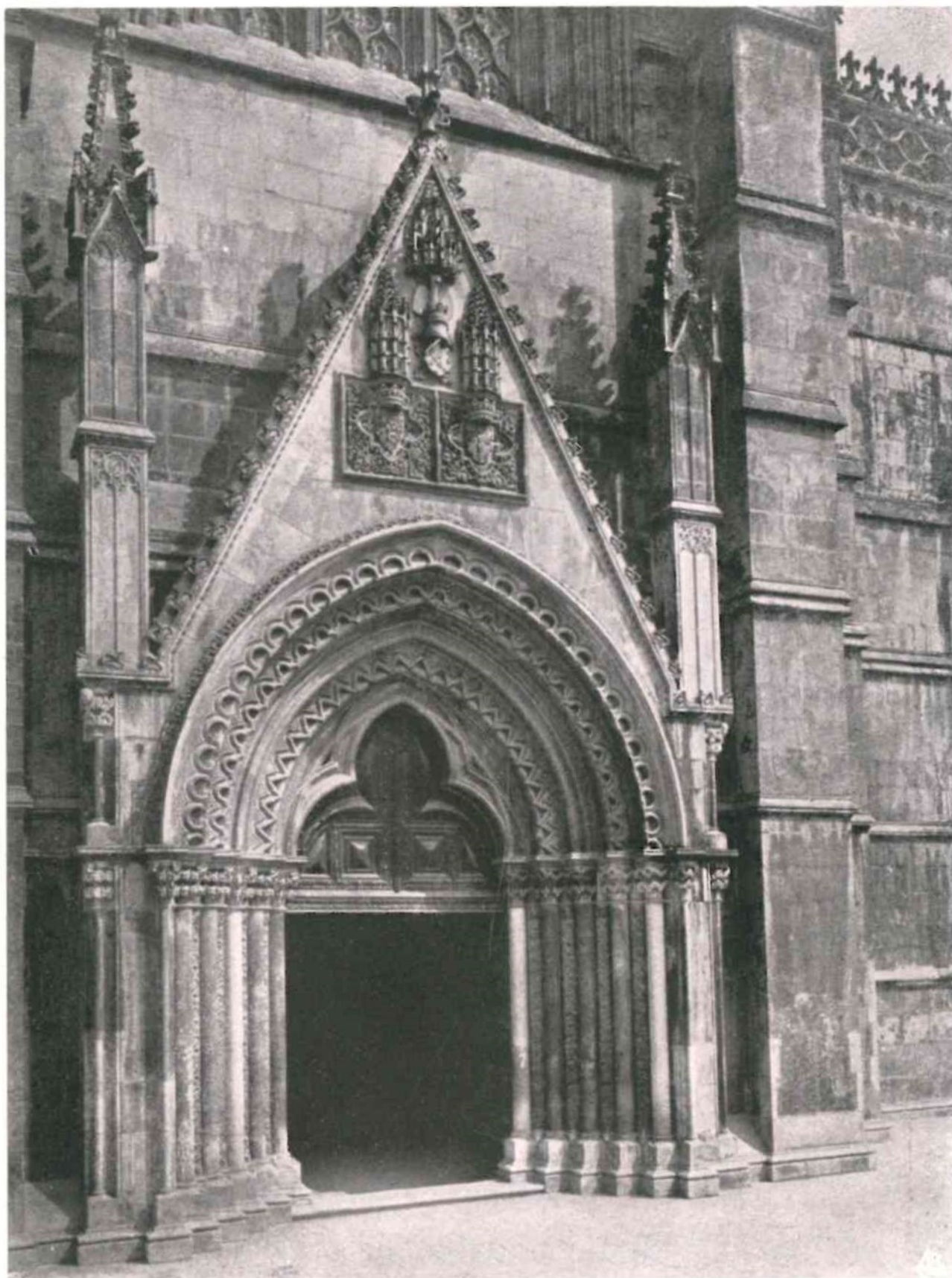
MOSTEIRO DA BATALHA — Pormenor da porta principal (direita)
MONASTÈRE DE BATALHA — Détails de la porte principale (côté droit)



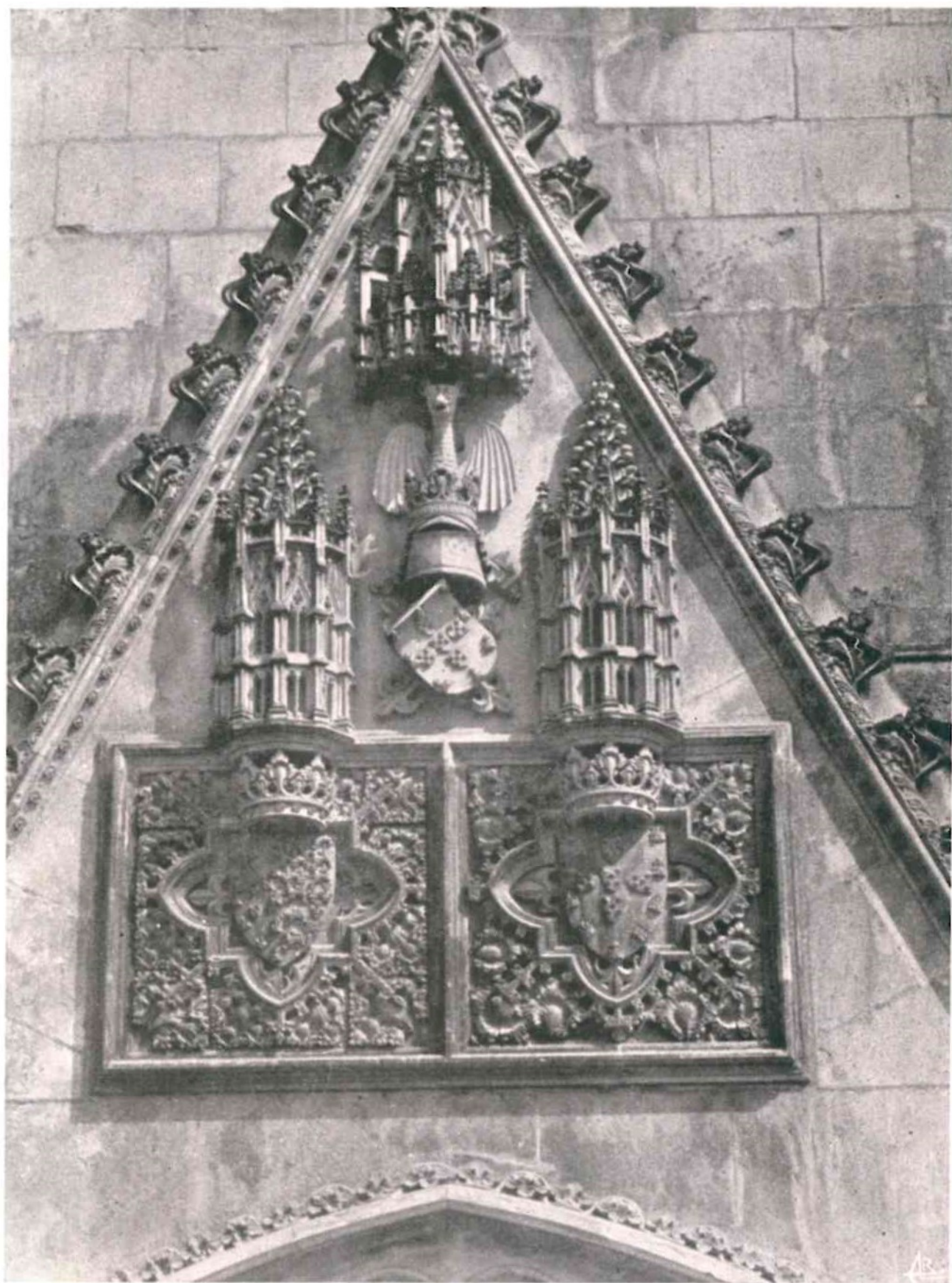
MOSTEIRO DA BATALHA — Capela do Fundador
MONASTÈRE DE BATALHA — Chapelle du Fondateur



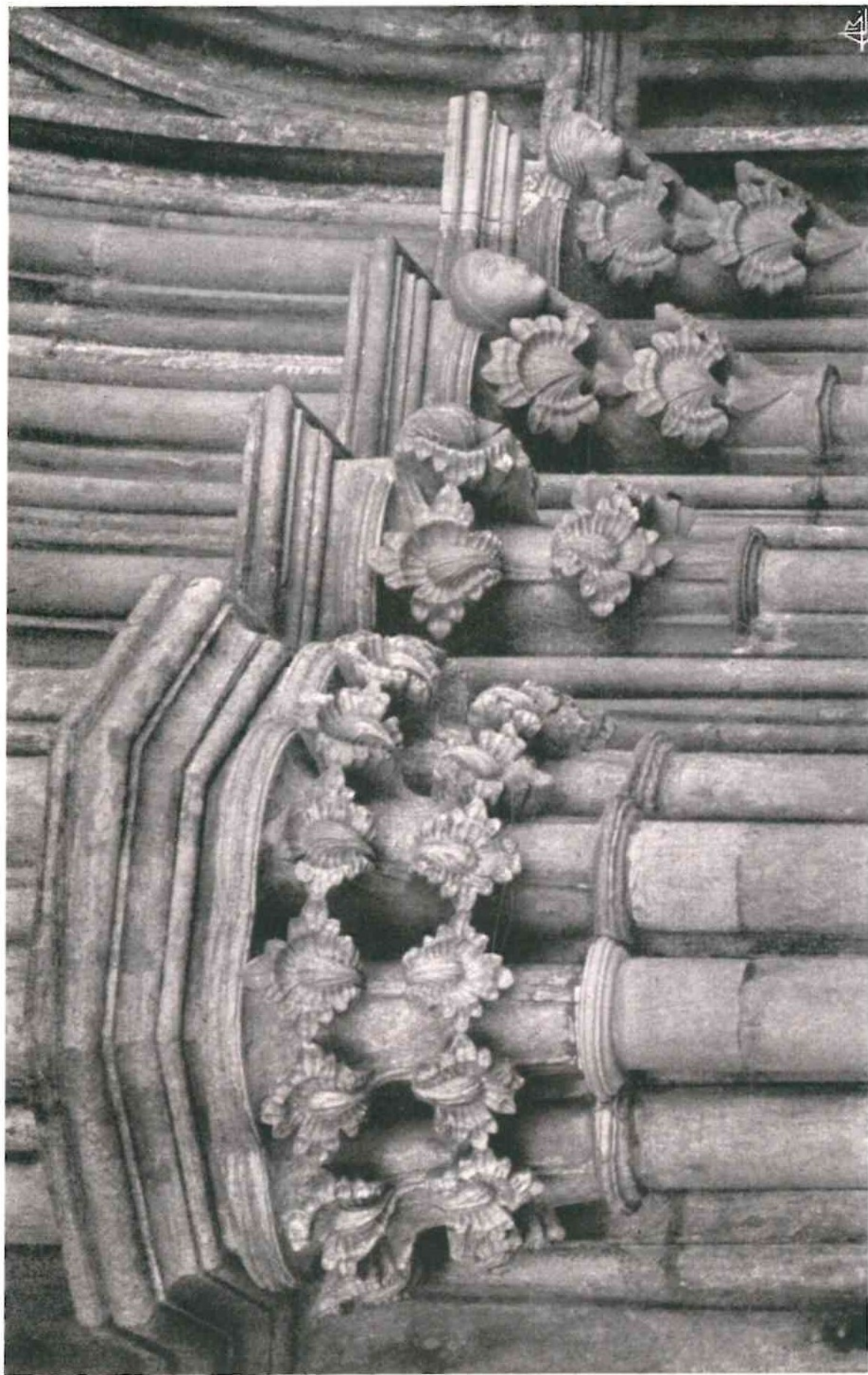
MOSTEIRO DA BATALHA — Capela do Fundador (lado sul)
MONASTÈRE DE BATALHA — Chapelle du Fondateur (côté sud)



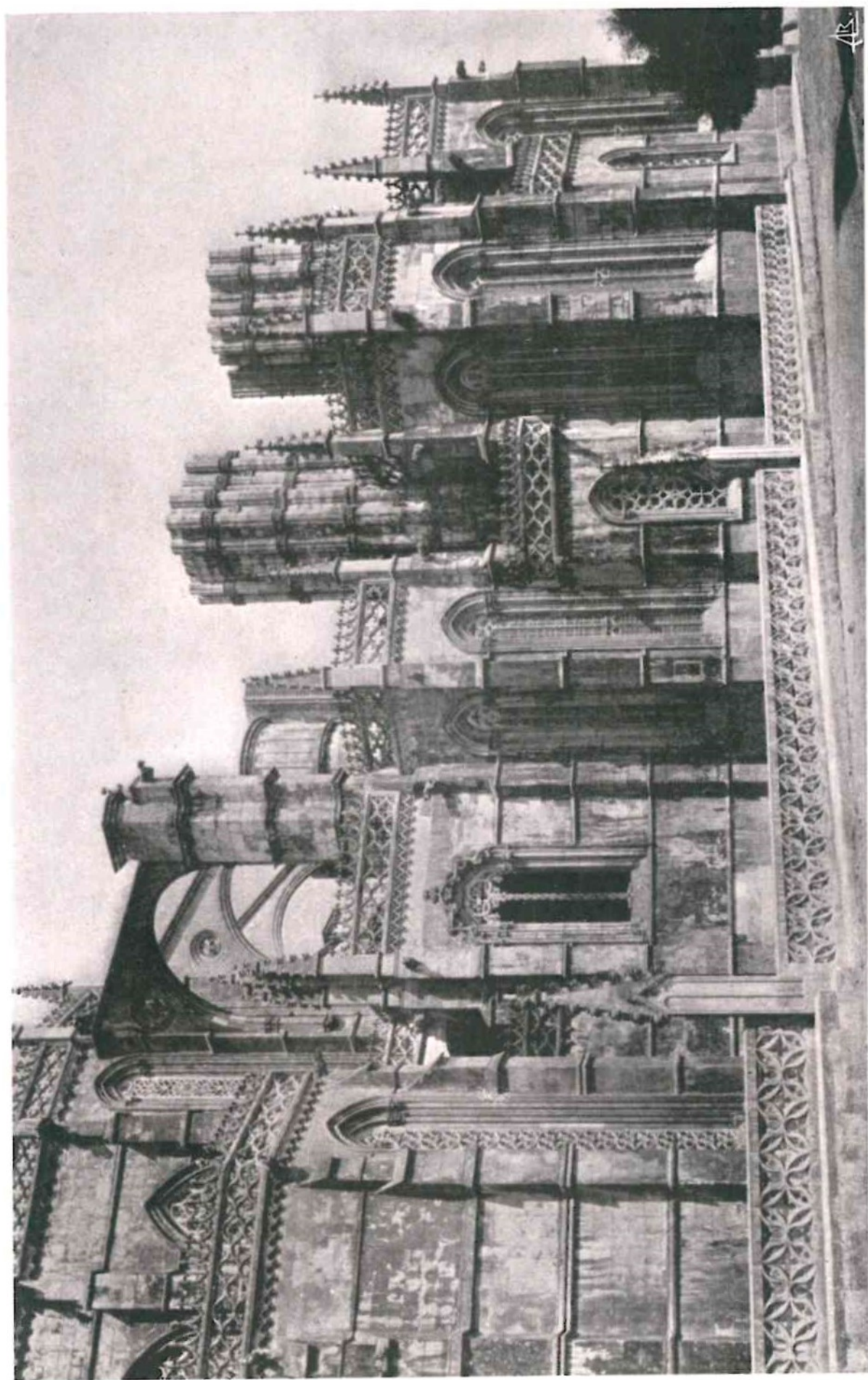
MOSTEIRO DA BATALHA — Pórtico lateral do sul
MONASTÈRE DE BATALHA — Porche latéral du sud



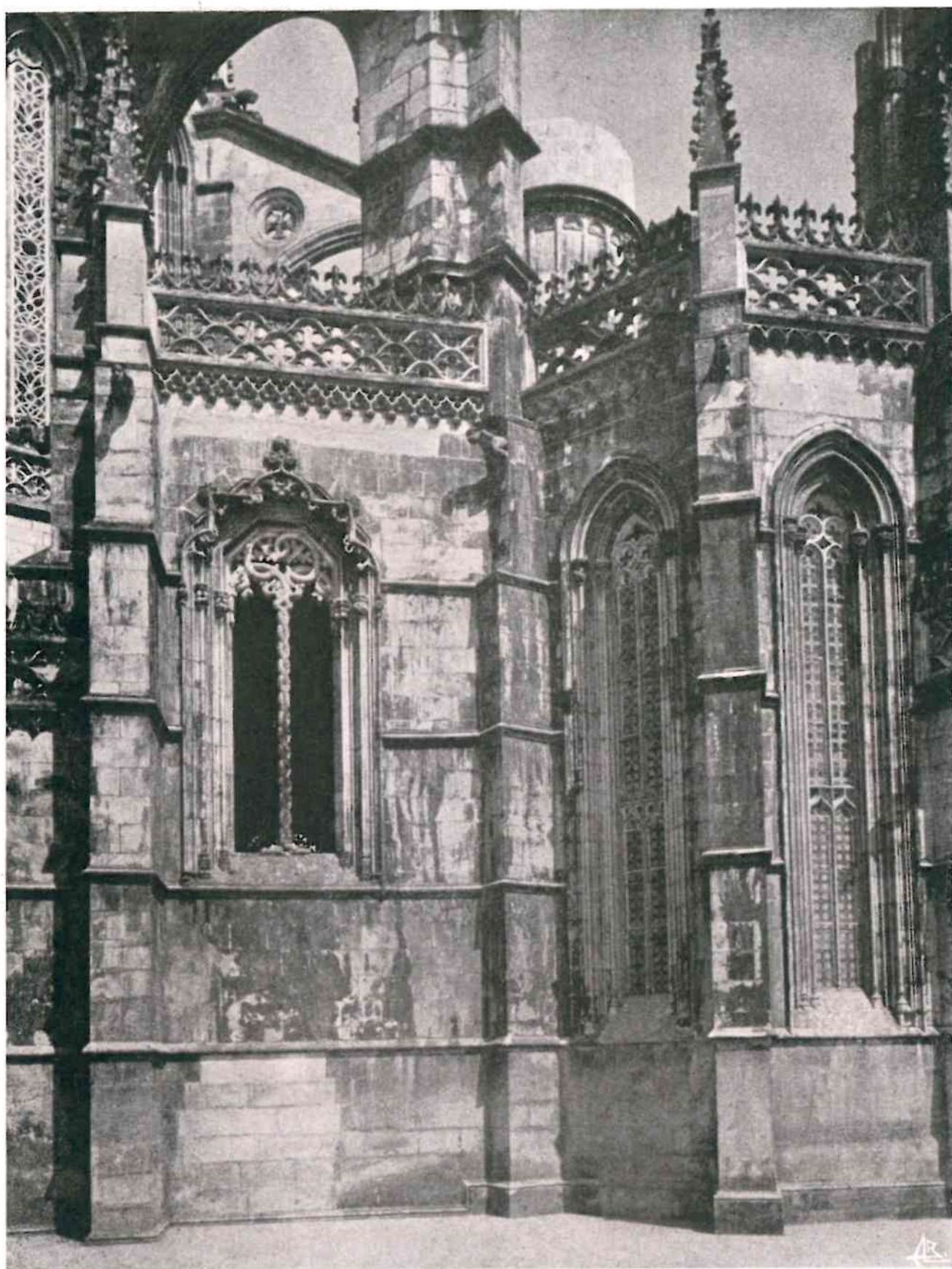
MOSTEIRO DA BATALHA — Frontão do Pórtico lateral
MONASTÈRE DE BATALHA — Fronton du Porche latéral



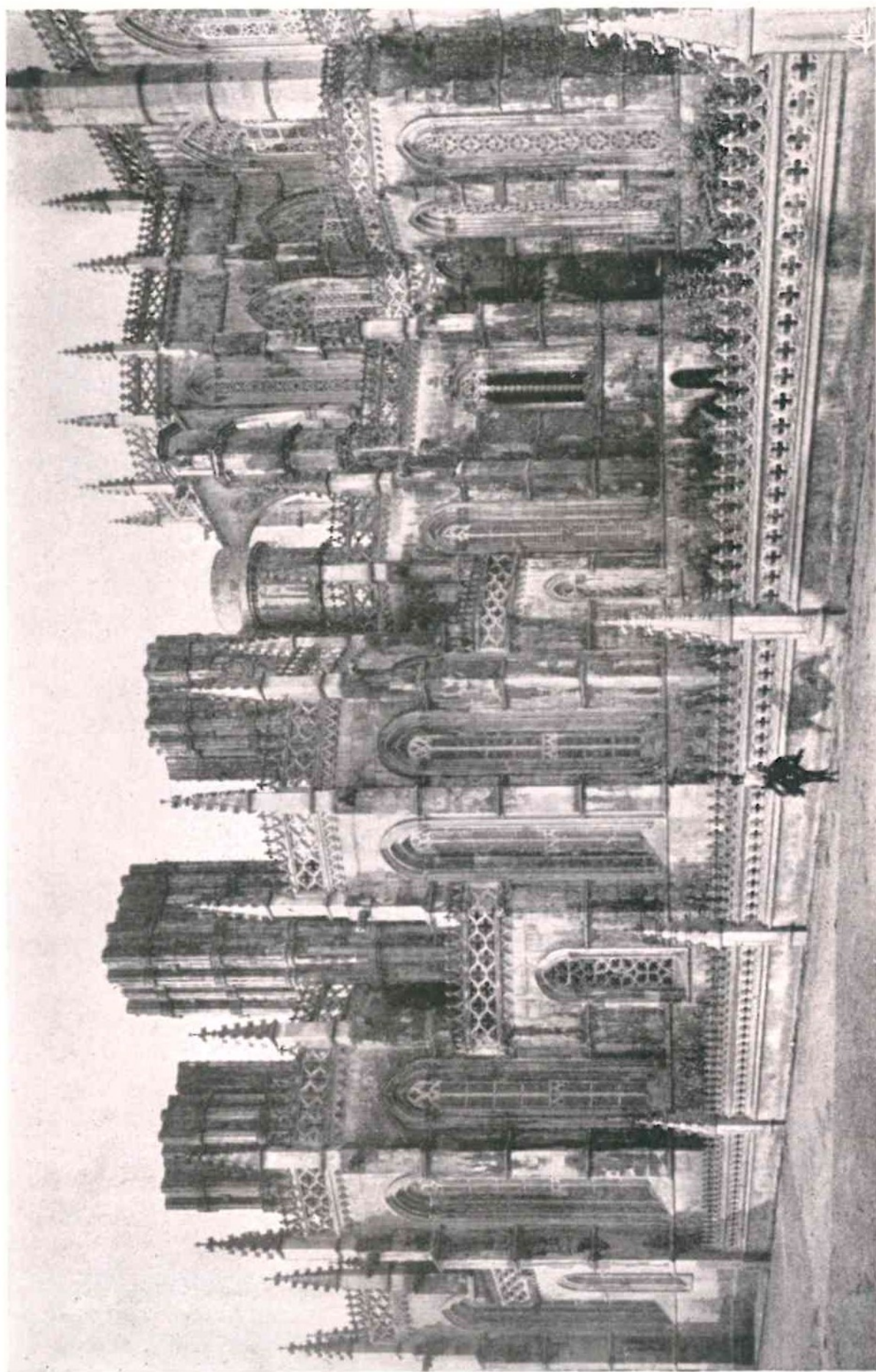
MOSTEIRO DA BATALHA — Capitéis do Pórtico lateral sul
MONASTÈRE DE BATALHA — Chapiteaux du Porche lateral sud



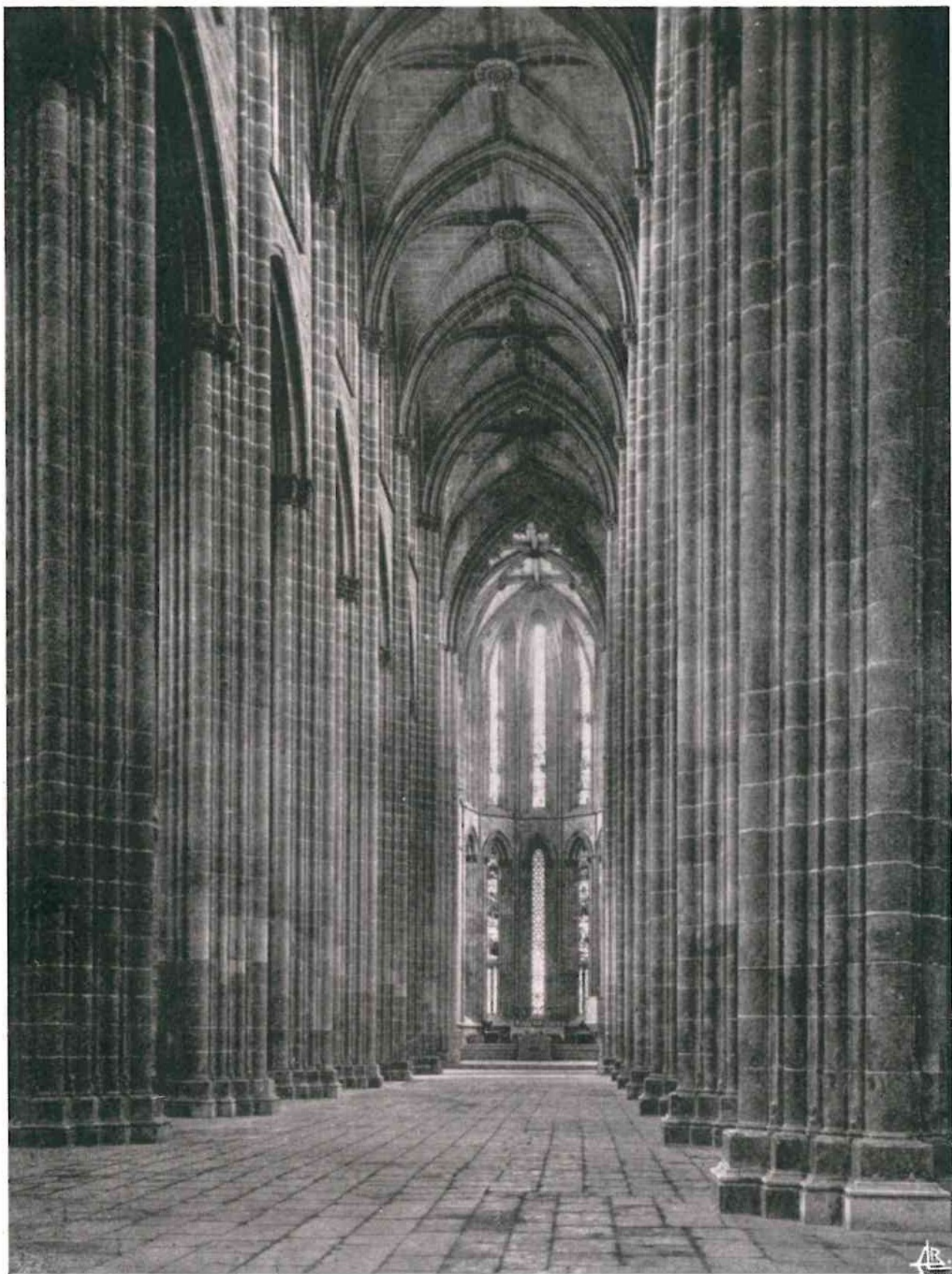
MOSTEIRO DA BATALHA — Exterior das Capelas Imperfeitas (lado sul)
MONASTÈRE DE BATALHA — Extérieur des Chapelles Imparfaites (côté sud)



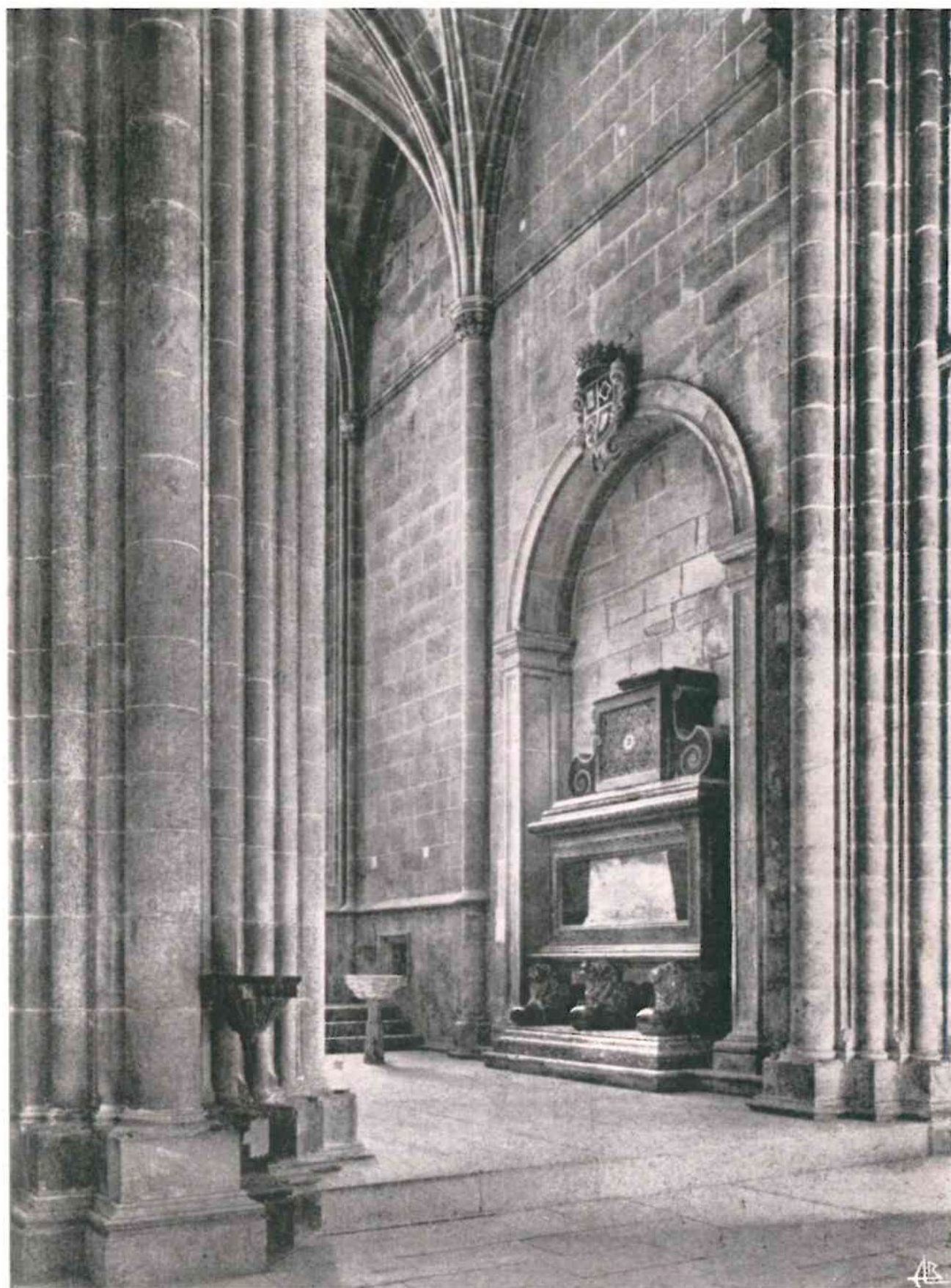
MOSTEIRO DA BATALHA — Exterior das Capelas Imperfeitas,
 pormenor da janela manuelina do átrio
 MONASTÈRE DE BATALHA — Extérieur des Chapelles Imparfaites,
 détails de la fenêtré manueline de l'atrium



MOSTEIRO DA BATALHA — Abside da Igreja e Capelas Imperfeitas
MONASTÈRE DE BATALHA — Abside de l'Eglise et Chapelles Imparfaites

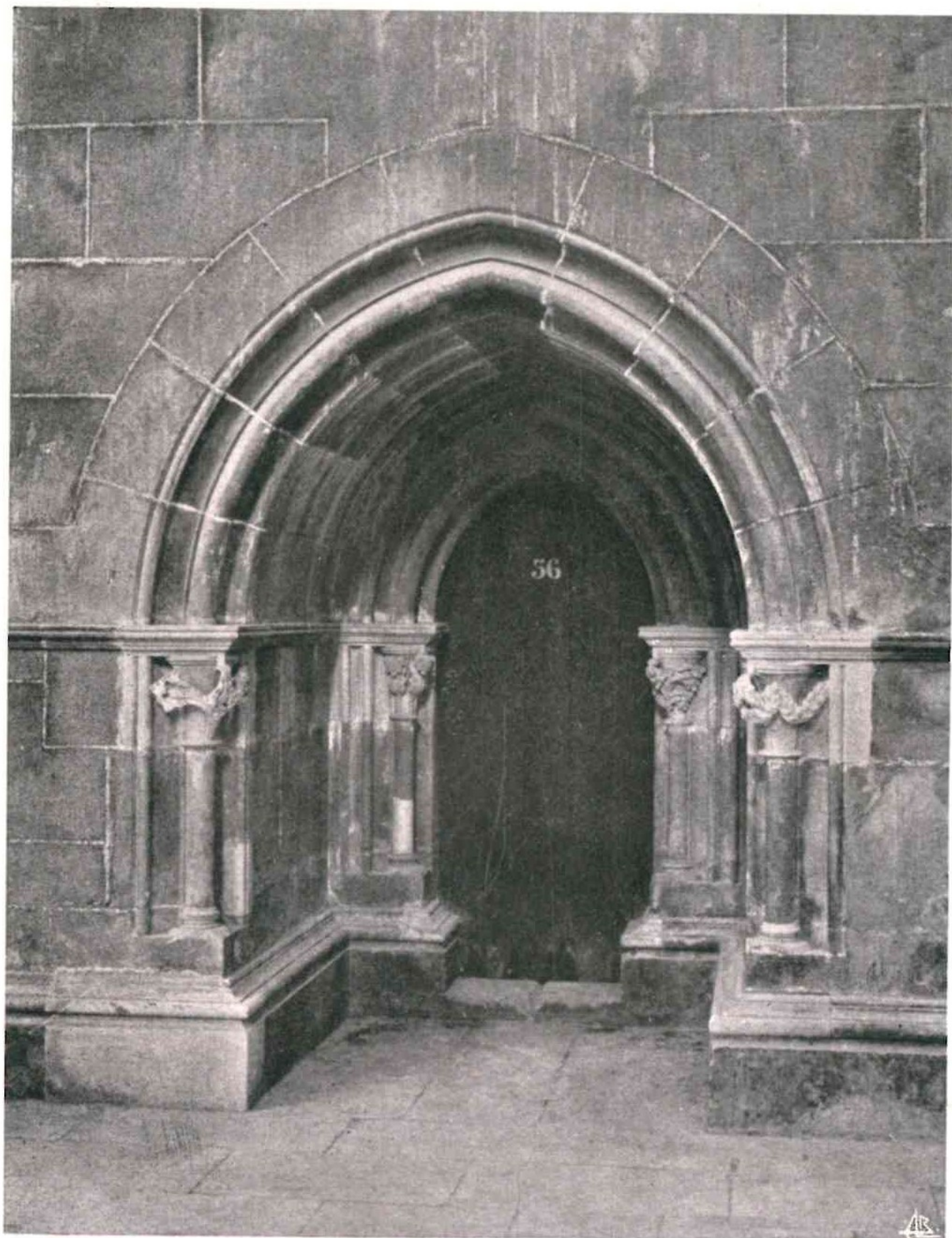


MOSTEIRO DA BATALHA — Interior da Igreja da Batalha — nave principal
MONASTÈRE DE BATALHA — Intérieur de l'Eglise de Batalha — nef principale



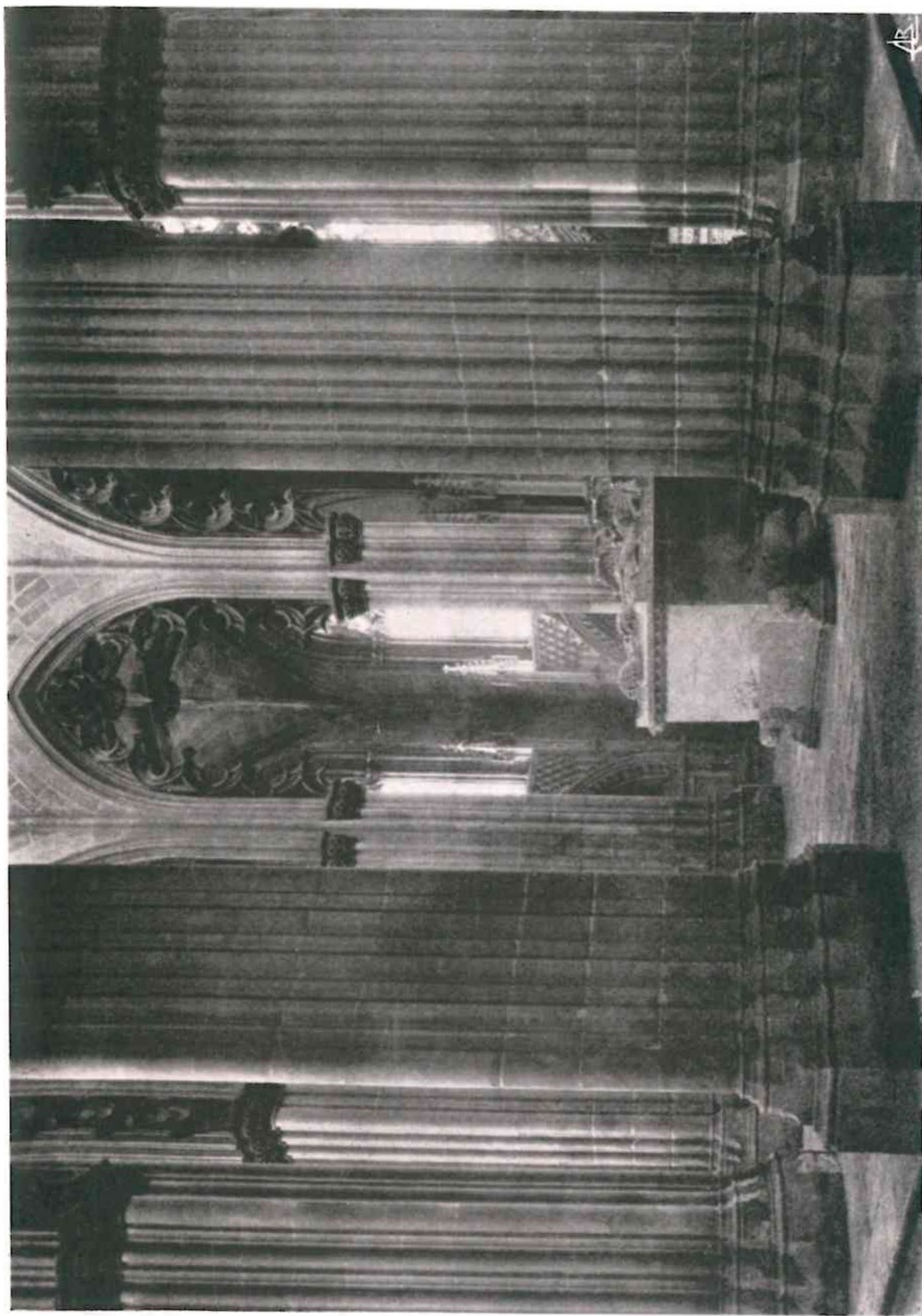
MOSTEIRO DA BATALHA — Interior da Igreja da Batalha —
nave lateral direita

MONASTÈRE DE BATALHA — Intérieur de l'Eglise de Batalha —
nef latérale de droite

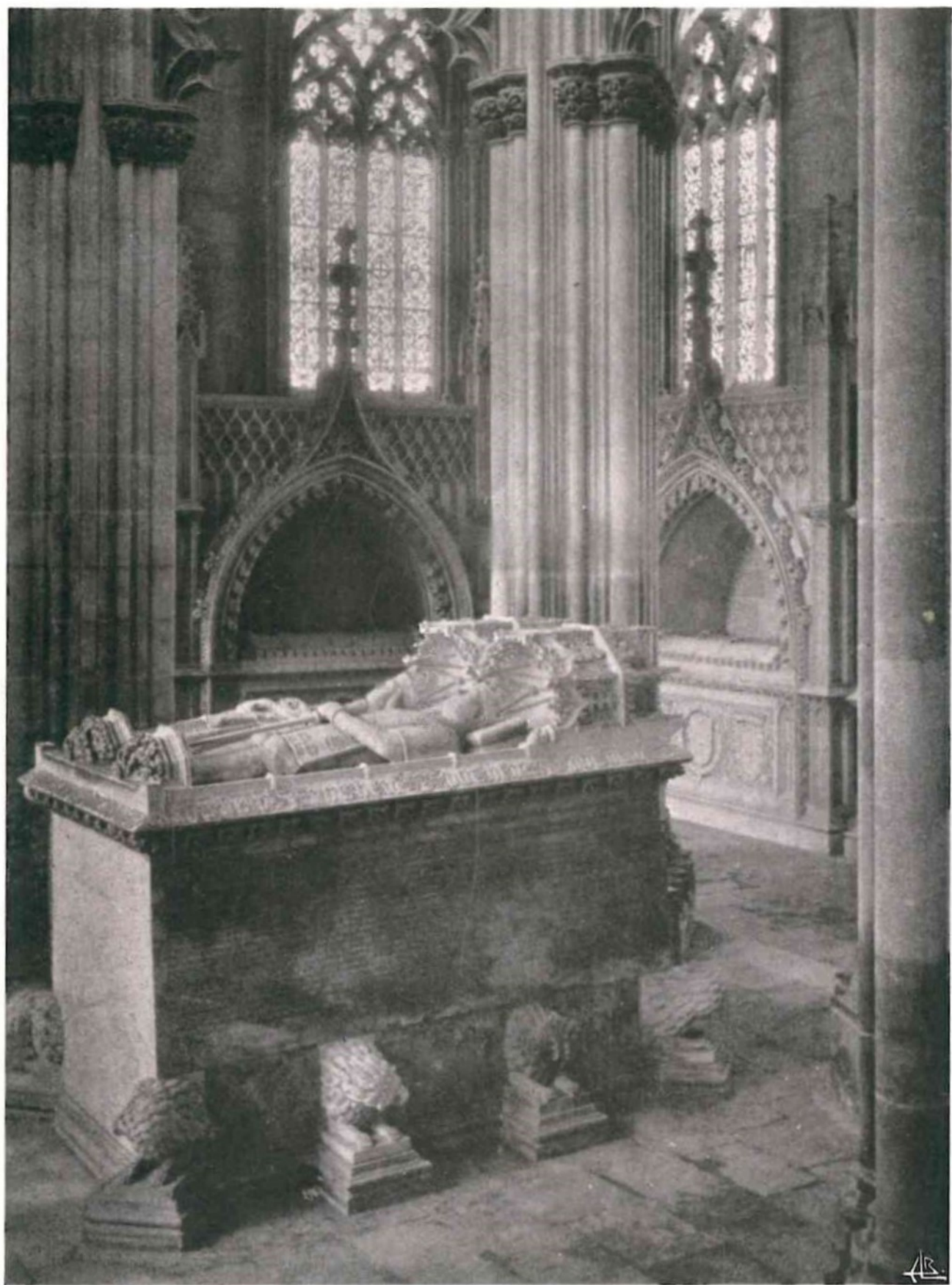


MOSTEIRO DA BATALHA — Porta de comunicação do interior da igreja
para o Claustro Real

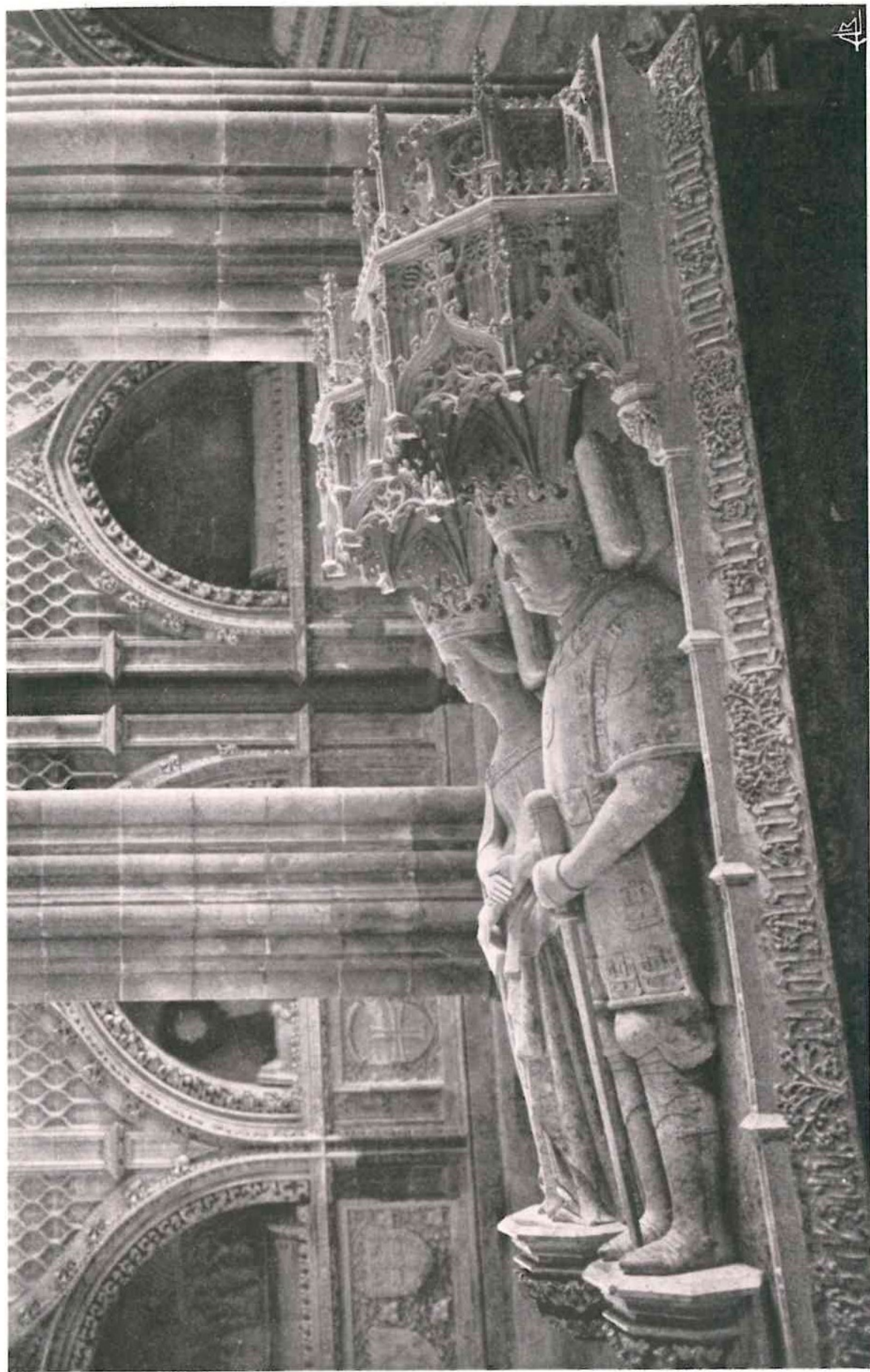
MONASTÈRE DE BATALHA — Porte de communication de l'intérieur de l'Eglise
au Cloître Royal



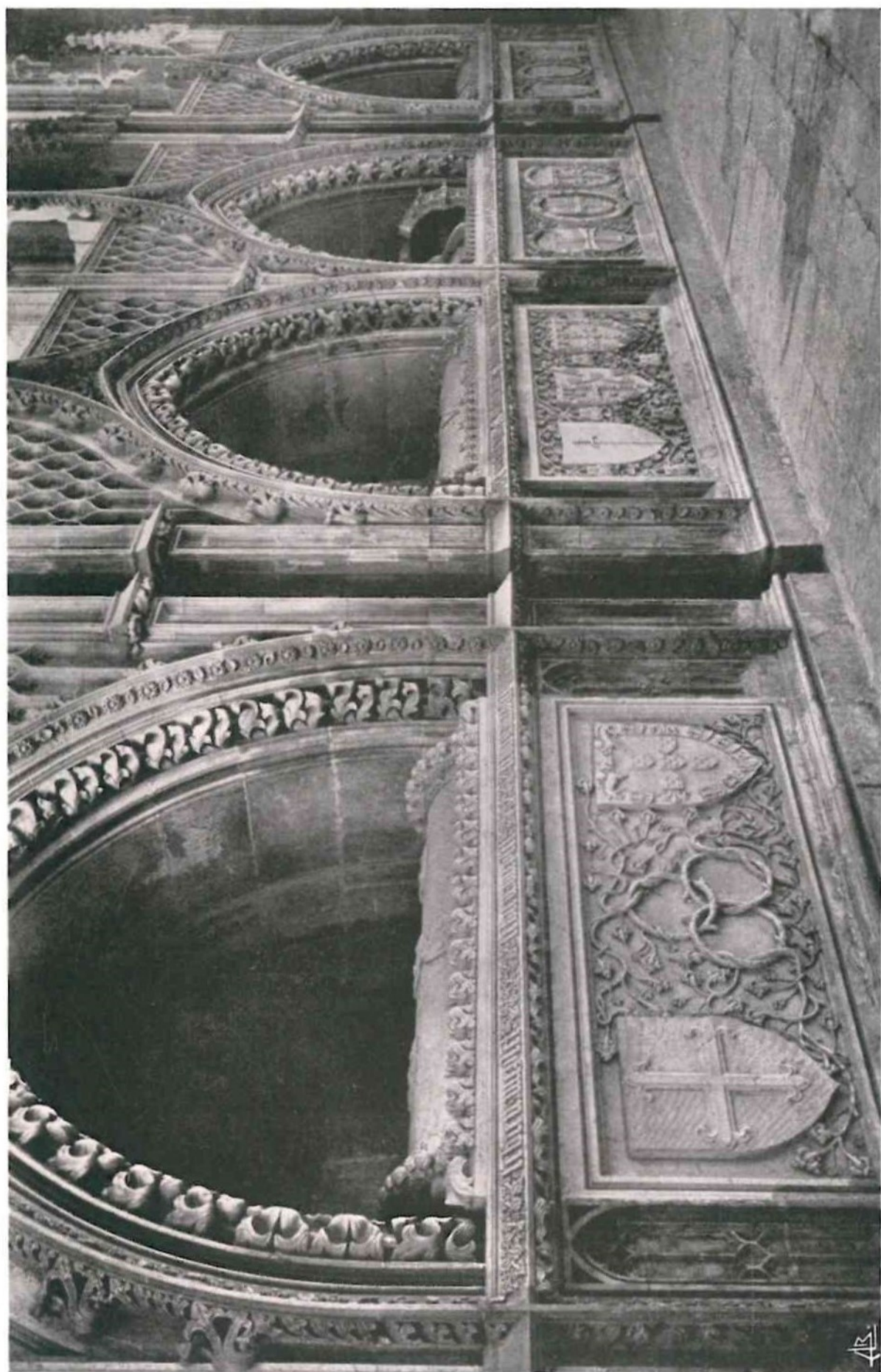
MOSTEIRO DA BATALHA — Entrada da Capela do Fundador
MONASTÈRE DE BATALHA — Entrée de la Chapelle du Fondateur



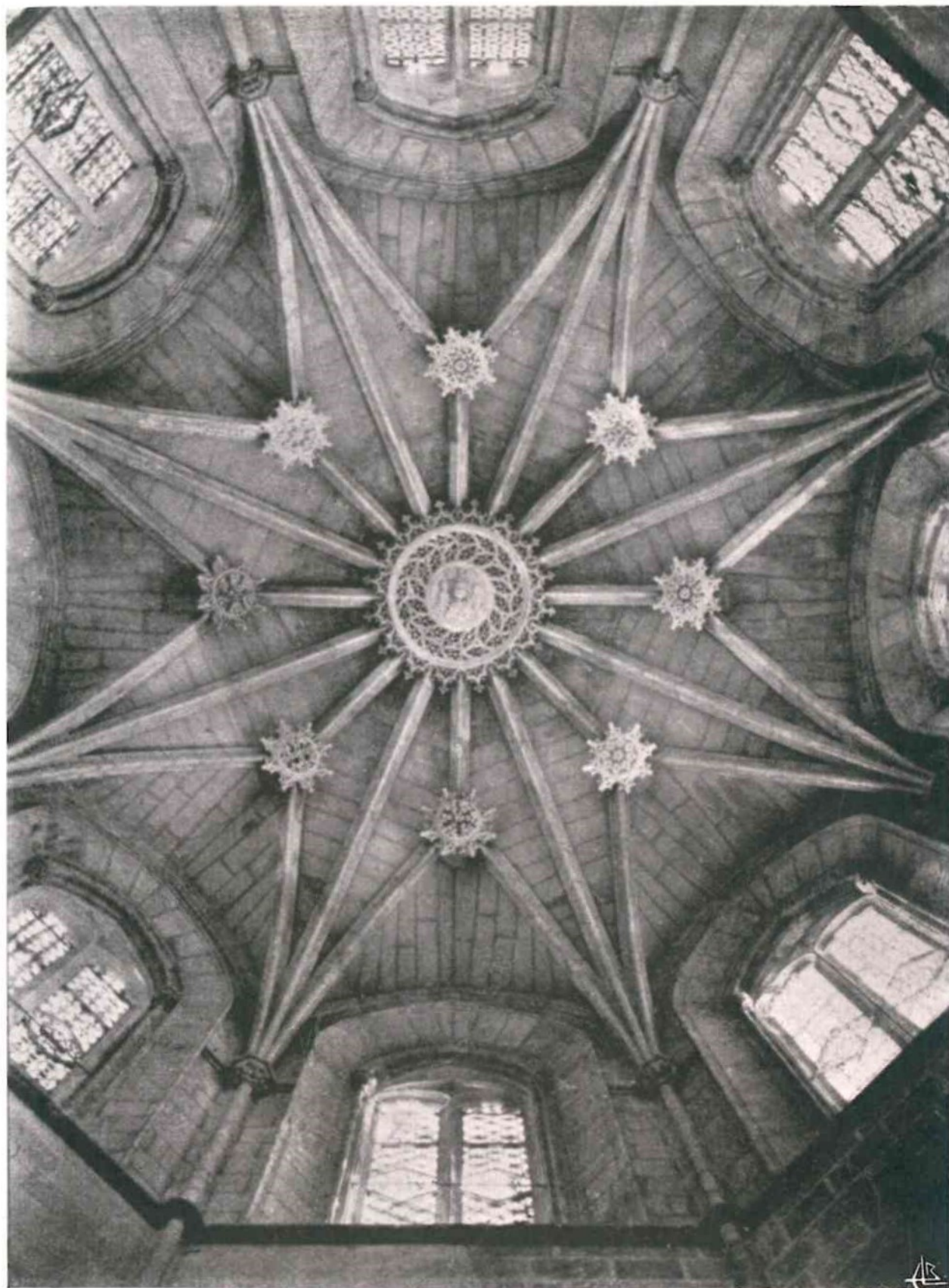
MOSTEIRO DA BATALHA — Túmulo de D. João I e D. Filipa de Lencastre
MONASTÈRE DE BATALHA — Tombeau de D. João I et de D. Filipa de Lencastre



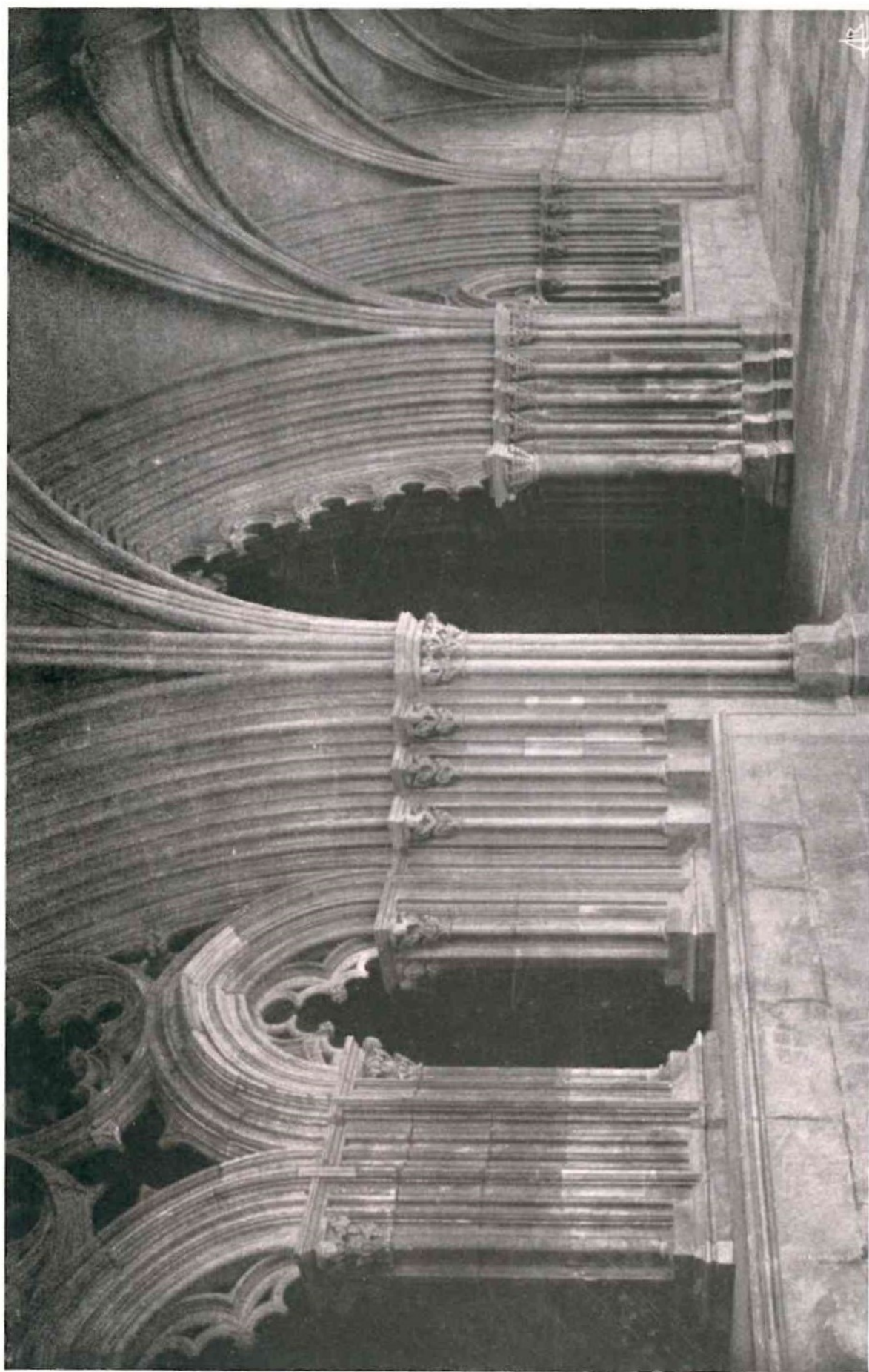
MOSTEIRO DA BATALHA — Estátuas jacentes de D. João I e D. Filipa
MONASTÈRE DE BATALHA — Statues couchées de D. João I et de D. Filipa



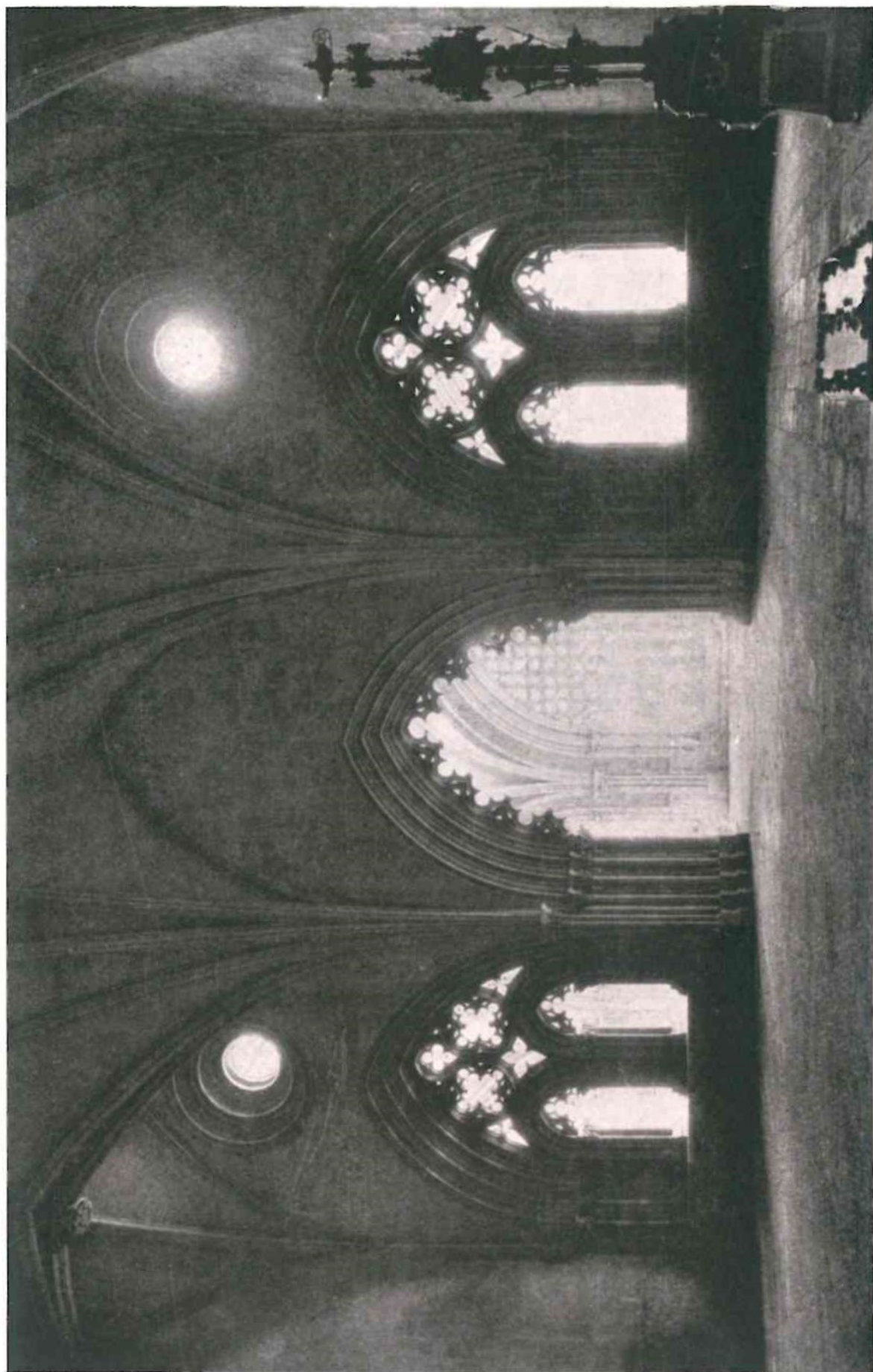
MOSTEIRO DA BATALHA — Túmulos dos filhos de D. João I
MONASTÈRE DE BATALHA — Tombeaux des fils de D. João I



MOSTEIRO DA BATALHA — Abóbada da Capela do Fundador
MONASTÈRE DE BATALHA — Voute de la Chapelle du Fondateur



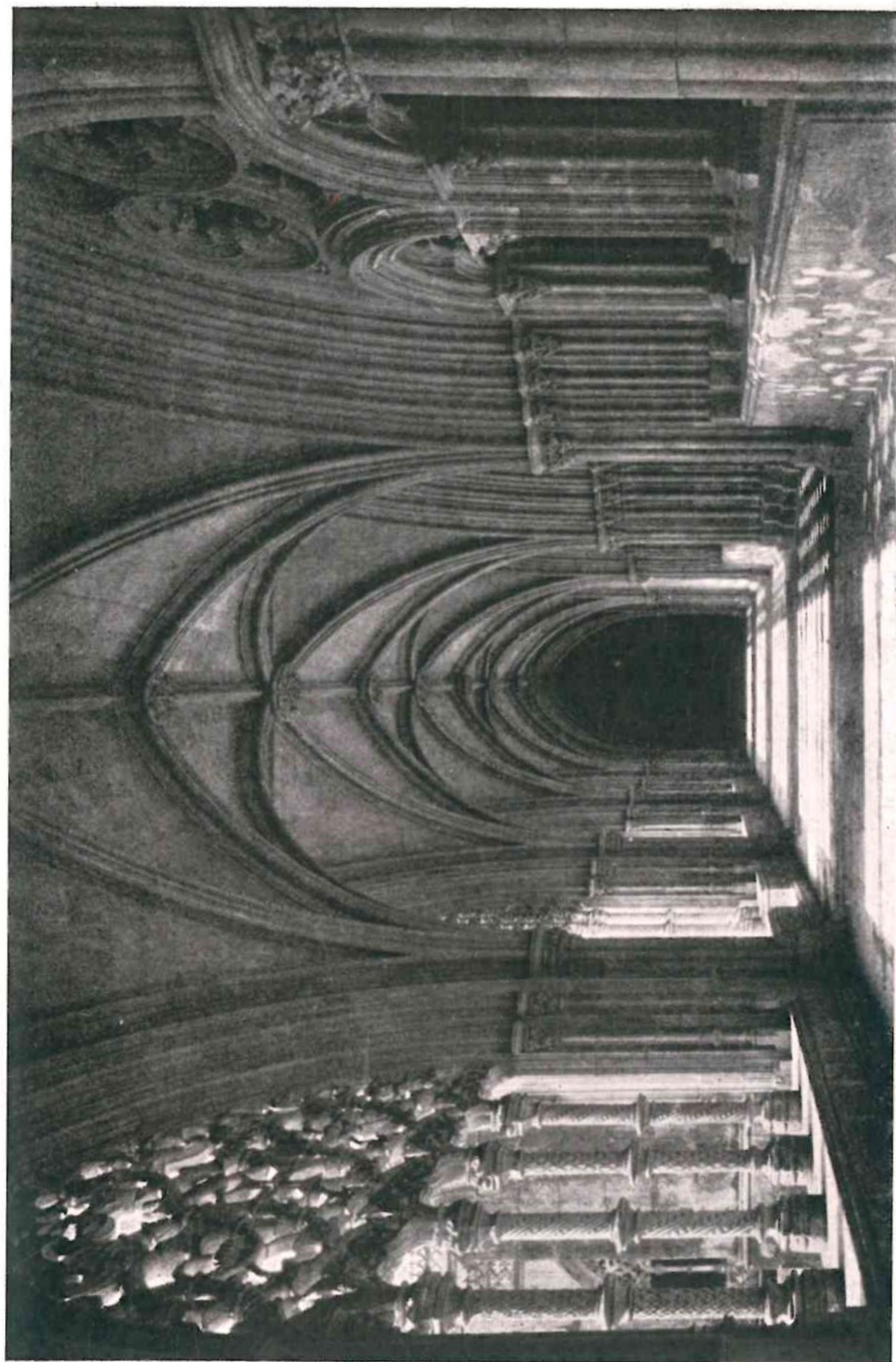
MOSTEIRO DA BATALHA — Entrada da Casa do Capítulo
MONASTÈRE DE BATALHA — Entrée de la Salle du Chapitre



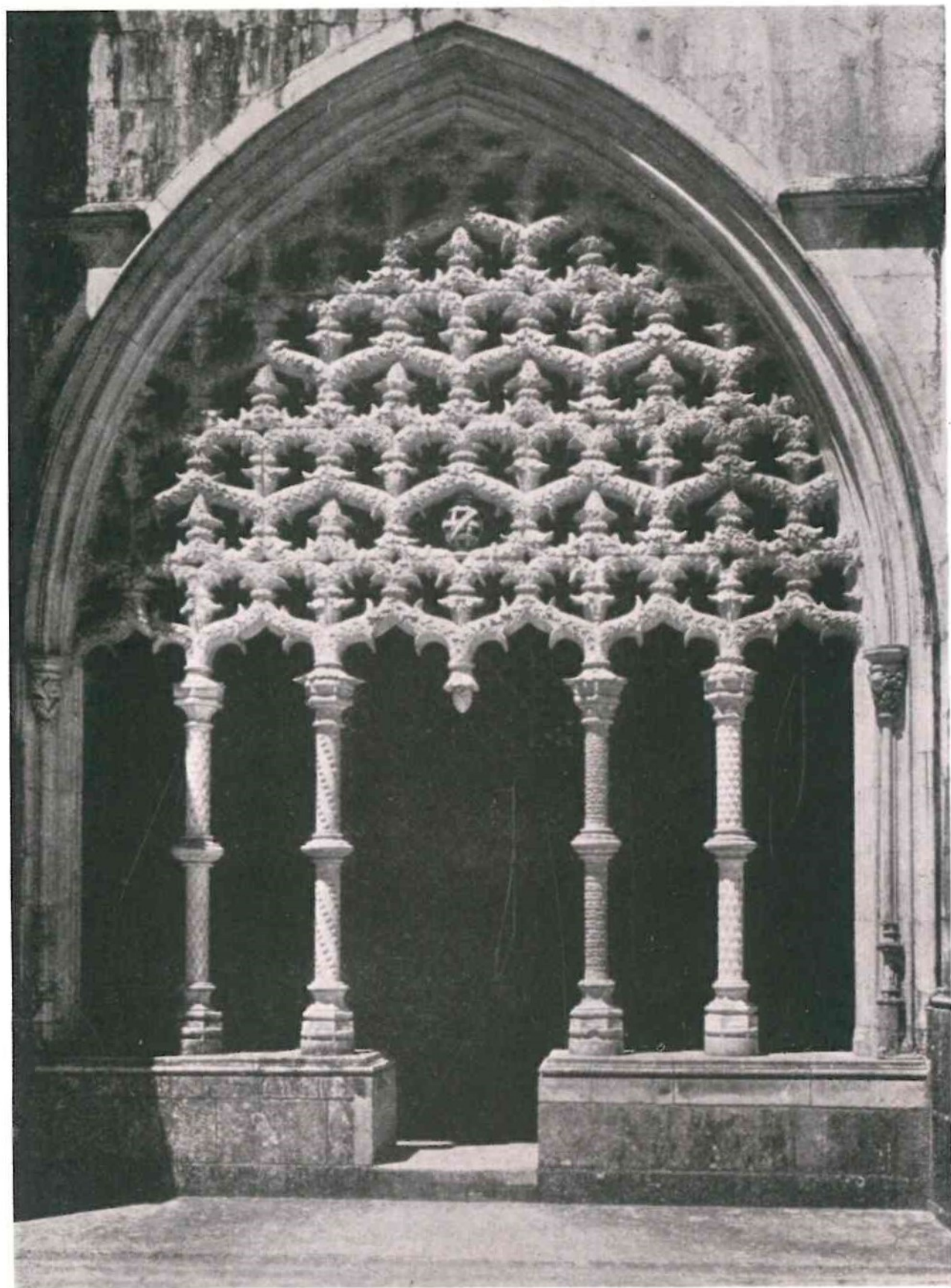
MOSTEIRO DA BATALHA — Interior da Casa do Capítulo e túmulo do Soldado Desconhecido
MONASTÈRE DE BATALHA — Intérieur de la Salle du Chapitre et tombeau du Soldat inconnu



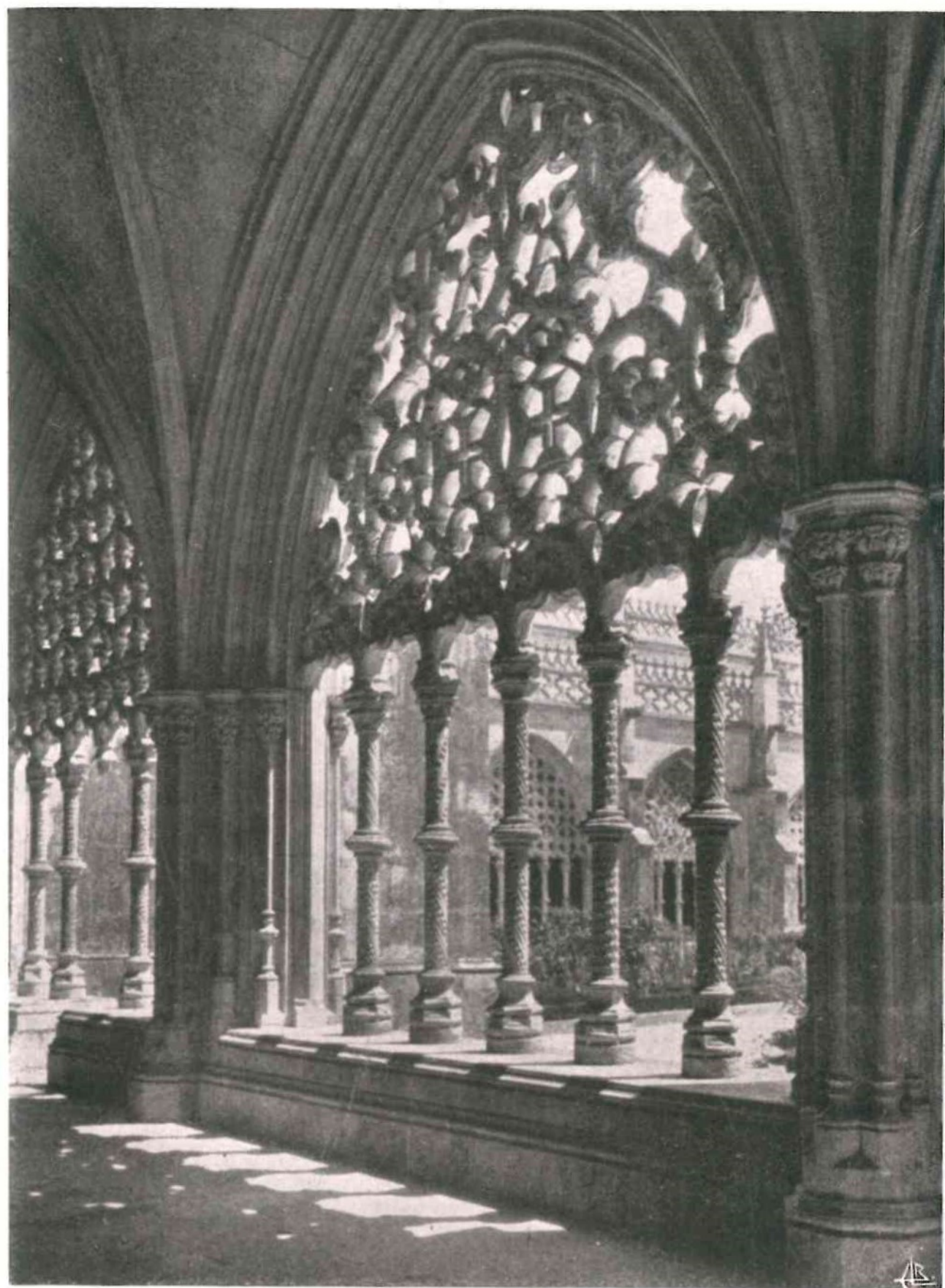
**MOSTEIRO DA BATALHA — Retrato de um dos arquitectos
da Casa do Capítulo**
**MONASTÈRE DE BATALHA — Portrait d'un des architectes
de la Salle du Chapitre**



MOSTEIRO DA BATALHA — Galeria Este do Claustro Real
MONASTÈRE DE BATALHA — Galerie Est du Cloître Royal



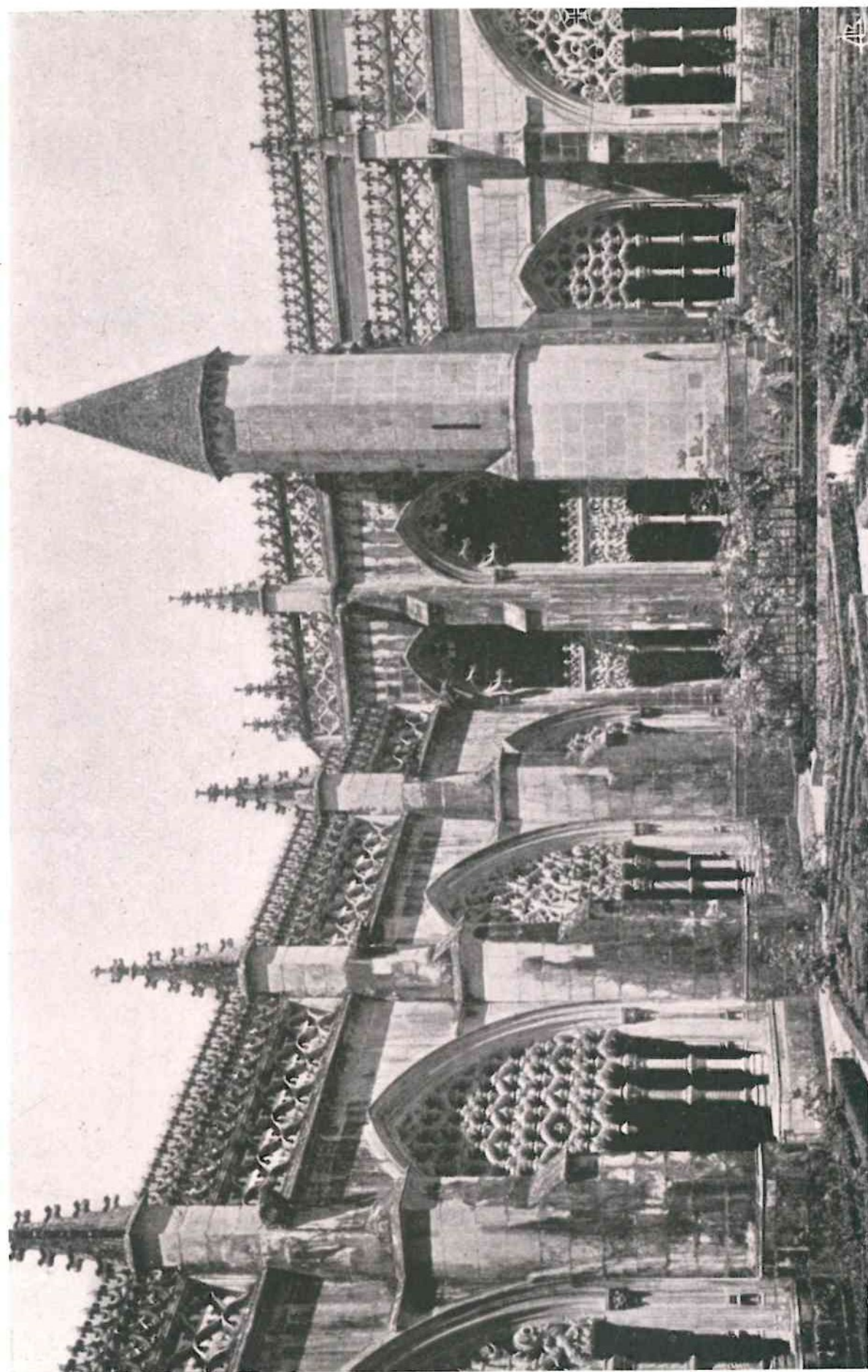
MOSTEIRO DA BATALHA — Arcada do Claustro Real
MONASTÈRE DE BATALHA — Arcada du Cloître Royal



MOSTEIRO DA BATALHA — Grilhagem manuelina da arcada do Claustro Real
MONASTÈRE DE BATALHA — Grillage manuélín de l'arcade du Cloître Royal



MOSTEIRO DA BATALHA — Colunas manuelinas da arcada
do Claustro Real
MONASTÈRE DE BATALHA — Colonnes manuélines de l'arcade
du Cloître Royal



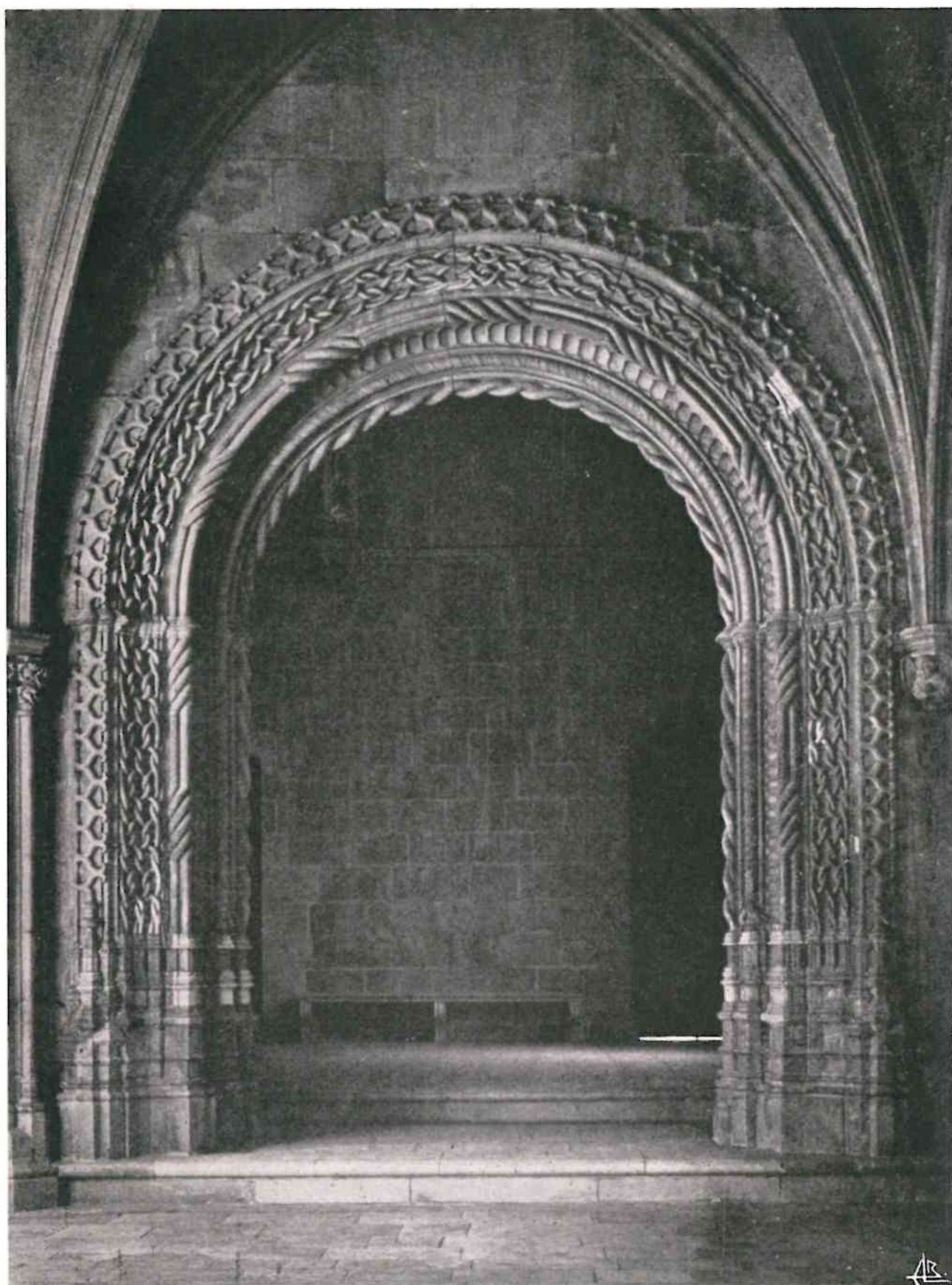
MOSTEIRO DA BATALHA — Jardim do Claustro Real
MONASTÈRE DE BATALHA — Jardin du Cloître Royal



MOSTEIRO DA BATALHA — Lavabo do Claustro Real
MONASTÈRE DE BATALHA — Lavabo du Cloître Royal



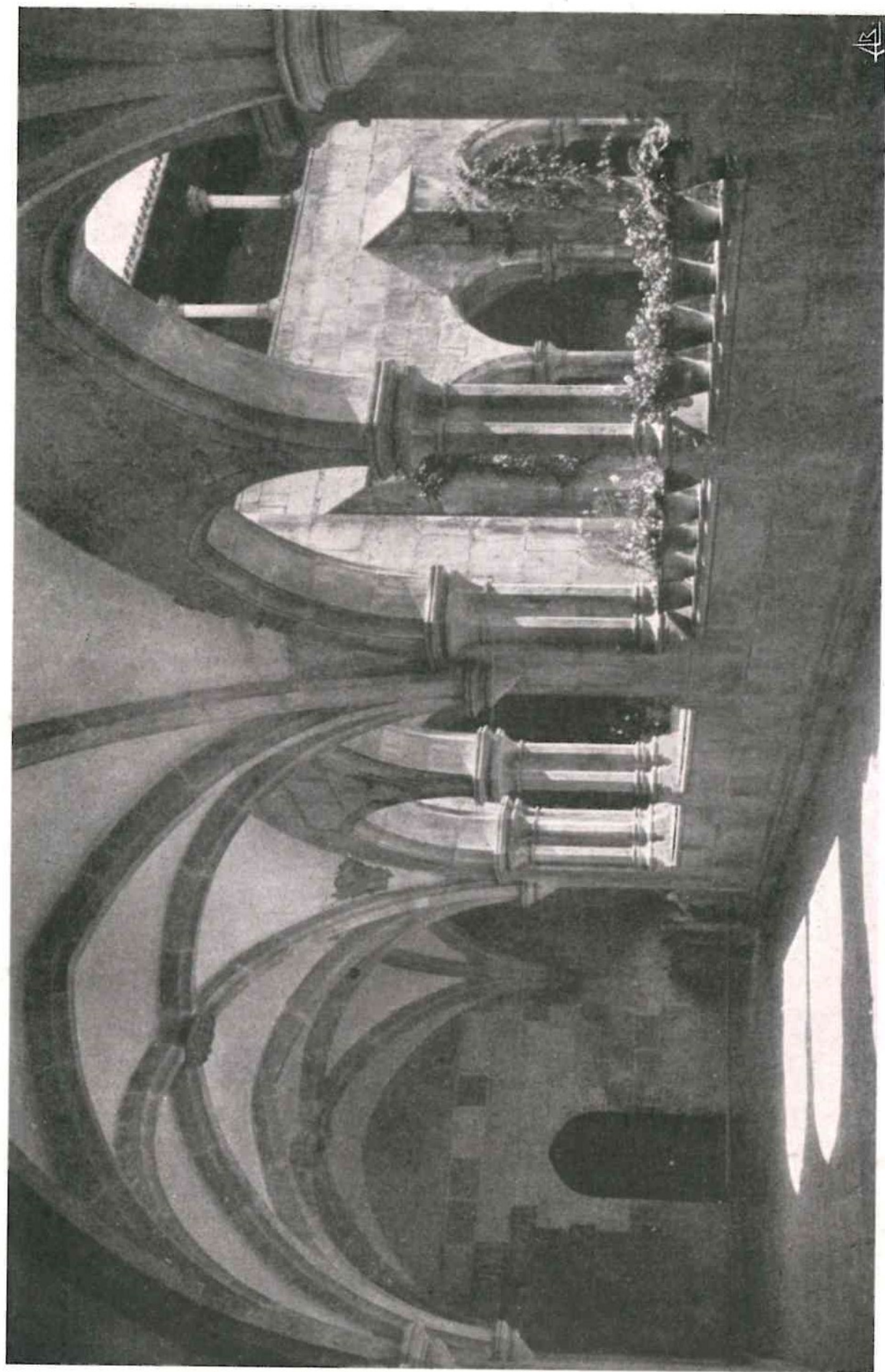
MOSTEIRO DA BATALHA — Lavabo do Claustro Real, do lado do Refeitório
MONASTÈRE DE BATALHA — Lavabo du Cloître Royal, du côté du Réfectoire



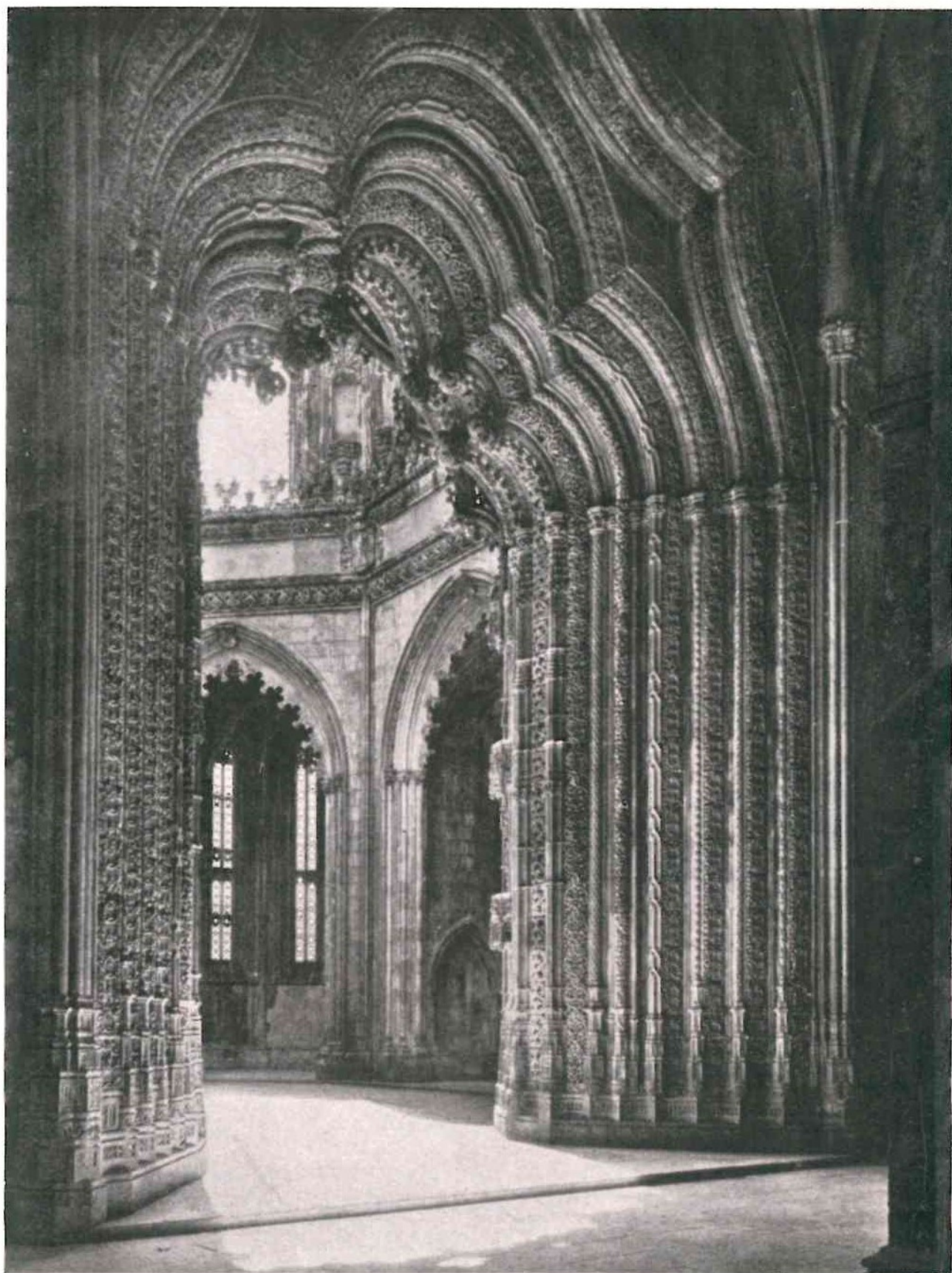
MOSTEIRO DA BATALHA — Porta da Sala de D. Fernando
MONASTÈRE DE BATALHA — Porte de la Salle de D. Fernando



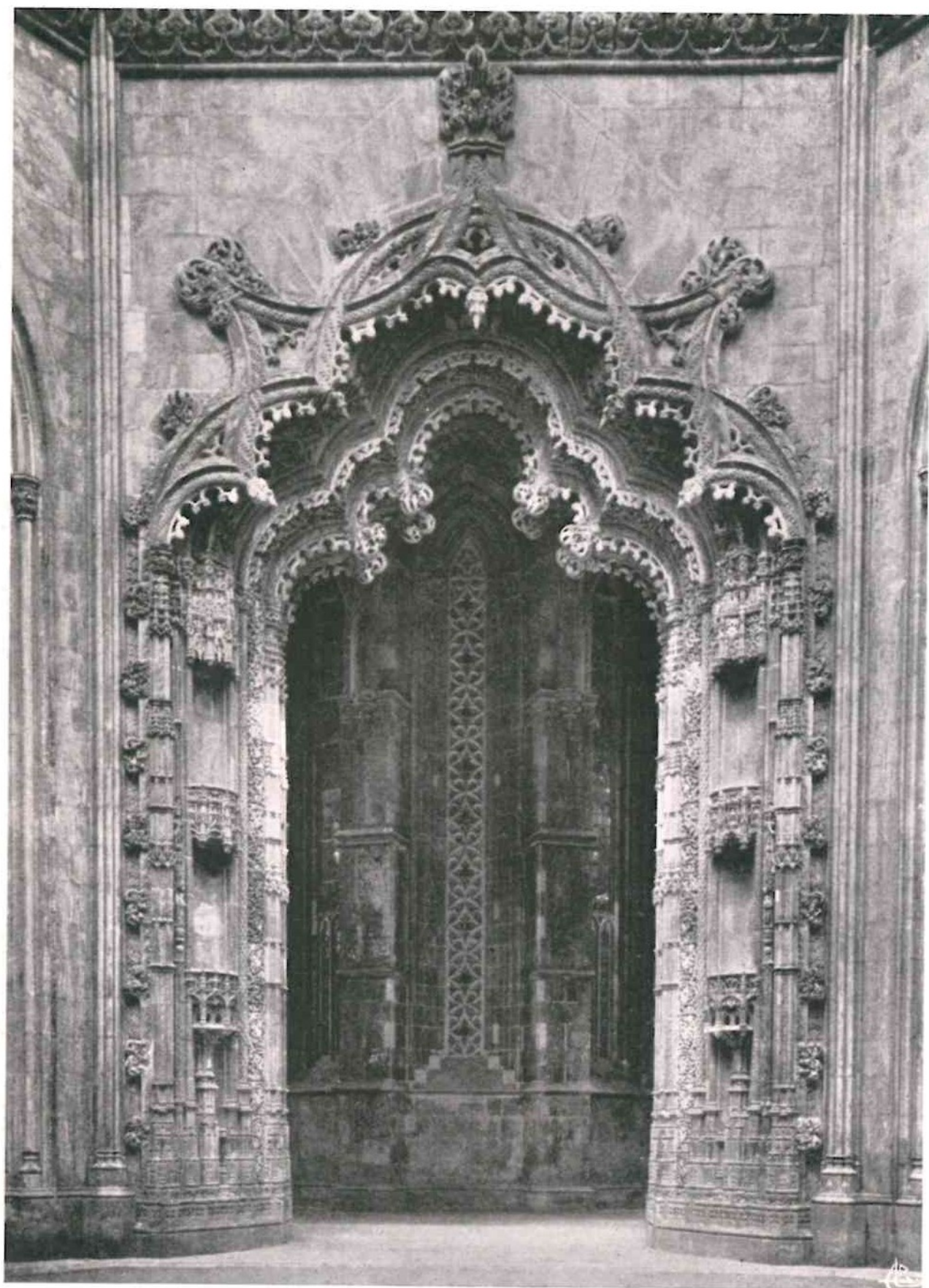
MOSTEIRO DA BATALHA — Refeitório (Museu de oferendas ao Soldado Desconhecido)
MONASTÈRE DE BATALHA — Réfectoire (Musée de offrandes au Soldat Inconnu)



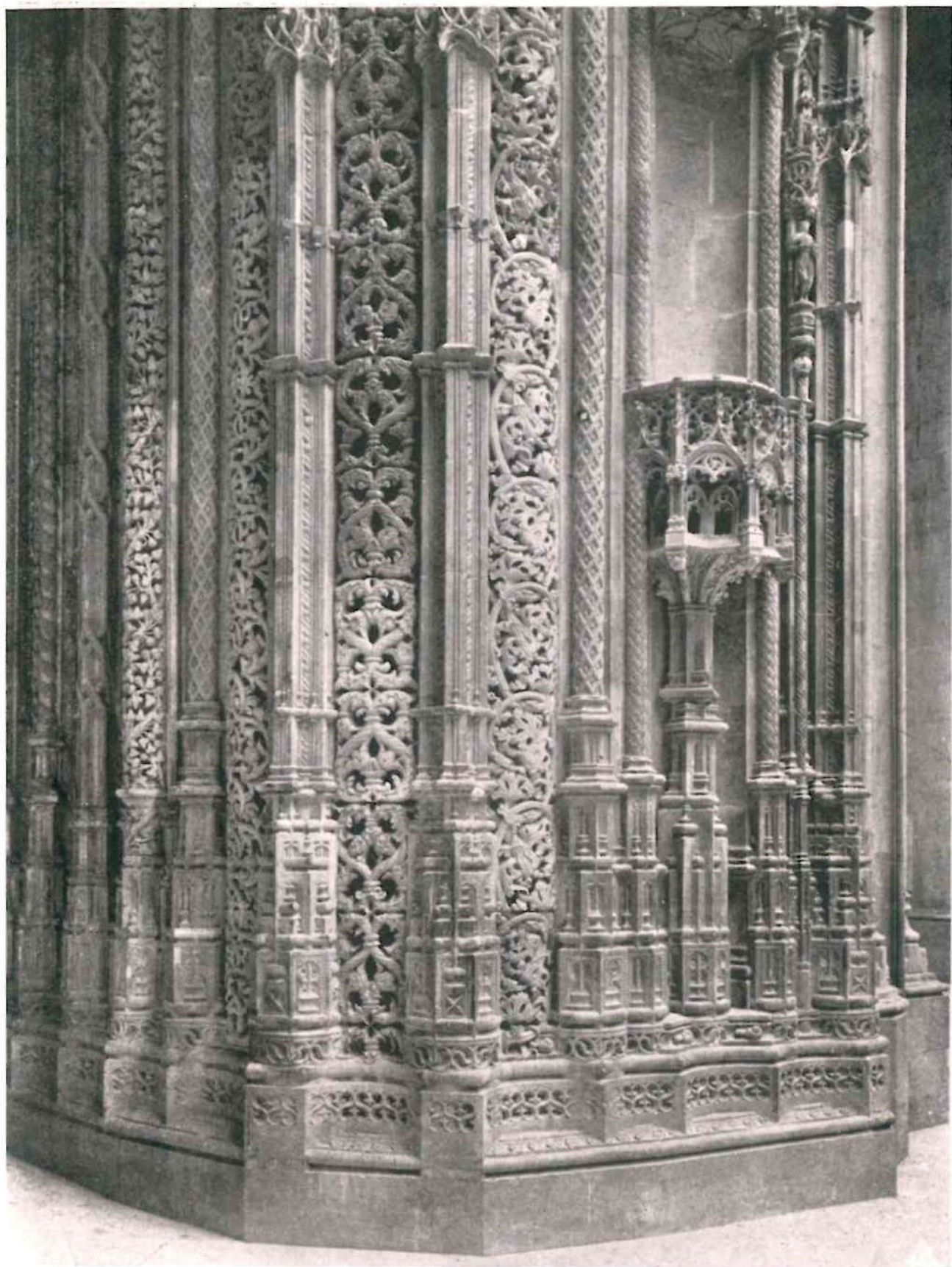
MOSTEIRO DA BATALHA — Claustro de D. Afonso V
MONASTÈRE DE BATALHA — Cloître de D. Afonso V



MOSTEIRO DA BATALHA — Entrada para as Capelas Imperfeitas,
face exterior
MONASTÈRE DE BATALHA — Entrée des Chapelles Imparfaites,
face extérieure

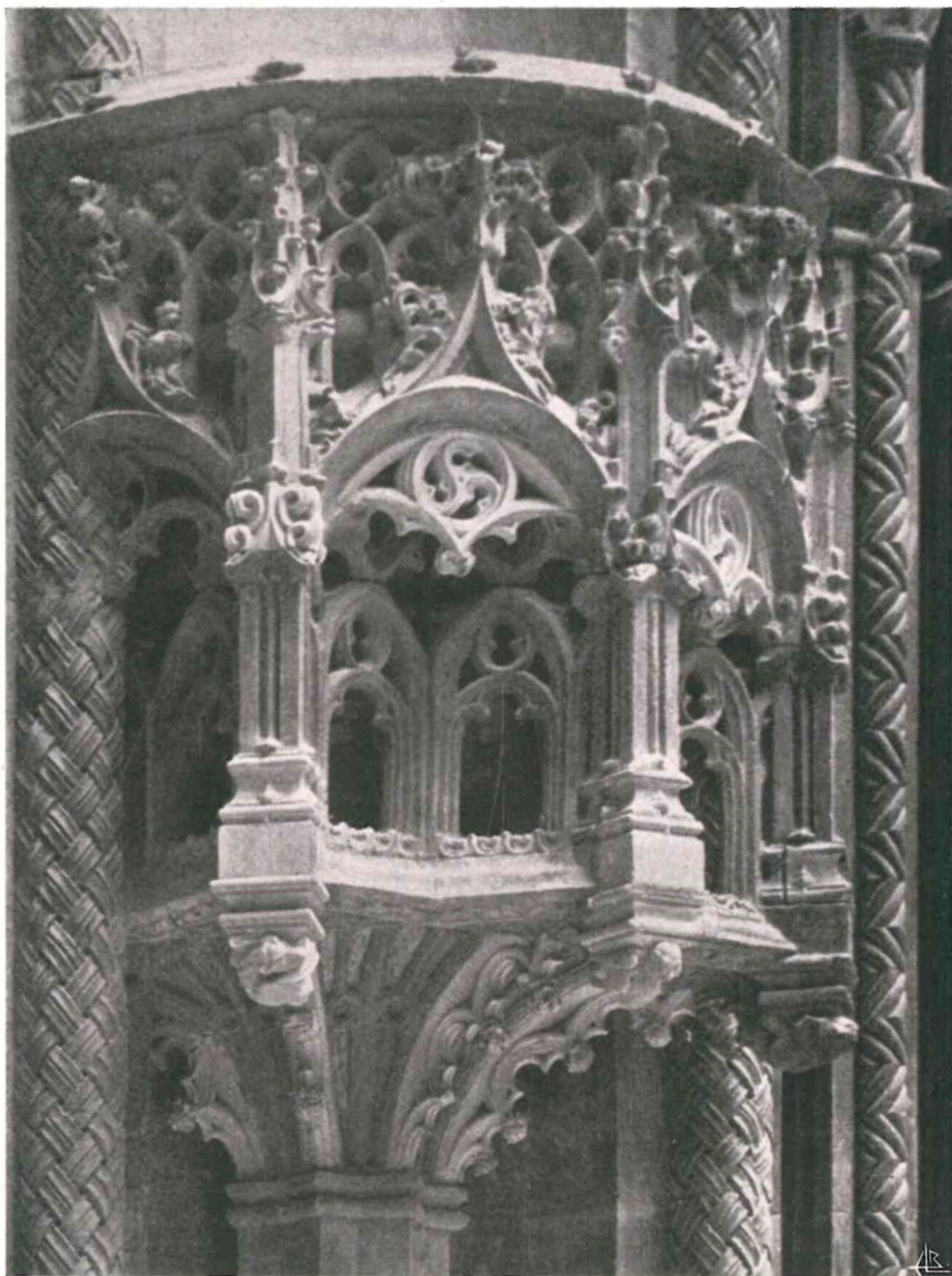


MOSTEIRO DA BATALHA — Porta das Capelas Imperfeitas, face interior
MONASTÈRE DE BATALHA — Porte des Chapelles Imparfaites, face intérieure



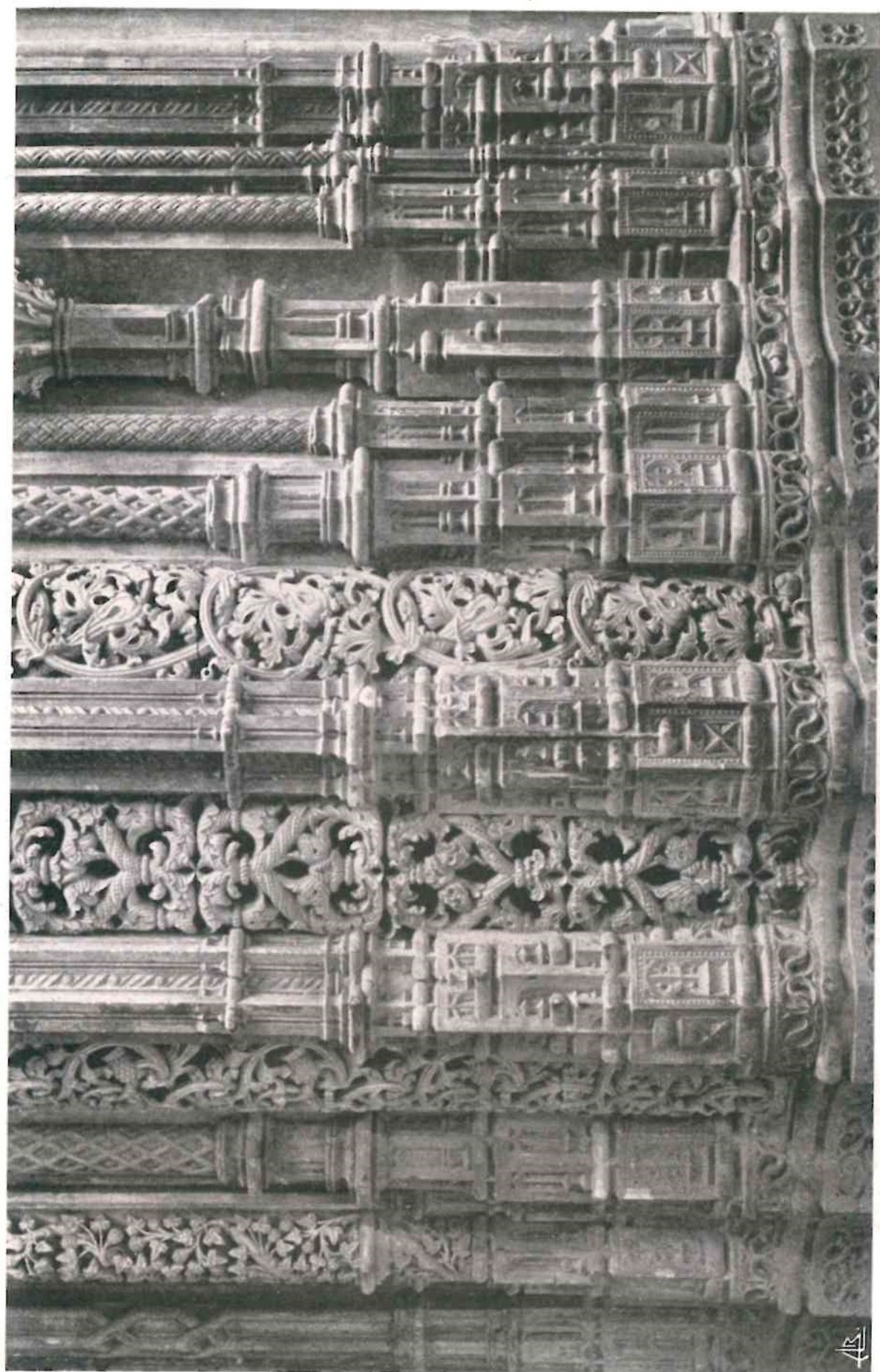
MOSTEIRO DA BATALHA — Pormenor da porta das Capelas Imperfeitas,
face exterior

MONASTÈRE DE BATALHA — Détails de la porte des Chapelles Imparfaites,
face extérieure

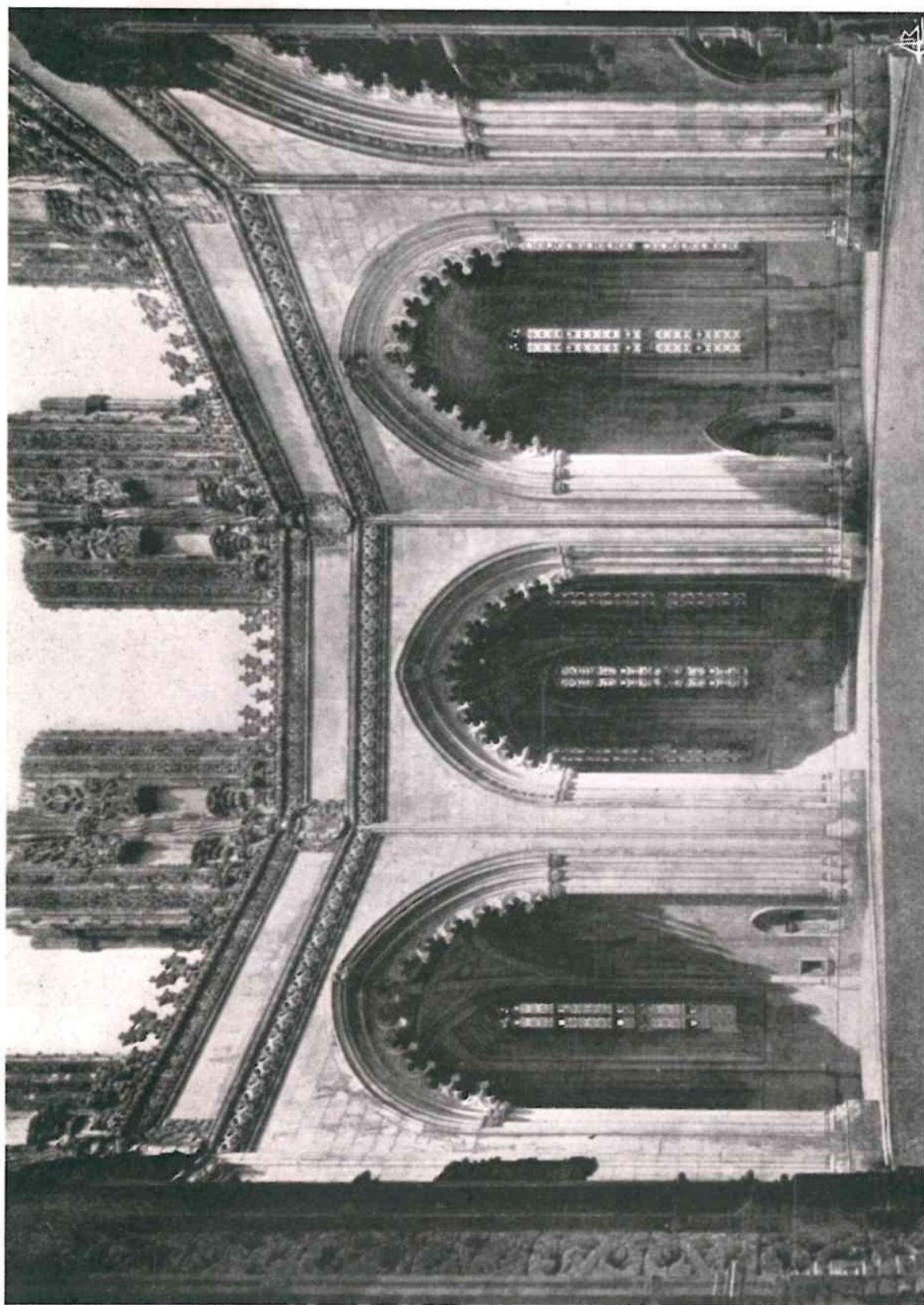


MOSTEIRO DA BATALHA — Pormenor da porta das Capelas Imperfeitas,
face interior

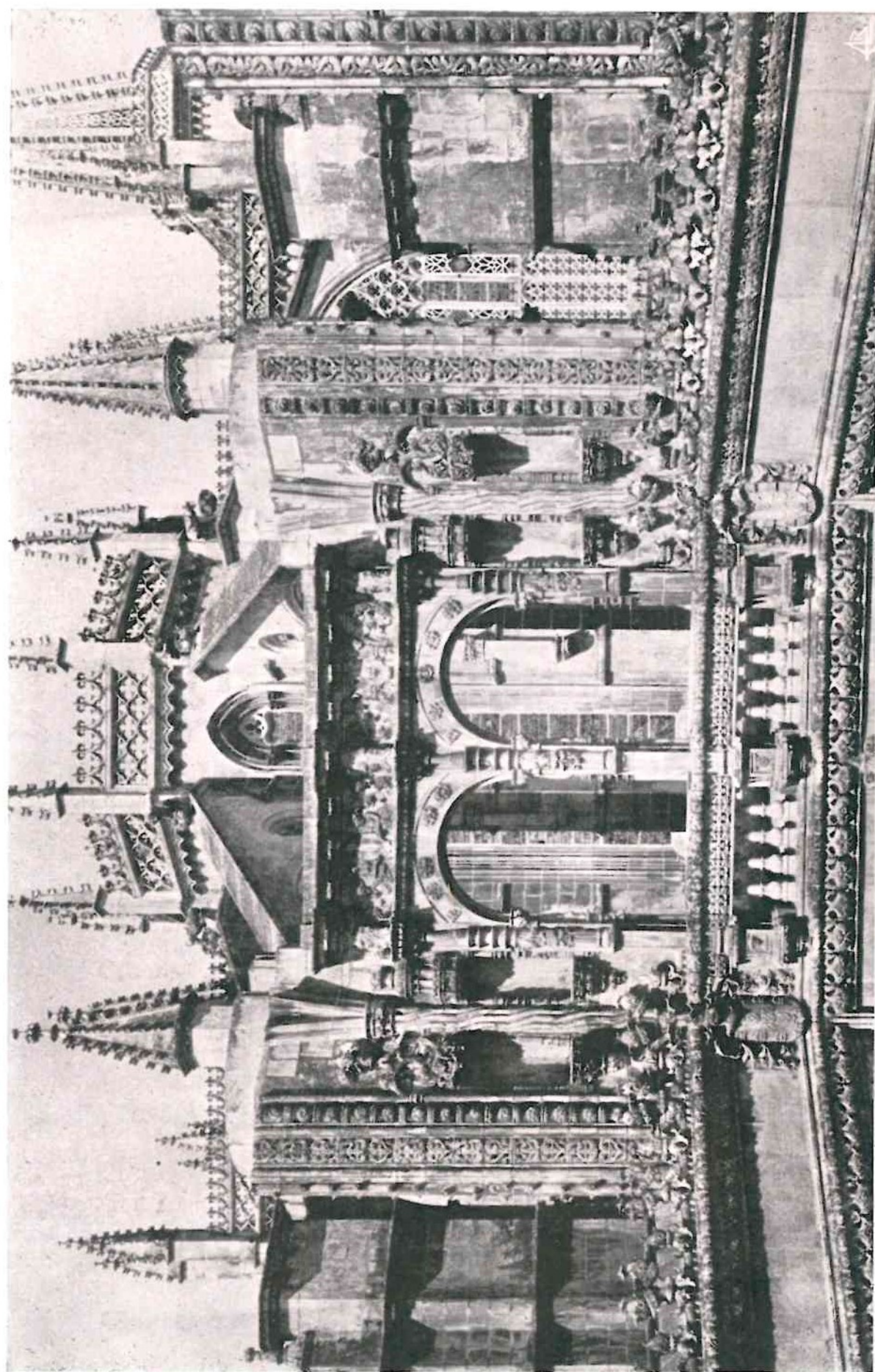
MONASTÈRE DE BATALHA — Détails de la porte des Chapelles Imparfaites,
face intérieure



MOSTEIRO DA BATALHA — Pormenor da porta das Capelas Imperfeitas, face interior
MONASTÈRE DE BATALHA — Détails de la porte des Chapelles Imparfaïtes, face intérieure



MOSTEIRO DA BATALHA — Interior das Capelas Imperfeitas, parte inferior
MONASTÈRE DE BATALHA — Intérieur des Chapelles Imparfaites, partie inférieure



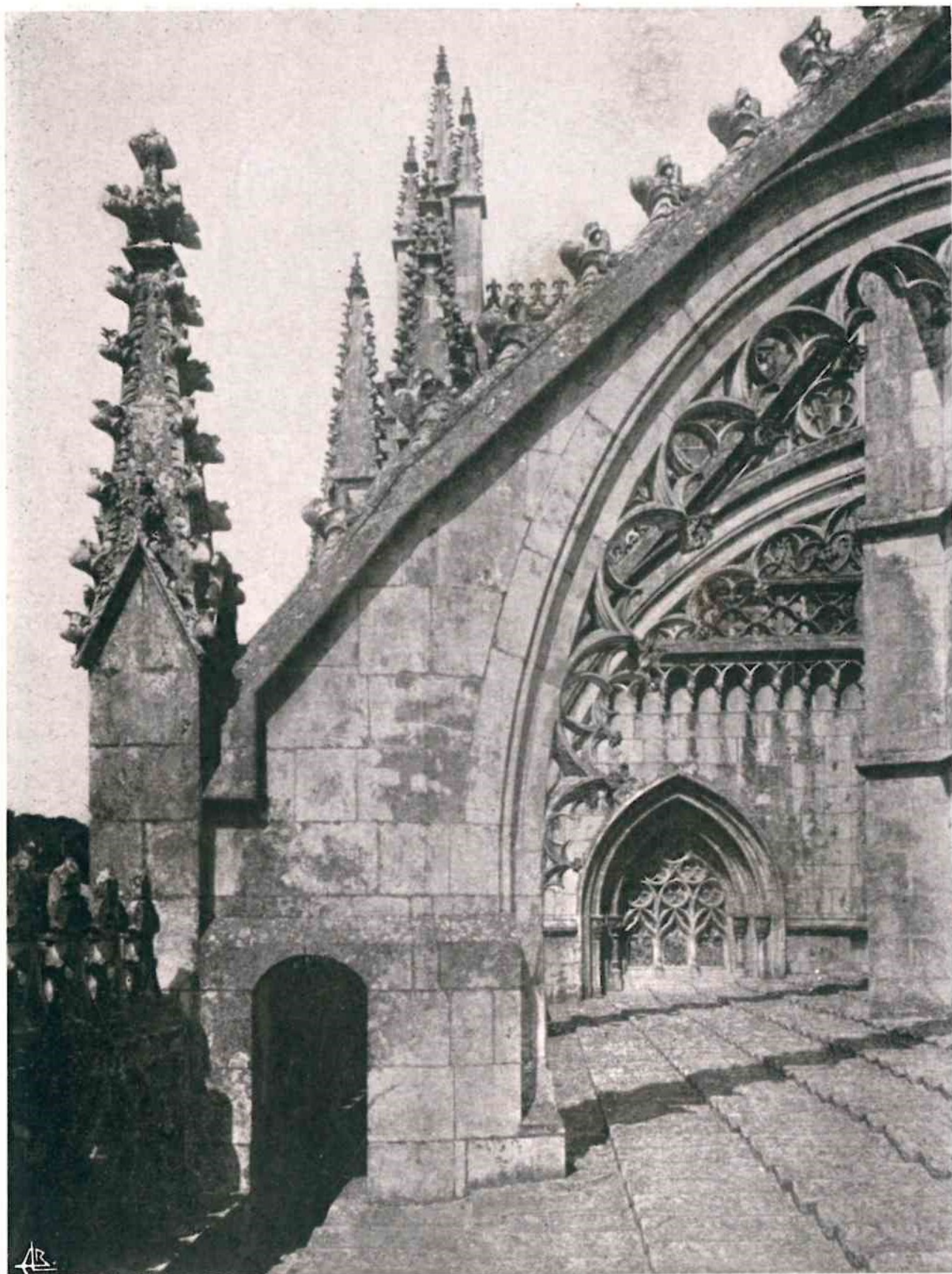
MOSTEIRO DA BATALHA — Interior das Capelas Imperfeitas, parte superior
MONASTÈRE DE BATALHA — Intérieur des Chapelles Imparfaites, partie supérieure



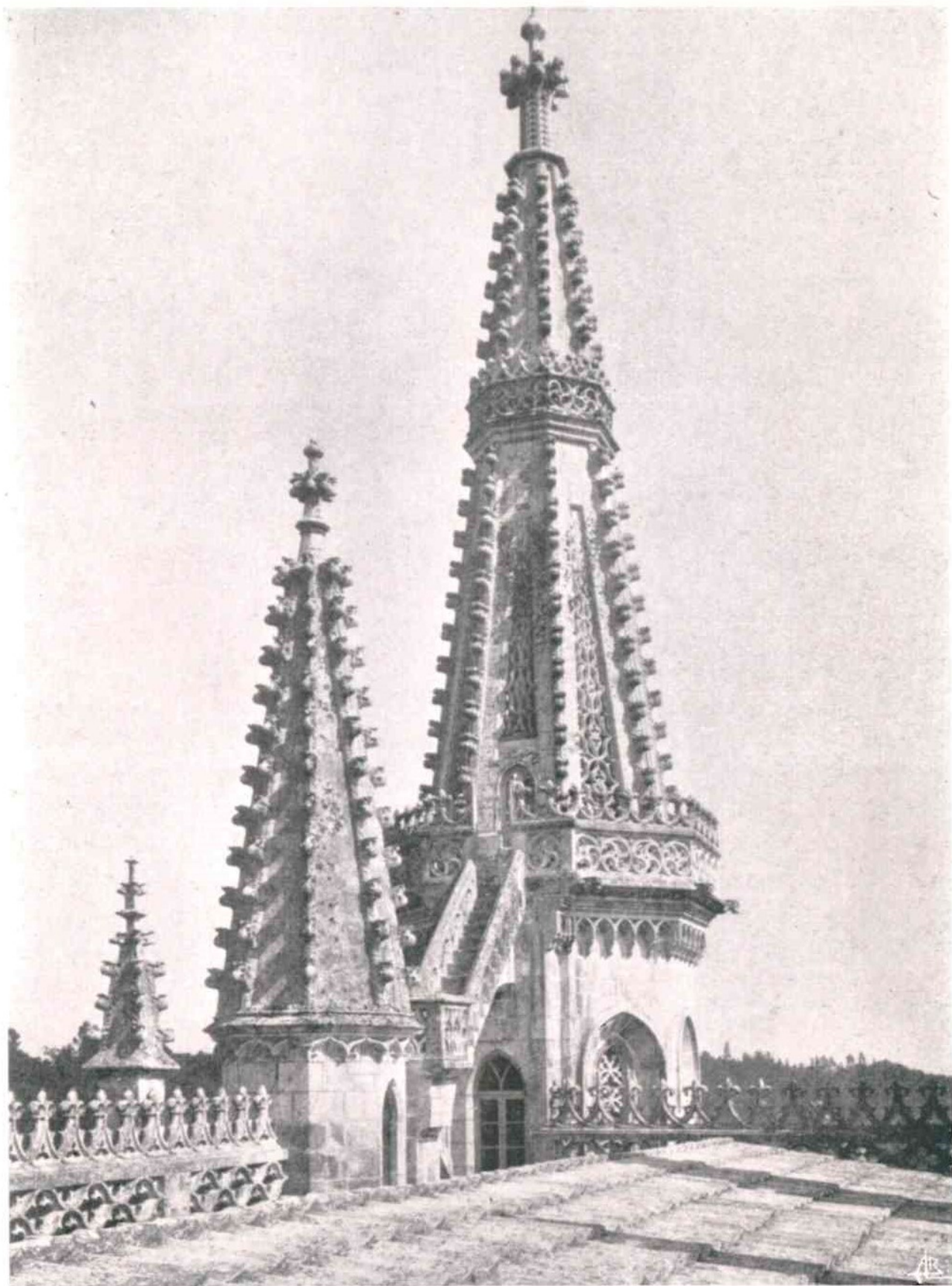
MOSTEIRO DA BATALHA — Balcão das Capelas Imperfeitas
MONASTÈRE DE BATALHA — Balcon des Chapelles Imparfaites



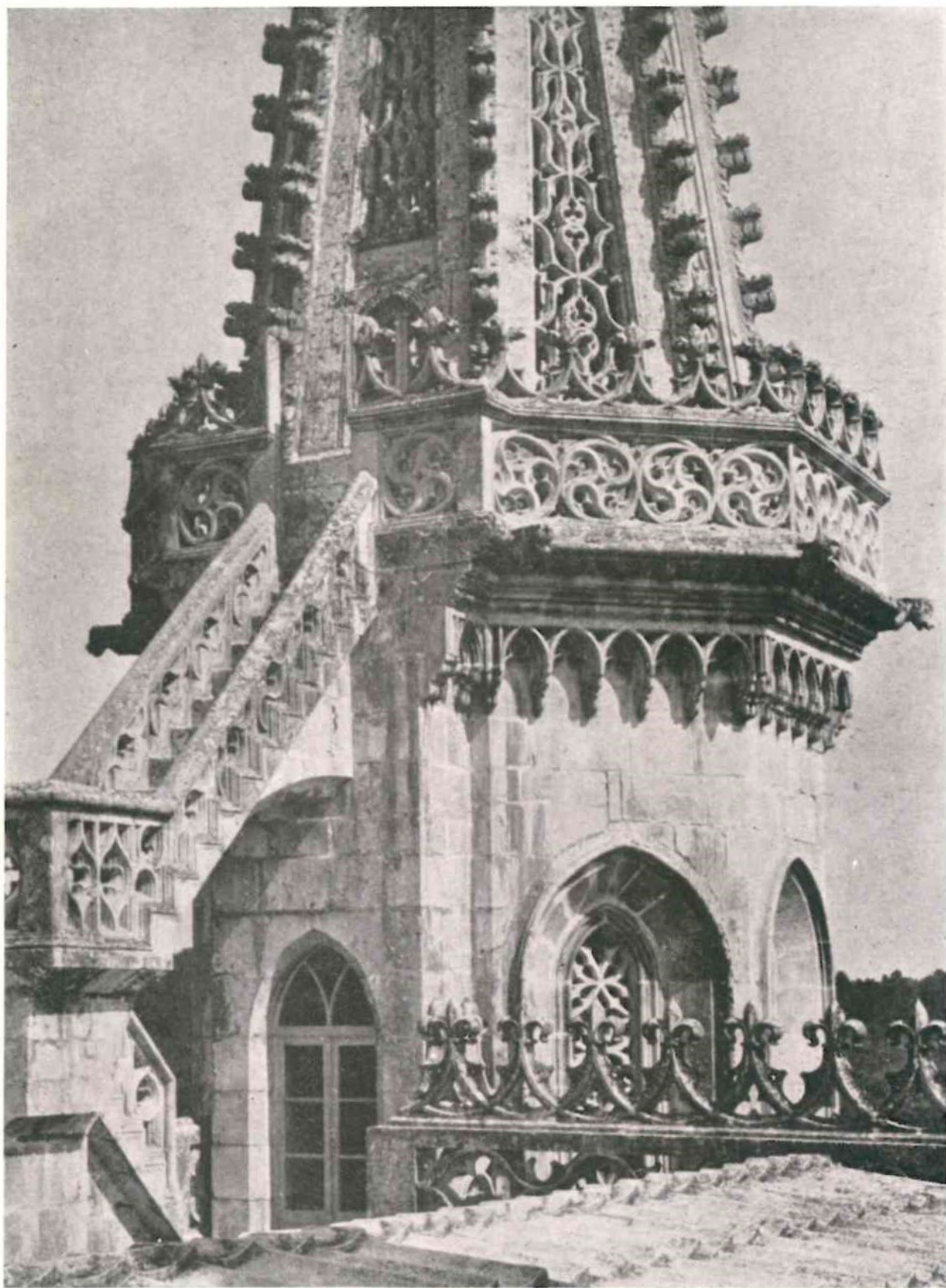
MOSTEIRO DA BATALHA — Terraço sobre o átrio das Capelas Imperfeitas
MONASTÈRE DE BATALHA — Terrasse sur l'átrium des Chapelles Imparfaites



MOSTEIRO DA BATALHA — Botaréus da ala norte
MONASTÈRE DE BATALHA — Arcs-boutants de l'aile nord



MOSTEIRO DA BATALHA — Agulha da Torre do Relógio
MONASTÈRE DE BATALHA — Flèche de la Tour de l'Horloge



MOSTEIRO DA BATALHA — Pormenor da Torre do Relógio
MONASTÈRE DE BATALHA — Détails de la Tour de l'Horloge



MOSTEIRO DA BATALHA — Gárgula
MONASTÈRE DE BATALHA — Gargouille



MOSTEIRO DA BATALHA — Porta da Igreja Matriz da Batalha
MONASTÈRE DE BATALHA — Porte de l'Eglise Matrice de Batalha

A ARTE EM PORTUGAL

SÉRIE DE VOL. DE VULGARIZAÇÃO ARTÍSTICA E ARQUEOLÓGICA

Volumes publicados:

- N.º 1 — PORTO — (*Mons. José Augusto Ferreira*)
N.º 2 — BRAGA — (*P.º Manuel de Aguiar Barreiros*)
N.º 3 — VILA DO CONDE — (*Mons. José Augusto Ferreira*)
N.º 4 — ALCOBACA — (*J. Vieira Natividade*)
N.º 5 — COIMBRA — (*A. Gonçalves*)
N.º 6 — TOMAR — (*Francisco Augusto Garcez Teixeira*)
N.º 7 — VIANA E CAMINHA — (*Dr. Luís Figueiredo da Guerra*)
N.º 8 — ÉVORA — (*Dr. Celestino David*)
N.º 9 — MAFRA — (*Júlio Ivo*)
N.º 10 — JERÓNIMOS — (*Dr. Reynaldo dos Santos*)
N.º 11 — GUIMARÃES — (*Alfredo Guimarães*)
N.º 12 — BATALHA — (*Dr. Pedro Vitorino*)
N.º 13 — SÉ DE LISBOA — (*Manuel Ribeiro*)
N.º 14 — SANTARÉM — (*Eng.º Zeferino Sarmiento*)
N.º 15 — SINTRA — (*D. José Pessanha*)

MARQUES ABREU-Editor-Av. Rodrigues de Freitas, 310-Porto
Depositário em Lisboa: LIVRARIA MORAIS-49, R. Assunção, 51
» na Batalha: LIVRARIA SAIMAM



